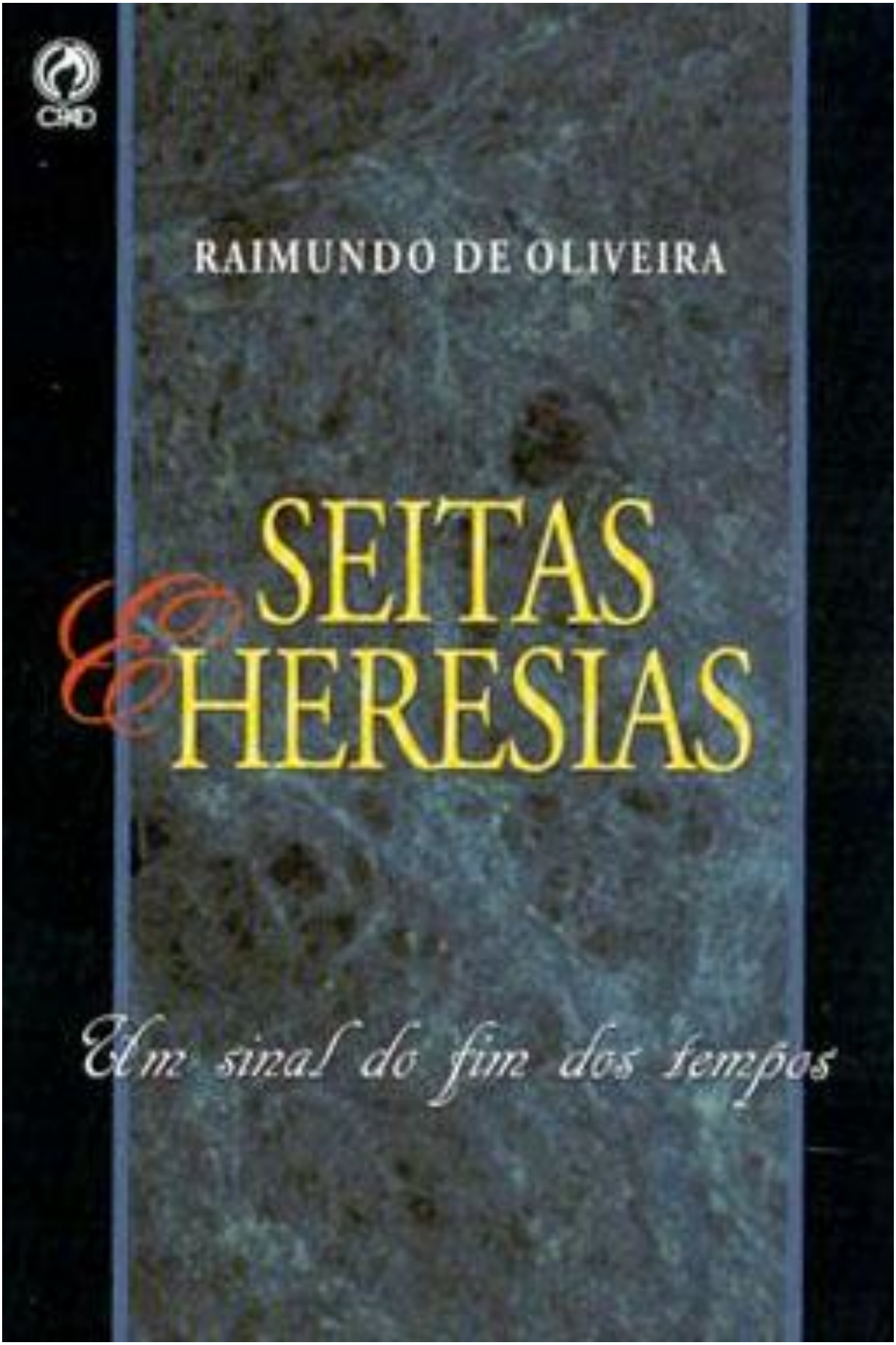

CPAD
RAIMUNDO DE OLIVEIRA
SEITAS & HERESIAS
Um sinal do fim dos tempos

E-book digitalizado por: ***Levita Digital***
Com exclusividade para:



www.ebooksgospel.com.br

ANTES DE LER

Estes e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante à aqueles que não tem condições econômicas para comprar.
Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

* * * *

"Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando."
Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!

E-books Gospel

RAIMUNDO DE OLIVEIRA

SEITAS E HERESIAS

Um sinal do fim dos tempos



Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação de Original: Kleber Cruz
Revisão: Patrícia Oliveira
Capa: Eduardo Souza
Projeto gráfico do miolo: Daniel Bonates
Editoração eletrônica: Oséas Felicio Maciel

CDD: 280 - Seitas
ISBN. 85-263-0388-0

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site:
http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

23ª edição/2002

SUMÁRIO

Introdução.....7
1. O Catolicismo Romano.....11
2. O Espiritismo.....37
3. O Adventismo do *1*- Dia.....65
4. As Testemunhas-de-jeová.....77
5. O Mormonismo.....101
6. O Evolucionismo.....117
7. O Neomodernismo Teológico.....131
8. A Congregação Cristã no Brasil..... 141
9. Só Jesus.....153
10. OTeosofismo.....159
11. O Comunismo Marxista.....167
12. O Racionalismo Cristão..... 181
13. AMaçonaria.....203
14. Outras Seitas e "Ismos" Modernos.....227
Bibliografia.....251



Babel, fonte de inspiração das seitas falsas e heresias em todos os tempos

INTRODUÇÃO

Heresia deriva da palavra grega *háiresis* e significa: "escolha", "seleção", "preferência". Daí surgiu a palavra **seita,** por efeito de semântica.

Do ponto de vista cristão, heresia é o ato de um indivíduo ou de um grupo afastar-se do ensino da Palavra de Deus e adotar e divulgar suas próprias idéias, ou as idéias de outrem, em matéria de religião. Em resumo, é o abandono da verdade.

O termo *háiresis* aparece no original em Atos 5.17; 15.5; 24.5; 26.5; 28.22. Por sua vez, "heresia" aparece em Atos 24.11; 1 Coríntios 11.9; Gálatas 5.20 e 2 Pedro 2.1.

O estudo da heresiologia é importante, sobretudo pelo fato de os ensinos heréticos e o surgimento das seitas falsas serem parte da escatologia, isto é, um dos sinais dos tempos sobre os quais falaram Jesus e seus apóstolos.

O apóstolo Paulo, por exemplo, nos dois primeiros versículos do capítulo quatro da sua primeira epístola a Timóteo, escreve:

"Mas o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência".

O apóstolo Pedro escreve também:

"Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de negarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme" (2 Pe 2.1-3).

Uma seita é identificada, em geral, por aquilo que ela prega a respeito dos seguintes assuntos:

1. A Bíblia Sagrada
2. A Pessoa de Deus
3. A queda do homem e o pecado
4. A Pessoa e a obra de Cristo
5. A salvação
6. O porvir

Se o que uma seita ensina sobre estes assuntos não se coaduna com as Escrituras, podemos estar certos de que estamos diante duma seita herética.

Entre as muitas razões para o surgimento de seitas falsas no

mundo, hoje, destacam-se as seguintes:

1. A ação diabólica no mundo (2 Co 4.4).
2. A ação diabólica contra a Igreja (Mt 13.25).
3. A ação diabólica contra a Palavra de Deus (Mt 13.19).
4. O descuido da Igreja em pregar o Evangelho completo (Mt 13.25).
5. A falsa hermenêutica (2 Pe 3.16).
6. A falta de conhecimento da verdade bíblica (1 Tm 2.4).
7. A falta de maturidade espiritual (Ef 4.14).

Esperamos, pois, que a leitura deste livro possa de alguma forma ajudar àqueles que estão à procura da verdade libertadora, Jesus Cristo (Jo 8.38).

I
O CATOLICISMO ROMANO

Até há bem pouco tempo, os melhores livros escritos sobre seitas e heresias não incluíam a Igreja Católica Romana no seu esquema de estudos, talvez devido ao fato de grande parte deles terem sido escritos em países onde essa igreja não exercia suficiente influência para ser notada como tal. Não é esse o caso do Brasil, onde a grande maioria dos membros de nossas igrejas, teoricamente, veio do catolicismo romano, já que essa igreja é majoritária (pelo menos nominalmente) em nossa pátria desde o seu descobrimento, em 1500.

I. RESUMO HISTÓRICO DO CATOLICISMO

A Igreja Católica menciona o ano 33 d.C. como a data da sua fundação. Isto vem do fato de que toda ramificação do Cristianismo costuma ligar a sua origem à Igreja fundada por Jesus Cristo. Porém, quanto ao desenvolvimento da organização eclesiástica e doutrinária da Igreja Romana, é muito difícil fixar com exatidão a data de sua fundação, porque o seu afastamento das doutrinas bíblicas deu-se paulatinamente.

1.1. COMEÇO DA DEGENERAÇÃO

Durante os primeiros três séculos da Era Cristã, a perseguição à Igreja verdadeira ajudou a manter a sua pureza, preservando-a de líderes maus e ambiciosos. Nessa época, ser cristão significava um grande desafio, e aqueles que fielmente seguiam a Cristo sabiam que tinham suas cabeças a prêmio, pois eram rejeitados e perseguidos pelos poderosos. Só os realmente salvos se dispunham a pagar esse preço.

Graças à tenacidade e coragem dos Pais da Igreja e dos famosos apologistas cristãos, o combate da Igreja às heresias que surgiram nessa época resultou numa expressão mais clara da teologia cristã. Quando os imperadores propuseram-se a exterminar a Igreja Cristã, só os que estavam dispostos a renunciar o paganismo e a sofrer o martírio declaravam sua fé em Deus.

Logo no início do século IV, Constantino ascendeu ao posto de imperador. Isso parecia ser o triunfo final do Cristianismo, mas, na realidade, produziu resultados desastrosos dentro da Igreja. Em 312, Constantino apoiou o Cristianismo e o fez religião oficial do Império Romano. Proclamando a si mesmo benfeitor do Cristianismo, achou-se no direito de convocar um Concilio em Nicéia, para resolver certos problemas doutrinários gerados por determinados segmentos da Igreja. Nesse Concilio foi estabelecido o chamado "Credo dos Apóstolos".

1.2. CAUSAS DA DECADÊNCIA DA IGREJA

A decadência doutrinária, moral e espiritual da Igreja começou quando milhares de pessoas foram por ela batizadas e recebidas como

membros, sem terem experimentado uma real conversão bíblica. Verdadeiros pagãos que eram, introduziram-se no seio da Igreja trazendo consigo os seus deuses, que, segundo eles, eram o mesmo Deus adorado pelos cristãos.

Nesse tempo, homens ambiciosos e sem o temor de Deus começaram a buscar posições na Igreja como meio de obter influência social e política, ou para gozar dos privilégios e do sustento que o Estado garantia a tantos quantos fizessem parte do clero. Deste modo, o formalismo e as crenças pagas iam-se infiltrando na Igreja até o nível de paganizá-la completamente.

1.3. RAÍZES DO PAPADO E DA MARIOLATRIA

Desde o ano 200 a.C. até o ano 276 da nossa Era, os imperadores romanos haviam ocupado o posto e o título de Sumo Pontífice da Ordem Babilônica. Depois que o imperador Graciano se negara a liderar essa religião não-cristã, Dâmaso, bispo da Igreja Cristã em Roma, foi nomeado para esse cargo no ano 378. Uniram-se assim numa só pessoa todas as funções dum sumo sacerdote apóstata e os poderes de um bispo cristão.

Imediatamente depois deste acontecimento, começou-se a promover a adoração a Maria como a Rainha do Céu e a Mãe de Deus. Daí procederam todos os absurdos romanistas quanto à humilde pessoa de Maria, a mãe do Salvador.

Enquanto se desenvolvia a adoração a Maria, os cultos da Igreja de Roma perdiam cada vez mais os elementos espirituais e a perfeita compreensão das funções sobrenaturais da graça de Deus. Formas pagas, como a ênfase sobre o mistério e a magia, influenciaram essa igreja. O sacerdote, o altar, a missa e as imagens de escultura assumiram papel de preponderância no culto. A autoridade era centralizada numa igreja dita infalível e não na vontade de Deus, conforme expressada pela sua Palavra.

1.4. O CISMA ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE

O cisma entre o Oriente e o Ocidente logo tornou-se evidente. O rompimento final aconteceu, em 1054, com a Igreja Ocidental, ou Romana, sediada em Roma, então Capital do Império, por parte da Igreja Oriental, ou Ortodoxa, que assim separou-se da Igreja Romana, ficando sediada em Constantinopla, hoje Istambul, na Turquia. A Igreja Oriental guardou a primazia sobre os patriarcados de Jerusalém, Antioquia e Alexandria.

Desde então, a Igreja Romana, nitidamente desviada dos princípios ensinados por Jesus no seu Evangelho, esteve como um barco à deriva, sem saber onde aportar. Até que veio a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero. Foi mais um cisma na já combalida Igreja Romana.

II. PAGANIZAÇÃO DA IGREJA ROMANA

Note a seguir o processo da gradual paganização da Igreja Católica Romana, desde que ela começou a abandonar a simplicidade do Evangelho de Cristo, até os nossos dias:

Século	Ano	Dogma ou Cerimônia
I-II	33-196	Nesse período da História, a Igreja não aceitou nenhuma doutrina anti-bíblica.
II	197	Zeferino, bispo de Roma, começa um movimento herético contra a divindade de Cristo.
III	217	Calixto se torna bispo de Roma, pondo-se à frente da propaganda herética e levando a Igreja de Roma para mais longe do caminho de Cristo.
III	270	Origem da vida monástica no Egito, por Santo Antônio.
IV	370	Culto dos santos professado por Basílio de Cesaréia e Gregório de Nazianzo. Primeiros indícios do turíbulo (incensário), paramentos e altares nas igrejas, usos esses introduzidos pela influência dos pagãos convertidos.
IV	400	Orações pelos mortos e sinal da cruz feito no ar.
V	431	Maria é proclamada a "Mãe de Deus".
VI	593	O dogma do Purgatório começa a ser ensinado.
VI	600	O latim passa a ser usado como língua oficial nas VI celebrações litúrgicas.
VII	609	Começo histórico do papado.
VIII	758	A confissão auricular é introduzida na igreja por religiosos do Oriente.
VIII	789	Início do culto das imagens e das relíquias.
IX	819	A festa da Assunção de Maria é observada pela primeira vez.
IX	880	Canonização dos santos.
X	998	Estabelecimento do Dia de Finados.
X	998	Quaresma.
X	1000	Cânon da Missa.
XI	1074	Proíbe-se o casamento para os sacerdotes.
XI	1075	Os sacerdotes casados devem divorciar-se, compulsoriamente, cada um de sua esposa.
XI	1095	Indulgências plenárias.
XI	1100	Introduzem-se na igreja o pagamento da missa e o culto aos anjos.
XI	1115	A confissão é transformada em artigo de fé.
XII	1025	Entre os cônegos de Lião aparecem as primeiras idéias da Imaculada Conceição de Maria.

XII	1160	Estabelecidos os 7 sacramentos.
XII	1186	O Concilio de Verona estabelece a "Santa Inquisição".
XII	1190	Estabelecida a venda de indulgências.
XII	1200	Uso do rosário por São Domingos, chefe da inquisição.
XII	1215	A transubstanciação é transformada em artigo de fé.
XIII	1220	Adoração à hóstia.
XIII	1226	Introduz-se a elevação da hóstia.
XIII	1229	Proíbe-se aos leigos a leitura da Bíblia.
XIII	1264	Festa do Sagrado Coração.
XIII	1303	A Igreja Católica Apostólica Romana é proclamada como sendo a única verdadeira, e somente nela o homem pode encontrar a salvação...
XIV	1311	Procissão do Santíssimo Sacramento e a oração da Ave-Maria.
XIV		
XV	1414	Definição da comunhão com um só elemento, a hóstia. O uso do cálice fica restrito ao sacerdote.
XV	1439	Os 7 sacramentos e o dogma do Purgatório são transformados em artigos de fé.
XVI	1546	Conferida à Tradição autoridade igual a da Bíblia.
XVI	1562	Declara-se que a missa é oferta propiciatória e confirma-se o culto aos santos.
XVI	1573	É estabelecida a canonicidade dos livros apócrifos.
XIX	1854	Definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria.
XIX	1864	Declaração da autoridade temporal do papa.
XIX	1870	Declaração da infalibilidade papal.
XX	1950	A assunção de Maria é transformada em artigo de fé.

Vale salientar que alguns dos dados aqui registrados são apenas aproximados, pois muitas e muitas vezes as doutrinas eram discutidas, algumas durante séculos, antes de serem finalmente aceitas e promulgadas como artigos de fé, ou dogmas. Um exemplo disto é o dogma do Purgatório, introduzido na Igreja Romana em 593, mas só declarado artigo de fé no ano de 1439.

III. É PEDRO O FUNDAMENTO DA IGREJA?

A Igreja Católica Romana considera o apóstolo Pedro como a pedra fundamental sobre a qual Cristo edificou a sua Igreja. Para fundamentar esse ensino, apela, principalmente, para a passagem de Mateus 16.16-19: "E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo,

o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do Reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus".

Dessa passagem, a Igreja Romana deriva o seguinte raciocínio:

a. Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja está edificada.

b. A Pedro foi dado o poder das chaves, portanto, só ele detém o poder de abrir a porta do Reino dos céus.

c. Pedro tornou-se o primeiro bispo de Roma.

d. Toda autoridade foi conferida a Pedro até nossos dias, através da linhagem de bispos e papas, todos vigários de Cristo na Terra.

3.1. Uma Interpretação Absurda

Partindo deste raciocínio, o padre Miguel Maria Giambelli põe o versículo 19 de Mateus 16 nos lábios de Jesus, da seguinte maneira: "Nesta minha Igreja, que é o reino dos céus aqui na terra, eu te darei também a plenitude dos poderes executivos, legislativos e judiciários, de tal maneira que qualquer coisa que tu decretares, eu a ratificarei lá no Céu, porque tu agirás em meu nome e com a minha autoridade" *(A Igreja Católica e os Protestantes,* p. 68).

Numa simples comparação entre a teologia vaticana e a Bíblia, a respeito do apóstolo Pedro e sua atuação no seio da igreja nascente, descobre-se quão absurda é a interpretação romanista a respeito da pessoa e ministério desse apóstolo do Senhor. Mesmo numa despretensiosa análise do assunto, conclui-se que:

1) Pedro jamais assumiu no seio do Cristianismo nascente a posição e as funções que a teologia católico-romana procura atribuir-lhe.

O substantivo feminino *petra* designa do grego uma *rocha* grande e firme. Já o substantivo masculino *petros* é aplicado geralmente a *pequenos blocos rochosos,* móveis, bem como a pedras pequenas, tais como a pedra de arremesso. Pedro é *petros* = bloco rochoso e móvel e não *petra* = rocha grande e firme. Portanto, uma igreja sobre a qual as portas do inferno não prevaleceriam não poderia repousar sobre Pedro.

2) De acordo com a Bíblia, Cristo é a pedra. "Estavas vendo isso, quando uma pedra foi cortada, sem mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou" (Dn 2.34).

"Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.20).

Nestes versículos, "pedra" se refere a Cristo e não a Pedro.

Diz o apóstolo Pedro: "Este Jesus é a pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular" (At 4.11, cf. Mc 12.10e

11). (Se desejar leia ainda Romanos 2.20; 9.33; 1 Coríntios 10.4 e 1 Pedro 2.4.)

3-2. O TESTEMUNHO DOS PAIS DA IGREJA

Dos oitenta e quatro Pais da Igreja antiga, só dezesseis crêem que o Senhor se referia a Pedro quando disse "esta pedra". Dos outros Pais da Igreja, uns dizem que esta expressão se refere à pessoa de Cristo mesmo, outros, à confissão que Pedro acabara de fazer, e outros, ainda, a todos os apóstolos. Portanto, se apelarmos para os Pais da Igreja dos primeiros quatro séculos, as pretensões da Igreja Romana com referência a Pedro, redundam em sofismas.

Só a partir do século IV começou-se a falar a respeito da possibilidade de Pedro ser a pedra fundamental da Igreja, e isto estava intimamente relacionado com a pretensão exclusivista do bispo de Roma.

À luz das palavras do próprio apóstolo Pedro, Cristo é *apetra* (= rocha grande e firme): "Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa" (1 Pe 2.4).

Todos os crentes são *petros* = blocos rochosos e moveis, "...vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por intermédio de Jesus Cristo" (1 Pe 2.5).

IV. O ALEGADO PRIMADO DE PEDRO

Da interpretação doutrinária que a Igreja Católica Romana faz de Mateus 16.16-19, deriva outro grande erro: o ensino de que Jesus fez de Pedro o "Príncipe dos Apóstolos", pelo que veio a se tornar o primeiro bispo de Roma, do qual os papas, no decorrer dos séculos, são legítimos sucessores.

Esteve Pedro em Roma alguma vez?

Há uma opinião sobre uma remota possibilidade de que Pedro tenha estado em Roma.

Oscar Cullman, teólogo alemão, escreve: "A primeira carta de Pedro... alude em sua saudação final (5.13) à estada de Pedro em

Roma, ao falar de 'Babilônia' como lugar da comunidade que envia saudações, pois que a opinião mais provável é que 'Babilônia' designa Roma".

Também Lietzmann, em sua obra *Petrus and Paulus in Rome* (Pedro e Paulo em Roma), assim se expressa sobre o assunto:

"Mais importante, porém, é a debatida afirmação de que Pedro, no decurso de sua atividade missionária, tenha chegado a Roma e aí morrido como mártir. Visto que esta questão está intimamente relacionada com a pretensão romana ao primado, freqüentemente a polêmica confessional influi na discussão. A resposta a ela só pode ser

fruto de pesquisa histórica desinteressada. Como, porém, ao lado das fontes neotestamentárias, vêm, em consideração, principalmente testemunhos extra e pós-canônicos da literatura cristã antiga, e, além disto, documentos litúrgicos posteriores, e ainda escavações recentes, esta questão não pode ser aqui discutida em todos os seus pormenores. Queremos apenas lembrar que, até a segunda metade do século II, nenhum documento afirmava expressamente a estada e martírio de Pedro em Roma".

4.1. PEDRO, UM PAPA DIFERENTE

Tenha ou não estado em Roma, o fato é que, se Pedro foi papa, foi um papa diferente dos demais que apareceram até agora. Se não, vejamos:

a. Pedro era financeiramente pobre (At 3.6).

b. Pedro era casado (Mt 8.14,15).

c. Pedro foi um homem humilde, pelo que não aceitou ser adorado pelo centurião Cornélio (At 10.25,26).

d. Pedro foi um homem repreensível (Gl 2.11-14).

É de estranhar que Tiago — e não Pedro, o "Príncipe dos Apóstolos", como ensina a teologia vaticana, fosse o pastor da comunidade cristã em Jerusalém (At 15). Se Pedro tivesse sido papa, certamente não teria aceito a orientação dos líderes da Igreja quanto à obra missionária (At 15.7). Se Pedro tivesse sido papa, a ordem das "colunas", conforme Paulo escreve em Gálatas 2.9, seria: "Cefas, Tiago e João", e não "Tiago, Cefas e João".

4.2. O PAPA, UM PEDRO DIFERENTE

A própria história do papado é uma viva demonstração de que os papas jamais conseguiram provar serem sucessores do apóstolo Pedro, já que em nada se assemelham àquele inflamado, mas humilde, servo do Senhor Jesus Cristo.

Vejamos, por exemplo:

a. Os papas são administradores de grandes fortunas da igreja. O clérigo José Maria Alegria, da Universidade Gregoriana de Roma, declarou, no final do ano de 1972, que o balanço financeiro do Vaticano dispunha de um ativo de um bilhão de dólares.

b. Os papas são celibatários, isto é, não se casam, não obstante ensinarem que o casamento é um sacramento.

c. Os papas freqüentemente aceitam a adoração dos homens.

d. Os papas consideram-se infalíveis nas suas decisões e decretos.

V. O PURGATÓRIO

A idéia do Purgatório tem suas raízes no budismo e em outros sistemas religiosos da antigüidade. Até a época do papa Gregório I,

porém, o Purgatório não havia sido oficialmente reconhecido como parte integrante da doutrina romanista.

Esse papa adicionou o conceito de fogo purificador à crença, então corrente, de que havia um lugar entre o céu e o inferno, para onde eram enviadas as almas daqueles que não eram tão maus, a ponto de merecerem o inferno, mas também, não eram tão bons, a ponto de merecerem o céu. Assim, surgiu a crença de que o fogo do Purgatório tem poder de purificar a alma e todas as suas escórias, até fazê-la apta a se encontrar com Deus.

5.1. Alegadas Razões Desse Dogma

Buscando provar a existência do Purgatório, a Igreja Romana apela para algumas passagens bíblicas, das quais extrai apenas falsas inferências, e nada mais. Entre os versículos preferidos, destacam-se os seguintes:

• "Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á isso perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir" (Mt 12.32).

• "Digo-vos que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo" (Mt 12.36).

• "...se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo" (1 Co 3.15).

5.2. Uma Descrição do Purgatório

De acordo com a teologia romanista, o Purgatório, além de ser um lugar de purificação, é também um lugar onde a alma cumpre pena; pelo que o fogo do Purgatório deve ser temido grandemente. O fogo do Purgatório será mais terrível do que todo o sofrimento corporal reunido. Um único dia nesse lugar de expiação poderá ser comparado a milhares de dias de sofrimentos terrenos.

O escritor católico Mazzarelli faz seus cálculos à base de trinta pecados veniais por dia, e, para cada pecado, um dia no Purgatório, perfazendo um total de mil e oitocentos anos, caso o pecador tenha sessenta anos de vida na Terra, devendo-se acrescentar aos veniais os pecados mortais absolvidos, mas não plenamente expiados.

5.3. Quem Vai para o Purgatório?

A pergunta: Que espécie de gente vai para o Purgatório? — responde o papa Pio IV: "1. Os que morrem culpados de pecados menores, que costumamos chamar veniais, e que muitos cristãos cometem — e que, ou por morte repentina, ou por outra razão, são chamados desta vida, sem que se tenham arrependido destas faltas ordinárias. 2. Os que, tendo sido formalmente culpados de pecados maiores, não deram plena satisfação deles à justiça divina" (A Base da

Doutrina Católica Contida na Profissão da Fé).



Pátio da Catedral de São Pedro, em Roma, centro de peregrinação e de paganização do mundo

Apesar do fato de as almas no Purgatório, segundo o ensino da Igreja Romana, terem sido já justificadas no batismo e pelo batismo, a justiça divina, contudo, não ficou plenamente satisfeita. Desse modo, a alma, embora escape do inferno, precisa suportar, por causa dos seus pecados que ainda restam por expiar depois da morte, a punição temporária do Purgatório. Isso foi categoricamente afirmado pelo Concilio de Trento: "Se alguém disser que, depois de receber a graça da justificação, a culpa é perdoada ao pecador penitente, e que é destruída a penalidade da punição eterna, e que nenhuma punição fica para ser paga, ou neste mundo ou no futuro, antes do livre acesso ao reino a ser aberto, seja anátema" (Seção VI).

5.4. SUFRÁGIOS PELOS QUE SE ACHAM NO PURGATÓRIO

Entre o que pode assistir aos que se encontram no Purgatório, há três atos que se destacam no ensino romanista, que são:

5.4.1. ORAÇÕES PELOS MORTOS

E de se supor que a prática romanista de interceder pelos mortos tenha-se gerado da falsa interpretação às seguintes palavras de Paulo: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens" (1 Tm2.1).

5.4.2. MISSAS

As missas são tidas como os principais recursos empregados em benefício das almas que estão no Purgatório, pois, segundo o ensino romanista, a missa beneficia não só a alma que sofre no Purgatório, como também acumula méritos àqueles que as mandam dizer.

5.4.3. ESMOLAS

Dar esmolas com a intenção de aplicá-las nas necessidades da alma que pena no Purgatório "é jogar água nas chamas que a devoram". Pretende a Igreja Romana que, "exatamente como a água apaga o fogo mais violento, assim a esmola lava o pecado".

Ainda sobre o Purgatório, o Concilio de Trento declarou: "Desde que a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo nos sagrados escritos e pela antiga tradição dos Pais, tem ensinado nos santos concílios, e ultimamente, neste Concilio Ecumênico, que há o Purgatório, e que as almas nele retidas são assistidas pelos sufrágios das missas, este santo concilio ordena a todos os bispos que, diligentemente, se esforcem para que a salutar doutrina concernente ao Purgatório — transmitida a nós pelos veneráveis pais e sagrados concílios — seja crida, sustentada, ensinada e pregada em toda parte pelos fiéis de Cristo" (Seção XXV).

5.5. REFUTAÇÃO

O Purgatório não é somente uma fábula engenhosamente montada, mas a sua doutrina se constitui num vergonhoso sacrilégio à honra de Deus e num desrespeito à obra perfeita efetuada por Cristo na cruz do Calvário. Essa doutrina, além de absurda e cruel, supõe os seguintes disparates e blasfêmias:

• Não obstante Deus declare que já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1), contudo, Ele se contradiz a si mesmo quando lança o salvo no Purgatório, para expiar os pecados já purgados.

• Deus não queima os seus filhos no Purgatório para satisfazer à sua justiça já satisfeita pelo sacrifício de Cristo, mas para satisfazer a si mesmo!

• Ao lançar seus filhos no Purgatório, Deus está com isto dizendo que o sacrifício do seu Filho foi imperfeito e insuficiente!

• Jesus, que dos céus intercede pelos pecadores, vê-se impossibilitado de livrar as almas que estão no Purgatório, porque só o papa possui a chave daquele cárcere!

• Dizer que as almas expiam suas faltas no Purgatório é atribuir ao fogo o poder do sacrifício de Jesus, e ignorar completamente a obra que Cristo efetuou no Gólgota!

• Que o castigo do pecado fica para depois de perdoado!

Estes disparates provêm dum erro da teologia vaticana, segundo o qual a obra expiatória de Cristo satisfez a pena devida aos pecados

cometidos antes do batismo, e não daqueles que foram cometidos posteriormente.

Todas estas incoerências sobre o dogma do Purgatório estão em contradição com as seguintes afirmações bíblicas:

a. Quanto à perfeita libertação do pecado (Jo 8.32,36).

b. Quanto ao completo livramento do juízo vindouro (Jo 5.24).

c. Quanto à completa justificação pela fé (Rm 5.1,2).

d. Quanto à intercessão de Cristo (1 Jo 2.1).

e. Quanto ao atual estado dos salvos mortos (Lc 23.43;Ap 14.13).

f. Quanto à bem-aventurada esperança do salvo (Fp 1.21,23;2Co5.8).

O que a Igreja Católica Romana chama "Purgatório", a Bíblia chama "Gehenna", ou "Inferno", lugar de suplício eterno, de onde aqueles que nele são lançados, jamais sairão (leia Lucas 16.19-31 e veja que nada poderá ser feito em favor daqueles infelizes que são lançados nesse lugar de terrível suplício). A esses está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o juízo (Hb 9.27), quando serão julgados e condenados ao Lago de Fogo.

A salvação oferecida por Cristo é uma salvação perfeita e total, pois ela é o resultado da misericórdia de Deus e do sangue do seu amado Filho.

"Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.7,9).

O purgatório do crente é o sangue de Jesus.

VI. A TRADIÇÃO E A BÍBLIA

Em 1929, sobre a Bíblia, escreveu o padre Bernhard Conway: "A Bíblia não é a única fonte de fé, como Lutero ensinou no século XVI, porque, sem a interpretação de um apostolado divino e infalível, separado da Bíblia, jamais poderemos saber, com certeza, quais são os livros que constituem as Escrituras inspiradas, ou se as cópias que hoje possuímos concordam com os originais. A Bíblia, em si mesma, não é mais do que letra morta, esperando por um intérprete divino; ela não está arranjada de forma sistemática; é obscura, e de difícil entendimento, como São Pedro diz de certas passagens das Cartas de Paulo (2 Pe 3.16, cf. At 8.30,31); como ela é, está aberta à falsa interpretação. Além disso, certo número de verdades reveladas têm chegado a nós, somente por meio da Tradição divina" *(The Question Box).*

No Compêndio do Vaticano II, lê-se o seguinte: "Não é através da Escritura apenas que a Igreja deriva sua certeza a respeito de tudo que foi revelado. Por isso ambas (Escritura e Tradição) devem ser aceitas e

veneradas com igual sentido de piedade e reverência" (p. 127).

6.1. ESTABELECIDA A TRADIÇÃO

Desde que muitas inovações anticristãs começaram a ser aceitas pela Igreja Romana, esta começou a ter dificuldades em como justificá-las à luz das Escrituras. Desse modo, em vez de deixar o paganismo e voltar-se para a Bíblia, o clero fez exatamente o contrário: no Concilio de Tolosa, em 1229, tomaram a medida extrema de proibir o uso da Bíblia pelos leigos.

Até a Reforma Protestante, a Igreja Católica Romana não havia ainda tomado nenhuma posição no sentido de conferir à Tradição autoridade igual à da Bíblia Sagrada. Isto devido à generalizada ignorância do povo a respeito das Escrituras. Porém, com o advento da Reforma Protestante no século XVI, o valor da Bíblia, como única regra de fé e prática do cristão, foi exaltado, e a sua mensagem pregada onde quer que se fizesse sentir a influência desse evento. Como a maioria dos dogmas da Igreja Romana não tivesse o apoio da Bíblia, o clero em mais uma demonstração de rejeição das Escrituras, foi levado a estabelecer a Tradição como autoridade para apoiar os seus dogmas e enganos.

A ênfase bíblica da mensagem reformada forçou o clero da Igreja Romana a reavaliar a decisão do Concilio de Tolosa, e passou a permitir a leitura da Bíblia pelos leigos, desde que satisfeitas as seguintes exigências:

a. Que a Bíblia fosse editada ou autorizada pelo clero;

b. Que os leigos não formassem juízo próprio dos seus ensinos;

c. Que os leigos só aceitassem a sua interpretação quando feita pelo clero.

Impedidos de interpretar a Bíblia por si mesmos, os leigos estavam privados da possibilidade de ver quão desrespeitosos à Bíblia são os dogmas acobertados pela Tradição. Só dessa forma, os dogmas fundamentados na Tradição estariam resguardados de julgamento e a Bíblia reduzida, assim, a um livro ininteligível e destituído de autoridade.

"A questão da autoridade na Igreja Romana foi sempre uma dolorosa questão, mas a História revela que a sua tendência sempre foi de flutuar de um para outro ponto, com propensão para fincar-se no papado. Esta foi a evolução da autoridade: das Escrituras para a Tradição, desta para a Igreja, da Igreja para o clero e deste para o papado que, em 1870, diria: A tradição sou eu" (Fé e Vida, maio de 1943).

6.2. TRADIÇÃO, TRAIÇÃO AO EVANGELHO

A Tradição da Igreja Romana é, sem dúvida alguma, um "outro evangelho" (Gl 1.8); antítese do Evangelho do Senhor Jesus

Cristo. Ela não tinha lugar na igreja primitiva. O Evangelho só, contém "todo o conselho de Deus" (At 20.27), dispensando, portanto, a tradição vaticana.

Paulo, o maior escritor e doutrinador do Novo Testamento, cujo ministério estava fundamentado no Evangelho, falou sobre a suficiência deste quando escreveu: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, *segundo as Escrituras,* e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4, ênfase do autor).

A Tradição não pode resistir a uma análise por parte de famosos cristãos da antigüidade, tampouco diante das Escrituras.

Cipriano, no século III, disse: "A tradição, sem a verdade, é o erro envelhecido".

Tertuliano afirmou: "Cristo se intitulou a Verdade, mas não a tradição... Os hereges são vencidos com a Verdade e não com novidades".

No ano 450, disse Venâncio: "Inovações são coisas de hereges e não de crentes ortodoxos".

Jerônimo, o tradutor da "Vulgata", tradução oficial da Bíblia usada pela Igreja Romana, escreveu: "As coisas que se inventam e se apresentam como tradições apostólicas, sem autoridade e testemunho das Escrituras, serão atingidas pela Espada de Deus".

A Confissão de Fé de Westminster traz num dos seus decretos algo que os católicos deveriam ler e não esquecer, que diz: "O Supremo Juiz, pelo qual todas as controvérsias de religião são determinadas e todos os decretos de concílios, opiniões de escritores antigos, doutrinas de homens e espíritos privados serão examinados e cujas sentenças devemos acatar, não pode ser outro senão o Espírito Santo, falando através das Escrituras."

VII. A VIRGEM MARIA

A essência da adoração na Igreja Católica Romana gira não em torno do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas da pessoa da Virgem

Maria. No decorrer dos séculos as mais diferentes e absurdas crendices têm sido criadas em torno da humilde mãe do Salvador.

7.1. A TEOLOGIA MARIANA

Decreta o Concilio Vaticano II: "Os fiéis devem venerar a memória primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo".

Dentre as muitas declarações em torno de Maria, destacam-se as seguintes:

7.1.1. CONCEBIDA SEM PECADO

"Daí não admira que nos Santos Padres prevalece o costume de

chamar a Mãe de Deus toda santa, imune de toda mancha de pecado, como que plasmada pelo Espírito Santo e formada nova criatura" (Compêndio Vaticano II, p. 105).

7.1.2. SEMPRE VIRGEM

"Maria sempre foi virgem: Esta é doutrina tradicional da Igreja Católica. No entanto a grande maioria das Igrejas Protestantes afirma que Maria não guardou a sua virgindade e teve outros filhos além de Jesus" *(A Igreja Católica e os Protestantes,* p. 88).

7.1.3. MEDIANEIRA E INTERCESSORA

"A Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira" (Compêndio Vaticano II, p. 109).

7.2. O CÚMULO DO ABSURDO

Há alguns anos foi publicado na imprensa de uma capital latino-americana um discurso de um cardeal católico-romano. O eminente prelado recorda este sonho. Ele sonhou que estava na cidade celestial. Ouviu-se bater à porta. Foi comunicado a Deus que um pecador da Terra estava pedindo entrada. "Cumpriu ele as condições?" foi a pergunta. A resposta foi: "Não!" "Então não pode entrar", foi o veredicto. Nesse ponto, a virgem Maria, que estava sentada à direita do seu Filho, falou: "Se esta alma não entrar eu me ponho fora". A porta abriu-se e o pecador entrou.

7.3.0 TESTEMUNHO DAS ESCRITURAS

Invocando o testemunho das Escrituras, concluímos que:

7.3.1. MARIA NÃO FOI CONCEBIDA SEM PECADO

O que a Bíblia declara é que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Só a respeito de Cristo é que pode ser dito: "Com efeito nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus" (Hb 7.26).

7.3.2. MARIA TEVE OUTROS FILHOS

Além de João 2.12, o Novo Testamento se refere aos irmãos de Jesus, ainda em Mateus 12.46; 13.55,56; Marcos 3.31; Lucas 8.19; João 7.3,5,10; Atos 1.14; 1 Coríntios 9.5 e Gálatas 1.19. Os ensinadores romanistas dizem que aqueles a quem o Novo Testamento chama de irmãos de Jesus, na realidade são seus primos. Esta interpretação é errônea e visa fortalecer o dogma da perpétua virgindade de Maria (leia Lucas 1.36, e veja que irmãos e primos são distintos no Novo Testamento).

O fato de Maria ter sido virgem no ato da concepção de Jesus é ponto pacífico nas Escrituras, porém, afirmar que ela continuou virgem após o parto é antítese de Mateus 1.25: "Contudo, não a conheceu, enquanto não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus".

7.3.3. MARIA NÃO EXERCE MEDIAÇÃO A FAVOR DO PECADOR

"Porque há um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Tm 2.5). "Se, todavia, alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo" (1 Jo 2.1).

7-3-4- Só CRISTO INTERCEDE PELO PECADOR

"Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

Epifânio, grande apologista cristão do século IV, diz o seguinte aos católicos de hoje:

"Não se devem honrar os santos além do que é justo, mas deve-se honrar o Senhor deles. Maria, de fato, não é Deus nem recebeu do céu o seu corpo, mas de uma concepção de um homem e de uma mulher. Santo é o corpo de Maria; ela é virgem e digna de muita honra mas não foi dada para adoração, antes, ela adora aquele que nasceu da sua carne. Honre-se Maria, mas adore-se o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ninguém adore a Virgem Maria".

Ao mesmo tempo, disse Ambrósio de Milão: "Maria era o templo de Deus, não o Deus do templo. Deve-se adorar então somente aquele que opera no templo".

VIII. A MISSA

Dentre os muitos chamados "sacramentos" da Igreja católica Romana, destaca-se a missa.

8.1. DEFINIÇÃO DA MISSA

O que a missa é no contexto do Catolicismo Romano é definido pelo padre Miguel Maria Giambelli:

"O que nós, católicos, chamamos 'missa', os primeiros cristãos de Jerusalém chamavam de 'partir do pão', porque foi exatamente isto o que fez Jesus na última ceia: 'Tomou o pão, deu graças e partiu...'" S. Paulo lembra aos coríntios que todas as vezes que eles se reúnem para comer deste pão e beber deste cálice, anunciam a morte do Senhor, isto é, eles renovam o sacrifício do Calvário.

"O apóstolo Paulo alerta os coríntios de que aquele pão e aquele vinho, após as palavras consagradas, não são mais pão e vinho comuns, mas são algo de misterioso que esconde o corpo sagrado de Jesus, e quem, portanto, se atrever e comer deste pão e beber deste vinho sem as devidas condições espirituais, comete uma profanação

tão sacrílega que o torna réu de um crime contra o corpo e o sangue do Senhor Jesus. Daí porque São Paulo continua alertando os coríntios a tomarem muito a sério o ato de comer deste pão e beber deste cálice consagrado na eucaristia, porque quem os come e bebe sem crer firmemente que são corpo vivo de Cristo, e, portanto, sem fazer distinção entre o pão comum da padaria e pão consagrado 'come e bebe sua própria condenação!'" *(A Igreja Católica e os Protestantes,* p. 27).

Deste ensino deduz-se que Giambelli afirma:

a. Missa e santa ceia do Senhor são a mesma coisa.

b. A missa renova o sacrifício do Calvário.

c. O pão e o vinho usados na missa são transubstanciados no próprio corpo de Cristo no momento da celebração.

d. Quem não diferençar o pão que é servido na missa do que é vendido na padaria, "come e bebe sua própria condenação".

8.2.0 Que Dizem as Escrituras

Esse ensino é errado, portanto, contrário àquilo que as Escrituras Sagradas ensinam.

O recurso que a Igreja Romana usa para confundir o significado da expressão "... em memória..." com a palavra "... renovar", se constitui numa incoerência, primeiro à luz da Bíblia, e depois à luz da gramática. No Dicionário da Língua Portuguesa, de Augusto Miranda, a expressão "em memória" tem como sinônimo a expressão "em lembrança"; enquanto a palavra "renovar" tem como sinônimo a palavra "recompor". Portanto, uma nada tem a ver com a outra.

Se a morte de um amigo nos vem à memória, isto não é a mesma coisa que renová-la. Existem vários versículos na Bíblia que falam da impossibilidade de se renovar o sacrifício de Cristo, entre os quais se destacam: Hebreus 7.26,27; 10.12-14; 1 Pedro 3.18 e Romanos 6.9.

8.3. O Problema da Transubstanciação

Não há um só versículo nas Escrituras em apoio à tese do Concilio de Trento de que o pão e o vinho usados na missa, ao serem consagrados, tornam-se, ou transubstanciam-se, em Jesus, física e espiritualmente, assim como Ele está no céu. Veja, por exemplo:

a. Mesmo após a ressurreição, não obstante gozando do privilégio de um corpo espiritual, Jesus não bilocou-se, isto é, Ele não esteve em dois lugares ao mesmo tempo. Se estava em Emaús, não estava em Jerusalém. Ele estava num só lugar de cada vez. Como pretende, pois, a teologia vaticana provar que Jesus esteja fisicamente, tanto no céu como nas hóstias espalhadas nos sacrários dos templos católicos por todo o mundo?

b. Quando Jesus diz: "E eis que estou convosco todos os dias até

a consumação dos séculos" (Mt 28.10), Ele não sugere que estaria fisicamente através do pão e do vinho da missa, mas espiritualmente, assim como esteve com Paulo, conforme Atos 18.9,10.

c. O corpo de Cristo hoje na Terra não é o pão e o vinho usados na celebração da missa, mas a sua Igreja, conforme mostram as seguintes passagens bíblicas: 1 Coríntios 10.16,17; 12.27; Efésios 1.22,23; 4.15,16; 5.30.

Outra prova de que missa e santa ceia do Senhor são cerimônias diferentes, é que na missa os comungantes só tomam um elemento (a hóstia) enquanto o vinho é tomado exclusivamente pelo padre celebrante, quando a ordem novitestamentária é: "Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice" **(1** Co 11.28).

IX. OS LIVROS APÓCRIFOS

Muitas perguntas têm sido feitas e muitas questões têm sido levantadas quanto aos livros apócrifos. Os católicos chegam mesmo a afirmar que a Bíblia usada pelos evangélicos (aos quais chamam "protestantes") é incompleta e falha por faltarem nela os livros apócrifos. Muitos evangélicos, por sua vez, perguntam por que a nossa Bíblia não contém tais livros.

9.1. DEFINIÇÃO DE "APÓCRIFO"

Empregamos aqui o termo *apócrifo* num sentido restrito, forçando um pouco o sentido original da palavra, e pondo de parte o caráter de certos escritos, aos quais o referido termo se aplica. A palavra "apócrifo", literalmente, significa "oculto". Porém, no decorrer dos tempos e em razão do uso, o termo já não tem o sentido de "oculto", mas de "espúrio", isto é, "não-puro".

No tempo da Reforma, o termo "apócrifo" foi definitivamente aplicado a esses livros não-canônicos contidos na Vulgata, pois não faziam parte do cânon hebraico. Seu significado oposto ao termo "canônico" acarretou, para esses livros, o desprezo que se sentia pela literatura apocalíptica e oculta, tanto judaica como cristã-judaica.

9.2. RELAÇÃO DOS APÓCRIFOS

O número de livros apócrifos vai muito além daqueles que a Bíblia de uso católico contém, porém os mais conhecidos, e aqui citados, são aqueles que foram aprovados pela Igreja Católica no Concilio de Trento, em 1546. Destes, mais da metade são inseridos nas Bíblias de edição católica. Alguns desses livros são também inseridos em Bíblias de editoras protestantes, para estudo e investigação da crítica textual e devido ao seu relativo valor histórico.

Os apócrifos consistem em livros assim chamados, e em acréscimos a livros canônicos. A sua aprovação pela Igreja Católica deu-se,

como já dissemos, em 1546, no Concilio de Trento, em meio a intensa controvérsia, havendo inclusive luta física resultante da contenda e dos debates em torno deles. Os livros, e acréscimos a livros canônicos, aprovados, foram os seguintes: Tobias, Judite, acréscimo ao livro canônico de Ester, Sabedoria de Salomão,

Eclesiástico, Baruque (contendo a Epístola de Jeremias), Cântico dos Três Santos Filhos (acréscimo a Daniel), História de Susana e Bel e o Dragão (também acréscimos a Daniel), 1 e 2 Macabeus.

Eram 14 os principais apócrifos do Antigo Testamento. Destes, os não reconhecidos pelo Concilio de Trento foram 1 e 2 Esdras e A Oração de Manasses.

9.3. QUESTÕES A CONSIDERAR

Por que estes livros são considerados apócrifos e não canônicos? A razão óbvia é que eles não suportam uma prova de canonicidade, como é mostrado a seguir:

- Eles nunca fizeram parte do cânon hebraico.
- Eles nunca foram citados no Antigo Testamento.
- Joséfo, o historiador judeu, os omite em seus escritos.
- Nenhum deles reclama a inspiração divina para si.
- Eles contêm erros históricos, geográficos e cronológicos.
- Eles ensinam e apóiam doutrinas que são contrárias às Escrituras em geral.
- Como literatura, às vezes não passam de mitos e lendas.
- Em geral, seu nível espiritual e moral deixa muito a desejar.
- Jesus não os cita em seus escritos.
- Os apóstolos e escritores dos Evangelhos, das Epístolas e do Apocalipse não se referem a eles nos seus escritos.
- Os famosos Pais da Igreja primitiva não se reportam a eles como fonte de inspiração dos seus escritos.
- Eles foram escritos muito tempo depois de encerrado o cânon do Antigo Testamento.

Certamente que nem todas as igrejas têm a mesma opinião quanto ao valor dos apócrifos. A Igreja Reformada, por exemplo, sempre considerou os livros não-canônicos como de relativo valor, "para exemplo de vida e instrução de costumes, ainda que sem autoridade em matéria de fé".

O ESPIRITISMO

O espiritismo é, sem dúvida, uma das heresias que mais cresce no mundo hoje. O Brasil, particularmente, detém o triste recorde de ser o maior reduto espiritista do mundo. O seu crescimento se dá, em grande parte, devido ao fascínio que os seus ensinos exercem sobre as mentes das pessoas desprovidas do verdadeiro conhecimento, e alienadas de Deus.

Alheio à Palavra de Deus, e divorciado de toda a verdade, o espiritismo tem se constituído numa espécie de "profundezas de Satanás", pronto a tragar pessoas incautas que estão a buscar a Deus em todos os lugares e por todos os meios.

I. RESUMO HISTÓRICO DO ESPIRITISMO

O espiritismo constitui-se no mais antigo engano religioso já surgido. Porém, em sua forma moderna como hoje é conhecido, o seu ressurgimento se deve a duas jovens norte-americanas, Margaret e Kate Fox, de Hydeville, Estado de Nova Iorque.

1.1. ESTRANHOS FENÔMENOS

Em dezembro de 1847, Margaret e Kate, respectivamente de doze e dez anos, começaram a ouvir pancadas em diferentes pontos da casa onde moravam. A princípio julgaram que esses ruídos fossem produzidos por camundongos e ratos que infestavam a casa. Contudo, quando os lençóis começaram a ser arrancados das camas por mãos invisíveis, cadeiras e mesas tiradas dos seus lugares, e uma mão fria tocou no rosto de uma das meninas, percebeu-se que o que estava acontecendo eram fenômenos sobrenaturais. A partir daí, as meninas criaram um meio de comunicar-se com o autor dos ruídos, que respondia às perguntas com um determinado número de pancadas.

1.2. EXPANSÃO DO MOVIMENTO

Partindo desse acontecimento, que recebeu ampla cobertura dos meios de comunicação da época, sessões espíritas propagaram-se por toda a América do Norte. Na Inglaterra, porém, a consulta aos mortos já era muito popular entre as camadas sociais mais elevadas. Por conseguinte, os médiuns norte-americanos encontraram ali solo fértil onde a semente do supersticionismo espiritista haveria de ser semeada, nascer, crescer, florescer e frutificar. Na época, outros países da Europa também foram visitados com sucesso pelos espíritas norte-americanos.

Na França, a figura de Allan Kardec é a principal dos arraiais espiritistas. Léon Hippolyte Rivail (o verdadeiro nome de Allan Kardec), nascido em Lião, em 1804, filho de um advogado, tomou o pseudônimo

de Allan Kardec por acreditar ser ele a reencarnação de um poeta celta com esse nome. Dizia ter recebido a missão de pregar uma nova religião, o que começou a fazer a 30 de abril de 1856. Um ano depois, publicou *O Livro dos Espíritos,* que muito contribuiu na propaganda espiritista. Dotado de inteligência e inigualável sagacidade, estudou toda a literatura afim disponível na Inglaterra e nos Estados Unidos, e dizia ser guiado por espíritos protetores. Notabilizou-se por introduzir no espiritismo a idéia da reencarnação. De 1861 a 1867, publicou quatro livros: *Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e Inferno* e *Gênesis.*



Allan Kardec, o pai do Espiritismo

Homem dotado de características físicas e mentais de grande resistência, Allan Kardec foi apóstolo das novas idéias que haveriam de influir na organização do espiritismo. Fundou *A Revista Espírita,* periódico mensal editado em vários idiomas. Ele mesmo assentou as

bases da "Sociedade Continuadora da Missão de Allan Kardec". Morreu em 1869.

II. SUBDIVISÕES DO ESPIRITISMO

Embora consideremos o espiritismo igual em toda a sua maneira de ser, os próprios espíritas admitem haver diferentes formas de espiritismo, assim designadas:

2.1. ESPIRITISMO COMUM

Dentre as muitas práticas dessa classe de espiritismo, destacam-se as seguintes:

a. Quiromancia - Adivinhação pelo exame das tinhas das mãos. O mesmo que "quiroscopia".

b. Cartomancia - Adivinhação pela decifração de combinações de cartas de jogar.

c. Grafologia - Estudo dos elementos normais e principalmente patológicos de uma personalidade, feito através da análise da sua escrita.

d. Hidromancia - Arte de adivinhar por meio da água.

e. Astrologia- Estudo e/ou conhecimento da influência dos astros, especialmente dos signos, no destino e no comportamento dos homens; também conhecida como "uranoscopia".

2.2. BAIXO ESPIRITISMO

O baixo espiritismo, também conhecido como espiritismo pagão, inculto e sem disfarce, identifica-se pelas seguintes práticas:

a. Vodu - Culto de negros antilhanos, de origem animista, e que se vale de certos elementos do ritual católico. Praticado principalmente no Haiti.

b. Candomblé - Religião dos negros ioruba, na Bahia.

c. Umbanda - Designação dos cultos afro-brasileiros, que se confundem com os da macumba e dos candomblés da Bahia, xangô de Pernambuco, pajelança da Amazônia, do catimbó e outros cultos sincréticos.

d. Quimbanda - Ritual da macumba que se confunde com os da umbanda.

e. Macumba - Sincretismo religioso afro-brasileiro derivado do candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do catolicismo.

2.3. ESPIRITISMO CIENTÍFICO

O espiritismo científico é também chamado "Alto Espiritismo", "Espiritismo Ortodoxo", "Espiritismo Profissional" ou "Espiritualismo". Ele se manifesta, inclusive, como "sociedade", como, por exemplo, a LBV (Legião da Boa Vontade), fundada e presidida por muitos anos pelo já falecido Alziro Zarur. Esta classe de espiritismo tem sido

conhecida também como:

a. Ecletismo - Sistema filosófico dos que não seguem sistema algum, escolhendo de cada um a parte que lhe parece mais próxima da verdade.

b. Esoterismo - Doutrina ou atitude de espírito que preconiza que o ensinamento da verdade deve reservar-se a um número restrito de iniciados, escolhidos por sua influência ou valor moral.

c. Teosofismo - Conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que têm por objetivo a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até a iluminação. Iniciado por Helena Petrovna Blavastky, mística norte-americana (1831-1891), fanática adepta do budismo e do lamaísmo.

2.4. ESPIRITISMO KARDECISTA

O espiritismo Kardecista é a classe de espiritismo comumente praticada no Brasil, e tem, como principais, entre as suas muitas teses, as seguintes:

a. Possibilidade de comunicação com os espíritos desencarnados.

b. Crença da reencarnação.

c. Crença de que ninguém pode impedir o homem de sofrer as conseqüências dos seus atos.

d. Crença na pluralidade dos mundos habitados.

e. A caridade é virtude única, aplicada tanto aos vivos como aos mortos.

f. Deus, embora exista, é um ser impessoal, habitando um mundo longínquo.

g. Mais perto dos homens estão os "espíritos-guias".

h. Jesus foi um médium e reformador judeu, nada mais que isto.

Evidentemente, o diabo é um demagogo muito versátil e maleável, capaz de muitas transformações. Aos psicólogos, ele diz: "Trago-vos uma nova ciência". Aos ocultistas, assevera: "Dou-vos a chave para os últimos segredos da criação". Aos racionalistas e teólogos modernistas, declara: "Não estou aí. Nem mesmo existo". Assim faz o espiritismo: muda de roupagem, como o camaleão muda de cor, de acordo com o ambiente, ainda que, na essência, continue sempre o mesmo: supersticioso, fraudulento, mau e diabólico.



A passada das bandeiras numa cerimônia do vodu haitiano

III. A TEORIA DA REENCARNAÇÃO

A teoria da reencarnação se constitui no cerne de toda a discussão espiritista. Destruída esta teoria, o espiritismo não poderá subsistir.

Sobre o assunto, escreveu Allan Kardec: "A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição... A reencarnação é a volta da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em outro corpo novamente formado para ele que nada tem de comum com o antigo" *(O Evangelho Segundo o Espiritismo,* pp. 24,25).

3.1. A BÍBLIA NEGA A REENCARNAÇÃO

A Bíblia jamais faz qualquer referência à palavra "reencarnação", tampouco confunde-a com a palavra "ressurreição". Segundo o dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, "reencarnação" é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existências com um só espírito; enquanto a palavra "ressurreição", no grego, é *anástasis* e *égersis,* ou seja, levantar, erguer, surgir, sair de um local ou de uma situação para outra.

No latim, "ressurreição" é o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se. Biblicamente, entende-se o termo "ressurreição" como o mesmo que ressurgir dos mortos, e, em linguagem mais popular, união da alma e do espírito ao corpo, após a morte física.

3.2. RESSURREIÇÃO NA BÍBLIA

No decorrer de toda a narrativa bíblica, são mencionados oito casos de ressurreição, sendo sete de restauração da vida, isto é, ressurreição para tornar a morrer, e um de ressurreição no sentido pleno, final — o de Jesus. Este foi diferente, porque foi ressurreição para nunca mais morrer, não somente pelo fato de Ele ser Jesus, mas porque, ao ressurgir, tornou-se Ele o primeiro da ressurreição real (1 Co 15.20,23).

A expressão "ressurreição *dentre* os mortos", como em Lucas 20.35 e Filipenses 3.11, implica uma ressurreição da qual somente os justos participarão. Os participantes da verdadeira ressurreição não mais morrerão (Lc 20.36). A referida expressão e tradução correta do original. A palavra "dentre" indica que os mortos ímpios continuarão sepultados quando os santos ressurgirem.

Os sete outros casos de ressurreição na Bíblia, por ordem, são: o filho da viúva de Serepta (1 Rs 17.19-22); o filho da sunamita (2 Rs 4.32-35); o defunto que foi lançado na cova de Eliseu (2 Rs 13.21); a filha de Jairo (Mc 5.21-23,35-43); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); Lázaro (Jo 11.1-46); Dorcas (At 9.36-43).

O caso da ressurreição de Jesus, que, como já dissemos, é diferente, acha-se registrado em Mateus 28.1-10; Marcos 16.1-8; Lucas 24.1-12; João 20.1-10 e 1 Coríntios 15.4,20-23.

Quanto à ressurreição propriamente dita, escreve Allan Kardec: "A ressurreição implica a volta da vida ao corpo já morto — o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo foram, depois de muito tempo, dispersos e absorvidos".

E evidente que esta teoria de Allan Kardec não pode prevalecer, uma vez que se baseia em conceitos de homens e não nas Escrituras, que declaram a possibilidade da ressurreição dos mortos. Não é relevante citarmos aqui os casos de mortos que foram ressuscitados antes de serem levados à sepultura. Vamos citar apenas dois casos de mortos que foram levantados dentre os mortos após quatro e três dias de sepultados: Lázaro e Jesus.

3.2.1. LÁZARO

O testemunho de João capítulo 11 é que Lázaro:

a) estava morto (vv.14,21,32,37);

b) estava sepultado já havia quatro dias (vv. 17,39);

c) já cheirava mal (v.39);

d) ressuscitou ainda amortalhado (v.44);

e) ressuscitou com o mesmo corpo e com a mesma aparência que possuía antes de morrer (v.44).

3.2.2. JESUS

O testemunho das Escrituras quanto à morte e ressurreição de

Jesus Cristo, é que:

a) Os soldados romanos testemunharam que Cristo estava morto (Jo 19.33).

b) José de Arimatéia e Nicodemos sepultaram-no (Jo 19.38-42).

c) Ele ressuscitou no primeiro dia da semana (Lc 24.6).

d) Mesmo após ressuscitado, Ele ainda portava as marcas dos cravos nas mãos, para mostrar que seu corpo, agora vivo, era o mesmo no qual sofrerá a crucificação, porém, glorificado (Lc 24.39; Jo 20.27).

3.3. UMA TEORIA ABSURDA

Procurando dar sentido bíblico à absurda teoria da reencarnação, Allan Kardec lança mão do capítulo 3 de João para dizer que Jesus ensinou sobre a reencarnação. Os tradutores da obra de Allan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* usaram a versão bíblica do padre Antônio Pereira de Figueiredo como texto base de sua tradução, grifando o versículo 3 do citado capítulo de João: "Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que *renascer de novo"* (ênfase minha), quando o versículo naquela versão é escrito da seguinte forma: "Na verdade, na verdade, te digo, que não pode ver o reino de Deus, senão aquele que *nascer de novo"* (ênfase minha).

"Renascer" já significa *nascer de novo,* enquanto "renascer de novo" constitui-se numa intolerável redundância, mas não sem propósito por parte do espiritismo, que por tudo procura provar que a absurda teoria da reencarnação tem fundamento na Bíblia.

IV. JOÃO BATISTA ERA ELIAS REENCARNADO?

Dirigindo-se a Jesus, perguntaram-lhe os seus discípulos: "Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então Jesus respondeu: De fato (...) Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram (...) Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista" (Mt 17.10-13).

Acerca de João Batista, disse mais Jesus: "E, se o quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir" (Mt **1**1.14).

4.1. OPINIÃO ESPIRITISTA

Prevalecendo-se do literalismo destas passagens, escreveu Allan Kardec: "A noção de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra, depara-se em muitos passos dos Evangelhos, especialmente nos acima citados. Se tal crença fosse um erro, Jesus não a deixaria de combater, como fez com muitas outras, mas, longe disso, a sancionou com sua autoridade... '**É ele mesmo** o Elias, que havia de vir'. Aí não há nem figuras nem alegorias; é uma afirmação positiva" *(O Evangelho Segundo o Espiritismo,* pp. 25, 27).

4.2. OBJEÇÃO BÍBLICA

Um dos conceitos de hermenêutica mais conhecido é aquele segundo o qual a Bíblia interpreta-se a si mesma. Portanto, somos impedidos de lançar mãos de recursos alheios ao contexto bíblico para interpretar o mais simples dos seus ensinos. A Bíblia mesma dá respostas às suas indagações. A pergunta: "João Batista era Elias reencarnado ou não?" responde o próprio João Batista, dizendo: "Não sou" (Jo 1.21).

Sobre João Batista, diz Lucas 1.17: "E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto". Isto não quer dizer que João fosse Elias, mas que no seu ministério haveria peculiaridades do ministério de Elias. De fato, a Bíblia não trata de nenhum outro caso de dois homens, cujos ministérios tenham tanta semelhança como João Batista e Elias. Lembra o refrão popular: "Tal Pai, tal filho". Isto não quer dizer que o filho seja absolutamente igual ao pai, ou que um seja a reencarnação do outro, mas sim, que existem hábitos comuns entre ambos.

4.3. CINCO PONTOS A CONSIDERAR

Dentre as muitas razões pelas quais cremos que João Batista não era Elias reencarnado, queremos citar as seguintes:

• Os judeus criam que João Batista fosse Elias ressuscitado, não reencarnado (Lc 9.7,8).

• Se os judeus realmente acreditassem que João era Elias reencarnado e não ressuscitado, não teriam em outra oportunidade admitido que Cristo fosse Elias ressuscitado. João Batista e Cristo, que viveram simultaneamente por cerca de trinta anos, não podiam ser Elias ressuscitado ou reencarnado, ao mesmo tempo (Lc 9.7,9).

• Se reencarnação é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existências com um só espírito, é evidente que um vivo não pode ser reencarnação de alguém que nunca morreu. Fica claro assim que João Batista não era Elias, já que este não morreu, pois foi arrebatado vivo ao céu (2 Rs 2.11).

• Se João Batista fosse Elias, quem primeiro teria conhecimento disso teria sido ele mesmo e não os judeus ou os espíritas. Àqueles que lhe perguntaram: "És tu Elias?", ele respondeu desembaraçadamente: "Não sou" (Jo 1.21).

• Se João Batista fosse Elias reencarnado, no momento da transfiguração de Cristo teriam aparecido Moisés e João Batista, e não Moisés e Elias (Mt 17.18).

Fica evidente, portanto, que a Bíblia não apóia a absurda teoria espiritista da reencarnação. Até mesmo os chamados "fatos comprovados" da reencarnação, apresentados pelos advogados do es-

piritismo, na verdade não comprovam coisa alguma.

V. A INVOCAÇÃO DE MORTOS

Reencarnação e invocação de mortos são as duas principais estacas de sustentação de toda a fraude espiritista. Se ambas puderem ser removidas, o espiritismo ruirá irremediavelmente.

5.1. O QUE A BÍBLIA Diz

Aos hebreus que saíram do Egito e se aproximavam de Canaã, por intermédio de Moisés, disse o Senhor Deus:

"Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus, te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações. Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor, teu Deus, as lança fora de diante de ti. Perfeito serás, como o Senhor, teu Deus. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor, teu Deus, não permitiu tal coisa" (Dt 18.9-14).

Com base nestas palavras de Moisés, no seu livro *O Céu e o Inferno,* aduz Allan Kardec: "... Moisés devia, pois, por política, inspirar nos hebreus aversão a todos os costumes que pudessem ter semelhança e pontos de contato com o inimigo".

5.2. DEUS CONDENA A INVOCAÇÃO DE MORTOS

Alegar que Moisés se opunha aos costumes pagãos dos cananeus baseado em razões simplesmente políticas, como afirma

Allan Kardec, atesta a completa ignorância do espiritismo quanto às Escrituras Sagradas.

A proibição divina de consultar os mortos não prova que havia comunicação com os mortos. Prova apenas que havia a consulta aos mortos, o que não significa comunicação real com eles. Era apenas uma tentativa de comunicação. Na prática de tais consultas aos mortos, sempre existiram embustes, mistificações, mentiras, farsas e manifestações de demônios. É o que acontece nas sessões espíritas, onde espíritos demoníacos, espíritos enganadores, manifestam-se, identificando-se como pessoas amadas que faleceram. Alguns desses espíritos têm aparecido, identificando-se com os nomes de grandes homens, ministrando ensinos e até apresentando projetos éticos e humanitários, que terminam sempre em destroços. São espíritos que se prestam ao serviço do pai da mentira, Satanás.

O povo de Deus, porém, possui a inigualável revelação de Deus pela qual disciplina a sua vida: "Quando vos disserem: Consultai os

que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; — não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva" (Is 8.19,20).

5.3.0 Estado dos Mortos

O testemunho geral das Escrituras é que os mortos, devido ao estado em que se encontram, não têm parte em nada do que se faz e acontece na Terra. Consulte os seguintes textos: Eclesiastes 9.5,6; Salmos 88.10-12; Isaías 38.18,19; Jó 7.9,10.

Nenhum dos textos bíblicos mencionados contradiz a esperança bíblica da ressurreição dos mortos, uns para a vida eterna, outros para vergonha e perdição eterna. Os citados textos mostram, sim, que o homem após a morte, na sepultura, jamais poderá voltar à vida de outrora, e que na sepultura nada poderá fazer por si mesmo e muito menos pelos vivos que ainda estão na Terra.

VI. SAUL E A MÉDIUM DE EN-DOR

(Antes de prosseguir, tome a sua Bíblia, abrindo-a no capítulo 28 de 1 Samuel. Leia todo esse capítulo e em seguida volte à leitura deste livro.)

Concluída a leitura desta porção das Escrituras, vêm à mente perguntas, tais como: É ou não possível comunicar-se com os espíritos de pessoas falecidas? Foi ou não Samuel quem apareceu na sessão espírita de En-Dor? Muitas respostas poderiam ser dadas aqui, como por exemplo: A assembléia judaica sempre acreditou que Samuel realmente apareceu naquela ocasião. Essa também era a opinião de alguns dos mais destacados líderes da Igreja dos primeiros séculos, entre eles, Justino Mártir e Origenes. Já Tertuliano, Jerônimo, Lutero e Calvino acreditavam que um demônio apareceu em forma de pessoa, personificando Samuel.

6.1. Análise do Caso

Até mesmo uma despretensiosa análise de 1 Samuel 28 mostra com clareza meridiana que um espírito de engano, e não Samuel, foi quem apareceu na sessão espírita de En-Dor. Dentre as muitas provas contra a opinião de que Samuel apareceu naquela ocasião, destacam-se as seguintes:

a. Nem a médium nem o seu espírito de mediunidade exerciam qualquer poder sobre a pessoa de Samuel. Só Deus exercia esse poder; pelo que não iria permitir que seu fiel servo viesse a se tornar parte de uma prática que o próprio Deus condenou (Dt 18.9-14).

b. Após informar a Saul que Deus o tinha rejeitado, Samuel nunca mais disse coisa alguma a esse rei.

c. Se fosse Samuel quem aparecera na ocasião, ele não teria mentido, dizendo que Saul perturbara seu descanso, se Deus, e não Saul, lhe tivesse ordenado; nem dizendo que Saul e seus filhos estariam com ele no dia seguinte (vv.15,16).

d. O próprio Saul disse que Deus já não lhe respondia nem pelo ministério dos profetas e nem por sonhos (vv. 6,15), pelo que Deus, no último momento,

• não teria cedido ao desejo de Saul de receber outra revelação;

• não teria entrado em contradição com a sua Palavra, que nega a possibilidade de vivos terem contato com os mortos (Jó 7.9,10; Ec 9.5,6; Lc 16.31);

• não teria criado a impressão de que tentar entrar em contato com os mortos não é tão mau como antes Ele mesmo dissera ser (Dt 18.9-14);

• não teria afirmado que Saul deveria morrer por causa da consulta feita à médium (1 Cr 10.13).

e. Saul disse à médium a quem deveria chamar.

De acordo com o estudo dos fenômenos psíquicos, a médium teria lido na mente de Saul qual seria a aparência de Samuel, e a descrevera como Saul costumava vê-lo.

f. A médium temeu porque:

• em seu transe ela reconheceu Saul (v. 12), que era conhecido como inimigo das práticas espiritistas; ou,

• ela viu um espírito adejando por cima da aparição, que com "prodígios de mentira" se fazia passar por Samuel.

g. O próprio Saul não viu Samuel. De acordo com a descrição da médium, ele mesmo supôs que a personagem descrita era Samuel.

h. Quanto à profecia abordada durante a sessão em En-Dor, J.K. Van Baalen, no seu livro *O Caos das Seitas,* dá as seguintes possibilidades:

• a mulher percebeu o medo de Saul, de que o seu fim era iminente, e isso ela predisse;

• a mulher tomou conhecimento da profecia feita antes por Samuel (1 Sm 15.16,18), que vinha perseguindo Saul (1 Sm 16.2; 20.31, etc), pelo que lhe disse o que ele esperava ouvir;

• se um demônio se fazia passar por Samuel e falou por meio da médium, então a mulher ter-se-ia lembrado da profecia de Samuel, fazendo uso dela.

i. Não era necessário que alguém fosse perito ou estrategista em guerras para prever a derrota de Saul e de Israel diante dos filisteus. Em todos os tempos, o salário do pecado é a morte. No capítulo 15 de 1 Samuel, a questão dessa guerra já havia sido levantada bem antes de Saul consultar a médium.

j. A parte final do vaticínio da médium não foi verdadeira no seu cumprimento, pois nem Saul morreu no dia seguinte, nem morreram

nesse dia todos os seus filhos.

6.2. PROFUNDEZAS DE SATANÁS

A melhor maneira de se definir o espiritismo é chamá-lo de "profundezas de Satanás" (Ap 2.24). Assim devemos ter sempre em mente os fatos que mostram que Satanás:

- é o pai da mentira (Jo 8.44);
- sabe imitar a realidade com os seus embustes (Êx 7.22; 8.7);
- se transforma em anjo de luz (2 Co 11.14);
- tem o poder de operar milagres (2 Ts 2.9).

Aqueles que se envolvem com o espiritismo estão sob as malhas da rede de Satanás, correndo o perigo de jamais se libertarem dela.

VII. PODEM OS MORTOS AJUDAR OS VIVOS?

Para saber se os mortos podem ou não ajudar os vivos, leia a história do rico e Lázaro, contada por Jesus no Evangelho de Lucas 16.19-31. Precisamente, os versículos 22 e 23 dizem: "E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio".

7.1. UM QUADRO CONTRASTANTE

Veja que contraste: Lázaro morre e é levado ao Paraíso de Deus, enquanto o rico, ao morrer, é lançado no inferno de horror, de onde, em agonia, clama: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama" (v. 24).

Naquele instante de extrema dor e sofrimento, um pequenino favor de Lázaro seria suficiente para amenizar o sofrimento daquele infeliz; porém, o pai Abraão respondeu: "... Filho, lembra-te de que recebestes os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá" (vv. 25,26).

7.2. ALGUMAS CONCLUSÕES DESTA PASSAGEM

Feita uma análise desta passagem, as conclusões a que chegamos são:

a. A vida no porvir será uma conseqüência natural da vida que se viveu aqui na Terra: Lázaro, que era piedoso e temente a Deus aqui, ao morrer foi levado para o Paraíso, enquanto o homem rico, vaidoso e indiferente às necessidades dos outros, morreu e foi levado para o inferno de trevas e sofrimento.

b. O lugar onde serão lançados os perdidos será um lugar de

sofrimento eterno, e não um lugar de purificação e aperfeiçoamento dos espíritos.

c. Se ao homem aqui, vivendo ímpia e perversamente, abre-se-lhe uma porta de escape após a morte, como admite o espiritismo, o Evangelho de Cristo deixa de ser o que é, ao passo que o sacrifício de Cristo torna-se a coisa mais absurda sobre a qual já se teve notícia.

d. Se um falecido pudesse, de alguma forma ajudar os seus entes queridos vivos, o rico não teria rogado a Abraão que envias-

se Lázaro ou um dos mortos à casa dos seus irmãos, a fim de adverti-los do perigo de cair no inferno; ele mesmo teria feito isto.

e. Se fosse possível que o espírito de um falecido pudesse ajudar os vivos, Deus teria permitido que Lázaro, um dos mortos, ou o próprio homem rico exercesse influência junto aos parentes deste.

f. Tudo quanto o homem precisa conhecer concernente à salvação e à vida eterna acha-se exarado nos escritos de Moisés, dos profetas, dos evangelistas e dos apóstolos do nosso Senhor Jesus Cristo.

Toda a revelação divina escrita encerra-se nas seguintes palavras de Jesus Cristo: "Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da Cidade Santa, que estão descritas neste livro" (Ap 22.18,19).

Assim, os chamados "bons ensinamentos" dos espíritos dos mortos, defendidos pelo espiritismo, nada mais são do que ensinamentos de demônios, pois apresentam-se como nova fonte de revelação, em detrimento da verdadeira revelação de Deus — a Bíblia Sagrada.

VIII. DE DEUS NÃO SE ZOMBA

Correm grande perigo as pessoas que se dão às tristes aventuras e experiências espiritistas. Para ilustrar isto, usaremos a história do bispo episcopal, James A. Pike, envolvendo a morte do seu filho Jim e o relacionamento de ambos com o espiritismo. Esta história foi publicada no Anuário Espírita de 1971. Reportamo-nos a ela como meio de oferecer-lhe, leitor, subsídios no combate ao erro espiritista, e para advertir aqueles que se estão deixando iludir por esses ensinos de demônios.

8.1. A TRÁGICA MORTE DE JIM

Pike tinha um único filho, um, belo e culto rapaz. Em 1966, pai e filho encontravam-se na Inglaterra, em Cambridge. Jim decidiu voltar aos Estados Unidos. Voou para Nova Iorque, e ali, no seu quarto de hotel, matou-se com um tiro. Jim tinha dificuldade em se relacionar

com as pessoas. Era arredio mesmo em relação ao pai, e, por ironia, só depois da morte, através de médiuns americanos e ingleses, teria conseguido, *segundo o relato,* comunicar-se com Pike. Jim tinha 22 anos, sua morte arrasou o pai. Tudo era mais dramático porque, por incrível que possa parecer, Pike não cria na vida após a morte. Ele fora seminarista e se desiludira com o catolicismo; mesmo como bispo episcopal sua situação era embaraçosa: sem admitir os dogmas da religião, via-se constantemente atacado e não poucas vezes taxado de herege.

8.2. Coisas Estranhas Começam a Acontecer

Após os funerais do filho, nos Estados Unidos, Pike voltou com seus problemas para Cambridge. No quarto do hotel onde antes estivera com o filho coisas estranhas começaram a acontecer: roupas eram atiradas dos armários, livros moviam-se das estantes, etc.

Como qualquer pessoa que se envolve com o espiritismo, Pike resolveu dar um passo desastroso na vida. Em lugar de normalizar a sua situação com Deus, saiu à procura de alguém que pudesse explicar tais fenômenos. Foi assim que, com a ajuda de amigos, entrou em contato com a médium inglesa Ena Twigg. Uma sessão foi marcada e Pike teve o primeiro contato com aquele que julgou ser o espírito do seu filho Jim. O espírito dizia: "Tenho sido tão infeliz!" Instado pelo pai, respondeu que não acreditara em Deus como uma pessoa, mas que, agora, acreditava na eternidade.

Acrescenta o Anuário: "Além disso, o rapaz o exortou a prosseguir em suas pesquisas e predisse que o pai abandonaria sua igreja. Pike mostrou-se constrangido, mas Jim insistiu: 'Você fará. Isto ocorrerá no dia 1º de agosto'".

8.3- Pike Deixa a sua Igreja

Logo após voltar à América, Pike entrou em contato com o médium americano Arthur Ford, com o qual participou de um programa de televisão. No citado programa, Ford, em transe, transmitiu mensagens que, dizia ele, serem de Jim a Pike. O programa produziu tão grande escândalo, que deixou a imprensa americana e inglesa num verdadeiro reboliço. A Igreja Episcopal protestou e Pike resolveu deixá-la.

Não muito depois da morte de um, após ingerir forte dose de barbitúricos, morre a senhora Maren Bergrud, secretária de confiança de Pike. Ela sofria de câncer. Certo dia, estando ela melhor de saúde, os espíritos segredaram-lhe ao ouvido que, se pusesse fim à sua vida, poderia perpetuar aquele estado. Foi o que ela fez. Com a morte do filho e agora da secretária, Pike ficou quase arrasado; mesmo assim continuou buscando fenômenos relacionados com o além-túmulo.

8.4. "O OUTRO LADO"

Pike juntou todo o material das sessões espíritas das quais havia participado, e escreveu o livro *O Outro Lado.* Pike foi presa fácil, caindo sob a armadilha do espiritismo sem nenhuma resistência.

Ao abandonar a Igreja Episcopal, Pike decidiu fundar uma entidade para estudos psíquicos. Num dos seus diálogos com o suposto espírito de um, indagou se o filho ouvira falar de Jesus, ao que ele respondeu: "Meus mentores me dizem: Jim, você ainda não está em condições de compreender. Eu não o encontrei, mas todos falam a respeito dele como um místico, um vidente. Eles não o mencionam como o salvador, mas como um exemplo. Você compreende? Eu preciso dizer-lhe: Jesus é triunfante. Você não pode me pedir que lhe diga o que ainda não compreendo. Ele não é o salvador, isto é muito importante, mas um exemplo". Acrescenta o Anuário: "... agora Pike julga-se um cristão autêntico".

8.5- A LEI DA SEMEADURA E DA COLHEITA

Pike partiu para a Palestina, a fim de fazer uma pesquisa a respeito de Jesus Cristo, nos próprios lugares por onde Jesus andou e exerceu o seu ministério. A Bíblia já não lhe valia coisa alguma. Jesus, o Cristo, o Filho de Deus, não passava de um mito, um místico, um vidente, nada mais que isso. Ali aconteceu o que certamente ele não previra: no dia 7 de setembro de 1969 o seu corpo foi achado sem vida, quase que completamente encoberto pela areia nos desertos próximos do mar Morto.

Vale a pena lembrar e citar as palavras do apóstolo Paulo, quando diz: "Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna" (Gl 6.7,8).

IX. VOCABULÁRIO ESPIRITISTA

Assim como a pessoa é conhecida pelo vocabulário que usa, de igual modo o espiritismo é mais bem identificado por seu vocabulário, usado para comunicar os seus enganos. É evidente que muitas das palavras seguintes, usadas no linguajar espiritista, podem ter diferentes sentidos, por exemplo, de acordo com a ciência. Porém, na relação a seguir, vamos dar o significado de cada palavra, de acordo com a interpretação dada pelo próprio espiritismo.

9.1. PALAVRAS DE ENGANO

Do grande universo de termos usados pelo espiritismo, destacam-se os seguintes:

• **Médium** - Pessoa a quem se atribui o poder de se comunicar com espíritos de pessoas mortas.

• **Mediunidade** - E o fenômeno em que uma pessoa recebe um outro espírito, supostamente de uma pessoa falecida, sendo que esse espírito recebido passa a dominar a mente do médium que recebe o controle e o domínio do seu próprio corpo.

• **Clarividência e Clariaudiência** - Fenômenos segundo os quais uma pessoa pode sentir, observar e ver os espíritos que a rodeiam, servindo de elo de ligação e comunicação entre o mundo visível e o invisível.

• **Levitação** - Força psíquica gerada por uma ou mais mentes na imposição de mãos, onde um objeto ou uma pessoa pode elevar-se do solo. E muito praticada na parapsicologia, que é uma falsa ciência.

• **Telepatia** - Comunicação por via sensorial entre duas mentes à distância; transmissão de pensamento.

• **Criptestesia** - E o fenômeno da sensação do oculto, ou seja, o conhecimento de um fato transmitido por um morto, sem conhecimento de nenhum vivo.

• **Premonição** - Sensação, pressentimento do que vai suceder.

• **Metagnomia** - É a resolução de problemas matemáticos, obras artísticas que se produzem e línguas desconhecidas que se decifram (lembre-se de que isto nada tem a ver com nenhum dos dons do Espírito Santo).

• **Telecinesia** - Movimentos de objetos, toque de instrumentos musicais, alterações de balanços sem o toque de mãos.

• **Idioplastia** - É a alteração do corpo físico em virtude do pensamento.

9-2. CARACTERÍSTICAS DESSES FENÔMENOS

Cássio Colombo, em um "Estudo Sobre o Espiritismo", chama a nossa atenção para o fato de que esses "fenômenos":

1) Não são fatos comuns da vida; antes, impressionam pela sua anormalidade.

2) Ocorrem apenas com determinadas pessoas, que também recebem o nome de "clarividentes" ou "médiuns".

3) Todos são, pelo menos na aparência, fatos inteligentes.

4) São fenômenos que ninguém tem a consciência de causas. Daí a atribuí-los cada qual a outrem, ou seja, não há entidade responsável pelos trabalhos.

5) Os fenômenos metapsíquicos independem de espaço e de tempo. Há conhecimento direto, imediato.

6) Há condições necessárias para as manifestações metapsíquicas: concentração, penumbra, etc. O medo, a desconfiança e o sarcasmo perturbam essas manifestações.

7) Há quase sempre o que se tem chamado de projeção, isto é, os fenômenos são objetivos e não subjetivos. Não há alucinações.

8) As mensagens mediúnicas são muitas vezes apresentadas de

modo simbólico. Exemplo: para simbolizar uma morte, surge uma despedida.

9) Os fenômenos referidos várias vezes ocorrem na hora da morte, supondo-se que, neste caso, os fenômenos surjam por causa da tensão emotiva e das condições vitais, que, fugindo à regra, permitem a manifestação das forças latentes do espírito.

10) Há comportamento nas manifestações metapsíquicas que parecem expressar existência de personalidades diferentes dos que tomam parte da sessão. É o caso da fraude e da fantasia comuns no espiritismo.

X. O ESPIRITISMO E AS SUAS CRENÇAS

Já dissemos que as duas principais estacas de sustentação do espiritismo são o dogma da reencarnação e a alegada possibilidade de os vivos se comunicarem com os espíritos dos mortos. Mas a doutrina espiritista é muito mais que isto, como é mostrado a seguir.

10.1. COMPLEXO DOUTRINÁRIO

O conjunto de doutrinas do espiritismo é grande e complexo. Na verdade constitui-se num esquema de negação de toda a doutrina bíblica cristã. Veja, por exemplo, o que crê o espiritismo acerca dos seguintes temas da doutrina cristã.

10.1.1 DEUS

"Abrogamos a idéia de um Deus pessoal" *(The Physical Phenomena in Spiritualism Revealed).*

"Deve-se entender que existem tantos deuses quantas são as mentes que necessitam de um deus para adorar; não apenas um, dois, ou três, mas muitos" *(The Banner of Light,* 03.02.1866).

10.1.2. CRISTO

"Qual é o sentido da palavra *Cristo!* Não é, como se supõe geralmente, o Filho do Criador de todas as coisas? Qualquer ser justo e perfeito é Cristo" *(Spiritual Telegraph,* nº 37).

"Não obstante, parece que todo o testemunho recebido dos espíritos avançados mostra apenas que Cristo era um médium e um reformador da Judéia, e que agora é um espírito avançado na sexta esfera" (Palavras do Dr. Weisse, citado por Hanson, em *Demonology or Spiritualism).*

"Cristo foi um homem bom, mas não poderia ter sido divino, exceto no sentido, talvez em que todos somos divinos" (Mensagem por um "espírito", citado por Raupert em *Spiritist Phenomena and Their Interpretatiorí).*

10.1.3. A EXPIAÇÃO

"A doutrina ortodoxa da Expiação é um remanescente dos

maiores absurdos dos tempos primitivos, e é imoral desde o âmago... A razão dessa doutrina é que o homem nasce neste mundo como pecador perdido, arruinado, merecedor do inferno. Que mentira ultrajante!... — Porventura o sangue não ferve de indignação ante tal doutrina?" *(Médium and Daybreak).*

10.1.4. A QUEDA

"Nunca houve qualquer evidência de uma queda do homem" (A. Conan Doyle).

"Precisamos rejeitar o conceito de criaturas caídas. Pela queda deve-se entender a descida do espírito à matéria" *(The True Light).*

10.1.5. O INFERNO

"Posso dizer que o inferno é eliminado totalmente, como há muito tem sido eliminado do pensamento de todo homem sensato. Essa idéia odiosa, tão blasfema em relação ao Criador, originou-se do exagero de frases orientais, e talvez tenha tido sua utilidade em uma era brutal, quando os homens eram assustados com chamas, como as feras são espantadas pelos viajantes" (A. Conan Doyle, em *Outlines of Spiritualism).*

10.1.6. A IGREJA

"Passo a passo avançou a Igreja Cristã, e ao fazê-lo, passo a passo a tocha do espiritismo foi retrocedendo, até que quase não se podia mais perceber uma fagulha brilhante em meio às trevas espessas... Por mais de mil e oitocentos anos a chamada Igreja Cristã se tem imposto entre os mortais e os espíritos, barrando toda oportunidade de progresso e desenvolvimento. Atualmente, ela se ergue como completa barreira ao progresso humano, como já fazia há mil e oitocentos anos" *(Mmd and Matter,* 08.05.1880).

"Se o Cristianismo sobreviver, o espiritismo deve morrer; e se o espiritismo tiver de sobreviver, o Cristianismo deve desaparecer. São a antítese um do outro..." *(Mmd and Matter,* junho de 1880).

10.1.7. A BÍBLIA

"Asseverar que ela [a Bíblia] é um livro santo e divino, e que Deus inspirou os seus escritores para tornar conhecida a vontade divina, é um grosseiro ultraje e um logro para com o público" *(Outlines of Spiritualism).*

"Gostamos pouco de discutir baseados na Bíblia, porque, além de a conhecermos mal, encontramos nela, misturados com os mais santos e sábios ensinamentos, os mais descabidos e inaceitáveis absurdos" (Carlos lmbassahy, *O Espiritismo Analisado).*

10.2. REFUTAÇÃO BÍBLICA DESSAS AFIRMAÇÕES ERRADAS

A Bíblia Sagrada, a espada do Espírito Santo, lança a doutrina espiritista por terra, e declara em alto e bom som, que:

10.2.1. DEUS

a. é um ser pessoal (Jo 17.3; SI 116.1,2; Gn 6.6; Ap 3.19);

b. é um ser único (Dt 6.4; Is 45.5,18; 1 Tm 1.17; Jd 25).

10.2.2. JESUS CRISTO

a. foi superior aos homens (Hb 7.26);

b. é apresentado na Bíblia como profeta, sacerdote e rei, e nunca como médium (At 3.19-24; Hb 7.26,27; Fp 2.9-11).

10.2.3. A EXPIAÇÃO

a. foi um ato voluntário de Cristo (Tt 2.14);

b. é alcançada como conseqüência da fé (At 10.43);

c. é adquirida pelo sangue de Cristo, segundo a riqueza da sua graça (Ef 1.7).

10.2.4. A QUEDA

a. sobreveio como conseqüência da desobediência de Adão (Rm 5.12,15,19);

b. decorreu da tentação do diabo (Gn 3.1-5; 1 Tm 2.14).

10.2.5. O INFERNO

a. foi preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25.41);

b. fica embaixo (Pv 15.24; Lc 10.15);

c. será a habitação final e eterna dos perversos (SI 9.7; Mt 25.41).

10.2.6. A IGREJA

a. foi fundada por Jesus Cristo (Mt 16.18);

b. jamais será vencida (Mt 16.18);

c. é guardada pelo Senhor (Ap 3.10).

10.2.7. A BÍBLIA

a. é a Palavra de Deus (2 Sm 22.31; SI 12.6; Jr 1.12);

b. foi escrita sob inspiração divina (1 Pe 2.20,21);

c. é absolutamente digna de confiança (SI 111.7);

d. é descrita como pura (SI 19.8), espiritual (Rm 7.14), santa, justa e boa (Rm 7.12), ilimitada (SI 119.96), perfeita (SI 19.7, Rm 12.2), verdadeira (SI 119.142), não pesada (1 Jo 5.3).

Disse Henrique Heine, o famoso poeta lírico alemão: "Depois de haver passado tantos e tantos longos anos de minha vida e correr as tabernas da filosofia, depois de me haver entregue a todas as

politiquices do espírito e ter participado de todos os sistemas possíveis, sem neles encontrar satisfação, ajoelho-me diante da Bíblia".

3
O ADVENTISMO DO 7º DIA

No princípio do século XIX, quando pouca ênfase era dada à segunda vinda de Cristo, Guilherme (William) Miller, pastor batista do Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, dedicou-se ao estudo e a pregação deste assunto. Lendo Daniel 8.14, "Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado", Miller passou a fazer deste versículo o tema duma grande controvérsia sobre os eventos futuros.

I. RESUMO HISTÓRICO DO ADVENTISMO

Calculando que cada um dos 2.300 dias da profecia de Daniel representava um ano, Miller tomou o regresso de Esdras do cativeiro no ano 457 a.C. como ponto de partida para o cálculo de que Cristo voltaria à Terra, em pessoa, no ano de 1834. Esta previsão fora feita em 1818.

Tão grande foi o impacto causado por essa revelação de Miller, que muitos crentes, vindos de diferentes igrejas, doaram suas propriedades, abandonaram os seus afazeres, e se prepararam para receber o Senhor no dia 21 de março daquele ano. O dia aprazado chegou, mas o tão esperado acontecimento não se deu. Revisando seus cálculos, Miller concluiu que havia errado por um ano, e anunciou que Cristo voltaria no dia 21 de março do ano seguinte, ou seja, de 1844. Porém, ao chegar essa data, Miller e seus seguidores, em número aproximado de 100 mil, sofrem nova decepção. Uma vez mais Miller fez um novo cálculo segundo o qual Cristo voltaria no dia 22 de outubro daquele mesmo ano; porém essa previsão falhou também.

1.1. MILLER RECONHECE O SEU ERRO

Guilherme Miller deu toda prova de sinceridade, confessando simplesmente que havia se equivocado em seu sistema de interpretação da profecia bíblica. Nesse tempo ele mesmo escreveu:

"Acerca da falha da minha data, expresso francamente o meu desapontamento... Esperamos naquele dia a chegada pessoal de Cristo; e agora, dizer que não erramos é desonesto! Nunca devemos ter vergonha de confessar nossos erros abertamente" *(A História da Mensagem Adventista,* p. 410).

1.2. NOVAS TENDÊNCIAS

Não obstante Miller ter reconhecido o seu erro em marcar o dia da volta de Cristo pela interpretação da profecia, nem todos os seus seguidores estavam dispostos a abandonar essa mensagem. Dos

muitos grupos que o haviam seguido, três se uniram para formar uma nova igreja baseada numa nova interpretação da mensagem de Miller. Esta nova interpretação surgiu de uma "revelação" de Hiram Edson, fervoroso discípulo e amigo de Miller. Segundo Edson, Miller não estava equivocado em relação à data da vinda de Cristo, mas sim em relação ao local. Disse ele que na data profetizada por Miller, Cristo havia entrado no santuário celestial, não no terrenal, para fazer uma obra de purificação ali.

Guilherme Miller não aceitou essa interpretação nem seguiu ao novo movimento. Quanto a isto ele mesmo escreveu:

"Não tenho confiança alguma nas novas teorias que surgiram no movimento; isto é, que Cristo veio como Noivo, e que a porta da graça foi fechada; e que em seguida a sétima trombeta tocou, ou que foi de algum modo o cumprimento da profecia da sua vinda" (A *História da Mensagem Adventista,* p. 412).

Até o fim dos seus dias, em 20 de dezembro de 1849, com sessenta e oito anos incompletos, Miller permaneceu como cristão humilde e consagrado. Ele morreu na fé e na esperança de estar em breve com o Senhor.

1.3. ANOS POSTERIORES A MILLER

Dos três grupos que apoiaram Hiram Edson na sua nova "revelação", dois deles deram substancial contribuição para a formação da seita hoje conhecida como "Adventismo do 7ª Dia".

O primeiro era dirigido por Joseph Bates, que observava o sábado, e não o domingo. O segundo grupo dava muita ênfase aos dons espirituais, particularmente ao de profecia, e tinha entre os seus membros a senhora Helen Harmon (mais tarde senhora White), que dizia ter o dom de profecia.

Ao se unirem os três grupos, cada um deu a sua contribuição para a nova igreja em formação: o primeiro, a revelação de Edson com respeito ao santuário celestial; o segundo, o legalismo; e o terceiro grupo cooperou com uma profetiza que por mais de meio século haveria de exercer influência predominante na fundação e crescimento da nova igreja.

Não obstante possuir uma esperança escatológica, o Adventismo do Sétimo Dia esposa uma doutrina pouco coerente com a revelação divina dada através das Escrituras.

II. A GUARDA DO SÁBADO

A guarda do sábado é sem dúvida o principal ponto de controvérsia da doutrina do Adventismo do Sétimo Dia. O próprio complemento do nome desta seita, "Sétimo Dia", mostra quanta afinidade existe entre o adventismo e o sábado.

O Adventismo ensina que o crente deve observar o sábado como

o dia de repouso, e não o domingo. Crê que os que guardam o domingo aceitarão a "marca da besta" sob o governo do Anticristo. Helen White ensina que a observância do sábado é o selo de Deus; enquanto o domingo será o selo do Anticristo.

2.1. ORIGEM DA DOUTRINA SABÁTICA

Já mostramos que dos três grupos que se juntaram para formar o Adventismo, o primeiro era liderado por Joseph Bates, e observava o sábado como dia semanal de descanso. Contudo, a observância do sábado como dia de repouso tomou força quando a senhora Helen White começou a alegar ter recebido uma "revelação", segundo a qual Jesus descobriu a arca do concerto e ela pode ver dentro as tábuas da Lei. Para sua surpresa, o quarto mandamento estaria no centro, rodeado de uma auréola de luz.

2.2. UMA DOUTRINA INSUSTENTÁVEL

Evidentemente, não temos qualquer preconceito contra o Adventismo pelo simples fato de seus adeptos guardarem o sábado. Questionamos o Adventismo pelo fato de fazerem desse ensino um cavalo de batalha contra as igrejas evangélicas que têm o domingo como dia de repouso semanal.

Dos dez mandamentos registrados em Êxodo 20, o Novo Testamento ratifica apenas nove, excetuando o quarto, que fala da guarda do sábado. Por exemplo, compare os mandamentos da coluna esquerda com os da coluna direita:

1. " Não terás outros deuses diante de mim" (Ex 20.3).	1. "...vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra..." (At 14.15).
2. "Não farás para ti imagem de escultura" (Êx 20.4).	2. "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (Jo 5.21).
3. "Não tomaras o nome do Senhor teu Deus em vão" (Ex 20.7).	3. "... não jureis nem pelo Céu, nem pela terra" (Tg 5.12).
4. "Lembra-te do dia do sábado, para o santificar" (Ex 20.8).	4. (Não há este mandamento no Novo Testamento)
5. "Honra a teu pai e a tua mãe" (Êx 20.12).	5. "Filhos, obedecei a vossos pais" (Ef 6.1).
6. "Não matarás" (Êx 20.13).	6. "Não matarás" (Rm 13.9).
7. "Não adulterarás" (Êx 20.14).	7. "Não adulterarás" (Rm 13.9).
8. "Não furtarás" (Êx 20.15).	8. "Não furtarás" (Rm 13.9).
9. "Não dirás falso testemunho" (Êx 20.16).	9. "Não mintais uns aos outros" (Cl 3.9).
10. "Não cobiçarás" (Êx 20.17).	10. "Não cobiçarás" (Rm 13.9).

O Novo Testamento repete pelo menos:

• 50 vezes o dever de adorar somente a Deus;
• 12 vezes a advertência contra a idolatria;
• 4 vezes a advertência para não tomar o nome do Senhor em vão;
• 6 vezes a advertência contra o homicídio;
• 12 vezes a advertência contra o adultério;
• 6 vezes a advertência contra o furto;
• 4 vezes a advertência contra o falso testemunho;
• 9 vezes a advertência contra a cobiça.

Em nenhum lugar do Novo Testamento, no entanto, é encontrado o mandamento de guardar o sábado.

III. O SÁBADO OU O DOMINGO?

É possível alguém cumprir a Lei sem guardar o sábado? A resposta a esta pergunta é dada quando estudamos a vida e o ministério terreno de nosso Senhor Jesus Cristo.

O Novo Testamento ratifica o que está escrito no Antigo Testamento, que, ninguém jamais foi capaz de cumprir a lei na sua plenitude. A necessidade da encarnação de Cristo se constitui numa das mais evidentes provas da incapacidade do homem em cumprir a lei divina, por isso Ele mesmo disse: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um *i* ou um *til* jamais passará da lei, até que tudo se cumpra" (Mt 5.17,18).

Não poucas passagens do Antigo Testamento mostram a irritação divina diante do legalismo frio e morto dos judeus, apresentado através dos sacrifícios e sucessivas cerimônias feitas com o propósito de satisfazer a letra da Lei. Quanto mais tempo passava, mais imperfeito se manifestava o homem que buscava a perfeição através da prática da Lei. Porém, veio Jesus Cristo, o enviado de Deus, para cumprir a Lei em nosso lugar, o que fez coroando-a pelo ato da sua morte na cruz.

3.1. JESUS VIOLOU O SÁBADO

Segundo a Bíblia, Jesus teve o seu nascimento prometido segundo a Lei (Dt 18.15); nasceu sob a Lei (Gl 4.4); foi circuncidado segundo a Lei (Lc 2.21); foi apresentado no templo segundo a Lei (Lc 2.22); ofereceu sacrifício no templo segundo a Lei (Lc 2.24); foi odiado segundo a Lei (Jo 15.25); foi morto segundo a Lei (Jo 19.7); viveu, morreu e ressuscitou segundo a Lei (Lc 24.44,46).

Apesar de Jesus haver cumprido toda a Lei, a respeito dEle se lê: "E os judeus perseguiam a Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. Mas Ele lhes disse: Meu pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente *violava* o *sábado,* mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.16-18). (ênfase minha)

Observe que assim como para os judeus era inadmissível Jesus ser Filho de Deus enquanto violava o sábado, para o Adventismo é igualmente impossível admitir que os evangélicos sejam filhos de Deus enquanto guardam o domingo, em substituição ao sábado.

3.2. A ABOLIÇÃO DO SÁBADO

Acusado pelos judeus de violar o sábado, Jesus afirmou que "... o sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; de sorte que o Filho do homem é Senhor também do sábado" (Mc 2.27,28).

Com estas palavras, Jesus defende o princípio moral do quarto mandamento do Decálogo, condenando abertamente o cerimonialismo, e revela a sua autoridade divina sobre o sábado, para cumpri-lo, abolí-lo ou mudá-lo. O sentimento moral é a necessidade de se descansar um dia por semana, valendo, para esse fim, qualquer deles.

Sobre esta questão, escreveu o apóstolo Paulo: "Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. Quem distingue entre dia e dia, para o Senhor o faz" (Rm 14.5,6).

3.3- POR QUE O DOMINGO?

Dentre outras razões da substituição do sábado pelo domingo, como dia semanal de repouso para a Igreja, destacam-se as seguintes:

• Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana (Mc 16.9).

• O primeiro dia da semana foi o dia especial das manifestações de Cristo ressuscitado. Manifestou-se cinco vezes no primeiro domingo e outra vez no domingo seguinte (Lc 24.13,33-36; Jo 20.13-19,26).

• O Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes, um dia de domingo (Lv 23.15,16,21; At 2.1-4).

• Os cristãos dos tempos apostólicos costumavam reunir-se aos domingos para celebrar a Santa Ceia do Senhor, pregar, e separar suas ofertas para o Senhor (At 20.7; 1 Co 16.1,2).

Ainda sobre o domingo como dia de festa semanal da Igreja, veja o que escreveram os seguintes Pais da Igreja:

• **Barnabé:** "De maneira que nós observamos o domingo com regozijo, o dia em que Jesus ressuscitou dos mortos".

• **Justino Mártir:** "Mas o domingo é o dia em que todos temos nossa reunião comum, porque é o primeiro dia da semana, e Jesus Cristo, nosso Salvador, neste mesmo dia ressuscitou da morte".

• **Inácio:** "Todo aquele que ama a Cristo, celebra o Dia do Senhor, consagrado à ressurreição de Cristo como o principal de todos os dias, não guardando os sábados, mas vivendo de acordo com o Dia

do Senhor, no qual nossa vida se levantou outra vez por meio dele e de sua morte. Que todo amigo de Cristo guarde o dia do Senhor!"

• **Dionísio de Corinto:** "Hoje observamos o dia santo do Senhor, em que lemos sua carta".

• **Vitorino:** "No Dia do Senhor acudimos para tomar nosso pão com ações de graça, para que não se creia que observamos o sábado com os judeus, o qual Cristo mesmo, o Senhor do sábado, aboliu em seu corpo".

Escreve o apóstolo Paulo: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo. Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado sem motivo algum na sua mente carnal, e não retendo a Cabeça, da qual todo corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus" (Cl 2.16-19).

IV. DOUTRINAS PECULIARES DO ADVENTISMO

Além da guarda do sábado, o Adventismo do Sétimo Dia diverge dos evangélicos em outros três assuntos de capital importância. São eles: o estado da alma após a morte, o destino final dos ímpios e de Satanás, e a obra da expiação.

4.1. O Estado da Alma Após a Morte

O Adventismo ensina que após a morte do corpo a alma é reduzida ao estado de silêncio, de inatividade e de inteira inconsciência, isto é, entre a morte e a ressurreição, os mortos dormem.

Este ensino contradiz vários textos das Escrituras, dentre os quais destacam-se Lucas 16.22-30 e Apocalipse 6.9,10.

O primeiro texto registra a história do rico e Lázaro logo após a morte, e mostra que o rico, estando no inferno,

a. levantou os olhos e viu Lázaro no seio de Abraão (v.23);
b. clamou por misericórdia (v.24);
c. teve sede (v.24);
d. sentiu-se atormentado (v.24);
e. rogou em favor dos seus irmãos (v.27);
f. ainda tinha seus irmãos em lembrança (v.28);
g. persistiu em rogar a favor dos seus entes queridos (v.30).

Já o texto de Apocalipse 6.9,10 trata da abertura do quinto selo, quando João viu debaixo do altar "as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam".

Segundo o registro de João, elas
a. clamavam com grande voz (v.10);
b. inquiriram o Senhor (v.10);
c. reconheceram a soberania do Senhor (v.10);
d. lembravam-se de acontecimentos da Terra (v.10);
e. clamavam por vingança divina contra os ímpios (v. 10).

As expressões *dormir* ou *sono* usadas na Bíblia para tipificar a morte falam da indiferença dos mortos para com os acontecimentos normais da Terra e nunca para com aquilo que faz parte do ambiente onde estão as almas desencarnadas. Assim como o subconsciente continua ativo enquanto o corpo dorme, a alma do homem não cessa sua atividade quando o corpo morre.

A palavra de Cristo na cruz ao ladrão arrependido: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43), é uma prova da consciência da alma imediatamente após a morte.

No momento da transfiguração de Cristo, Moisés não estava inconsciente e silencioso enquanto falava com Cristo sobre a sua morte iminente (Mt 17.1-6).

4.2. O DESTINO FINAL DOS ÍMPIOS E SATANÁS

Spicer, um dos mais lidos escritores adventistas, escreve: "O ensino positivo da Sagrada Escritura é que o pecado e os pecadores serão exterminados para não mais existirem. Haverá de novo um Universo limpo, quando estiver terminada a grande controvérsia entre Cristo e Satanás". É evidente que este ensino entra em contradição com as seguintes passagens: Daniel 12.2; Mateus 25.46; João 5.29 e Apocalipse 20.10.

Daniel 12.2 e Mateus 25.46 estão de acordo ao afirmar que:
a. Os justos ressuscitarão para a vida e gozo eternos;
b. Os ímpios ressuscitarão para vergonha e horror igualmente eternos.

Aqui, "vergonha e horror eterno" não significa destruição ou aniquilamento. Estas palavras falam do estado de separação entre Deus e o ímpio após a sua morte. Se for certo que o ímpio será destruído, por que então terá ele de ressuscitar e depois ser lançado no Lago de Fogo? (Mt 25.41). Apocalipse 14.10,11 diz que os adoradores do Anticristo serão atormentados "e a fumaça de seu tormento sobe pelos séculos dos séculos". Isto não é aniquilamento. Quanto à pessoa de Satanás, Apocalipse 20.10 diz que ele, o Anticristo e o Falso Profeta, "serão atormentados no Lago de Fogo pelos séculos dos séculos", para sempre. Isto não é aniquilamento.

4.3. A DOUTRINA DA EXPIAÇÃO

Segundo o Adventismo do Sétimo Dia, a doutrina da expiação é explicada partindo do seguinte raciocínio:

a. Em 1844, Cristo começou a purificação do santuário celestial.

b. O céu é a réplica do santuário típico sobre a Terra, com dois compartimentos: o lugar santo e o santo dos santos.

c. No primeiro compartimento do santuário celestial, Cristo intercedeu durante dezoito séculos (do ano 33 ao ano 1844), em prol dos pecadores penitentes, "entretanto seus pecados permaneciam ainda no livro de registros".

d. A expiação de Cristo permanecera inacabada, pois havia ainda uma tarefa a ser realizada, a saber: a remoção de pecados do santuário no céu.

e. A doutrina do santuário levou o Adventismo do Sétimo Dia finalmente a declarar: "Nós discordamos da opinião de que a expiação foi efetuada na cruz, conforme geralmente se admite".

Este ensino não pode manter-se de pé, primeiramente porque foi concebido por uma pessoa (a senhora White) de exagerado fanatismo e de muitas visões da carne; e segundo, porque é incoerente com o tratamento do assunto nas Escrituras. A Bíblia ensina que:

a. A obra expiatória de Cristo é perfeita (Hb 7.27; 10.12,14).

b. A salvação do crente é perfeita e imediata (Jo 5.24; 8.36; Rm8.1; 1 Jo 1.7).

4
AS TESTEMUNHAS-DE-JEOVÁ

As "Testemunhas-de-jeová" formam uma das seitas que mais crescem atualmente. Em face do seu proselitismo incontrolável, e do grande mal causado por seus ensinos à vida do crente, necessário se faz estudá-la.

I. RESUMO HISTÓRICO DO JEOVISMO

Charles Taze Russell, fundador da seita "Testemunhas de Jeová", nasceu no Estado da Pensilvânia, Estados Unidos, no ano de 1854. Perturbado pela doutrina das penas eternas, tornou-se simpatizante da doutrina adventista, a qual abraçou posteriormente. Como Russell possuía pontos de vista muito pessoais, principalmente quanto à maneira e ao objetivo da vinda de Cristo, não demorou haver divergência entre seus pontos de vista e os dos líderes adventistas. Nessa época, em parceria com um adventista de nome N.H. Barbour, escreveu um livro. Essa amizade, porém, durou pouco, pois logo se separaram, após uma acalorada discussão quanto à doutrina da expiação. Um ano após, em 1872, Russell lança os fundamentos do seu movimento, inicialmente com os nomes "Torre de Vigia de Sião" e "Arauto da Presença de Cristo".

1.1. As IDÉIAS DE RUSSELL

Russell vivia em freqüentes choques com as autoridades e os tribunais, dos quais nem sempre se saía bem. Censurou as igrejas e seus líderes como porta-vozes do engano e como instrumentos do diabo. Para preparação dos seus discípulos, escreveu uma obra intitulada *Estudos nas Escrituras,* sobre a qual o próprio Russell declarou ousadamente que seria melhor que ela fosse lida do que lida a Bíblia sozinha. Contudo, mais tarde, ele mesmo chamou de "imaturos" alguns de seus escritos primitivos.

Russell foi um homem de mau procedimento. Casou-se em 1879. Várias vezes foi levado ao tribunal por sua própria esposa, em face de maus tratos que sofria dele. Não podendo ela suportá-lo mais, abandonou-o em 1887, dele divorciando-se em 1913. Viu-se muitas vezes em apuros com a justiça devido a escândalos financeiros.

1.2. JOSEPH FRANKLIN RlJTHERFORD

Charles Taze Russell morreu a 9 de novembro de 1916, sendo substituído pelo juiz Joseph Franklin Rutherford.

Rutherford excedeu em muito a atuação do próprio Russell,

fundador da seita. Logo no princípio da sua gestão, fundou a revista *Despertai,* com uma tiragem mensal que vai a um milhão de exemplares. Esteve por vários meses na cadeia por causa de alegadas "atividades antiamericanas", no inicio da entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra. Isto contribuía mais para que Rutherford e seus seguidores tivessem maior ódio da "organização do diabo" (como tratavam toda e qualquer espécie de organização política ou religiosa que se opunha aos seus ensinos e às doutrinas). Rutherford morreu a 8 de janeiro de 1942, com 72 anos de idade.

1.3. NATHAN H. KNORR

Com a morte de Rutherford, Nathan H. Knorr assumiu a os liderança da seita. No início do seu mandato escreveu um ensaio com o título: "Testemunhas-de-jeová dos Tempos Modernos", com a afirmação: "Deus Jeová é o organizador de suas testemunhas sobre a terra". Prosseguindo, diz que o nome da organização deriva-se da passagem de Isaías 43.10: "Vós sois minhas testemunhas, diz Jeová".

1.4. ESCRAVOS DE UM SISTEMA

As Testemunhas-de-jeová demonstram um zelo incomum em tornarem conhecidas as suas doutrinas, pelo que se dedicam ao máximo à venda de livros e revistas, de porta em porta. Além de se dedicarem com afinco a esse trabalho, quase todos dão uma parcela de cooperação na disseminação das doutrinas da seita. W.J. Schenell, ex-testemunha", diz que as "testemunhas" ficam sob constantes pressões e com medo mortal dos seus líderes. Por exemplo: se não venderem suficiente literatura, serão rebaixados à "classe de maus servos", ou "servos inúteis".

1.5. EXPANSÃO DA SEITA

Já em 1949, o Anuário das Igrejas Americanas trazia o seguinte: "As testemunhas-de-jeová têm grupos em quase todas as cidades dos Estados Unidos, bem como em outras partes do mundo, com o propósito de estudar a Bíblia. Não fazem relatório de seus membros, nem anotam a assistência às reuniões. Reúnem-se em salões alugados e não constróem templos para o seu próprio uso".

A maior parte dos seus esforços é gasta procurando alcançar pessoas já membros de igrejas evangélicas, cujos preceitos eles põem em dúvida por meio de ensinos subversivos. Enviam os seus representantes para os campos missionários estrangeiros, onde, às vezes, entram em conflito com as autoridades.

II. A DOUTRINA DA TRINDADE

Poucos aspectos da doutrina cristã têm sofrido tantos ataques das "testemunhas-de-jeová" quanto a doutrina da Trindade. O que eles

pensam e dizem sobre este tema é abundantemente mostrado nos seus livros, revistas e palestras, como vemos a seguir.

2.1. O CÚMULO DO ABSURDO

"Satanás deu origem à doutrina da trindade" *(Seja Deus Verdadeiro,* p. 81).

"Um contemporâneo de Teófilo na África Setentrional, o escritor latino chamado Tertuliano, da cidade de Cartago, defronte a Itália, escreveu uma defesa de sua religião e introduziu nos seus escritos a palavra *trinitas,* que quer dizer 'trindade'. Daquele tempo em diante a doutrina trinitária veio a infectar cada vez mais a crença dos cristãos professos. Tal doutrina é absolutamente alheia ao verdadeiro Cristianismo. Nem se encontra a palavra *trias* nas inspiradas Escrituras gregas cristãs, tampouco se acha a palavra *trinitas,* nem mesmo na tradução latina da Bíblia, a Vulgata" *(Que tem Feito a Religião Pela Humanidade?* p. 261).

"Ninrode casou-se com sua mãe Semíramis, e assim, num sentido, ele é seu próprio pai e seu próprio filho. Aqui está a origem da doutrina da trindade" (Russell, *Estudos nas Escrituras).*

2.2. CONCEITO INCONSISTENTE

O ensino jeovista de que Tertuliano inventou a doutrina da Trindade é injusto, tendencioso e mau. Viria ao caso perguntarmos: "Newton inventou a lei da gravidade ou simplesmente elucidou-a?" A mesma pergunta deve ser feita quanto à pessoa de

Tertuliano relativamente à doutrina da Trindade: "Tertuliano inventou a doutrina da Trindade ou simplesmente interpretou-a?"

Por exemplo, o fato de Martinho Lutero ter defendido a doutrina da justificação pela fé e a do sacerdócio universal dos crentes não significa que ele as inventou.

É evidente que a palavra trindade não se encontra na Bíblia, como também nela não se encontram expressões como "testemunhas-de-jeová" e "Salão do Reino", porém, a Bíblia contém a idéia básica da doutrina da Trindade. Não descartamos a possibilidade de que Tertuliano tenha sido o primeiro dos escritores da Igreja a usar a palavra *Trindade* (três em um), com o objetivo de dar forma a uma verdade implícita do Gênesis ao Apocalipse. Devemos ter em mente, no entanto, que descobrir uma verdade não é a mesma coisa que inventar a verdade. A verdade não se inventa, descobre-se.

2.3. A TRINDADE NAS ESCRITURAS

A idéia da Trindade faz-se presente nos seguintes casos mencionados na Bíblia Sagrada:

a. Criação do homem (Gn 1.26).

b. Conclusão divina quanto à capacidade do conhecimento do

homem a respeito do bem e do mal (Gn 3.22).

c. Confusão das línguas, em Babel (Gn 11.7).
d. Visão e chamamento de Isaías (Is 6.8).
e. Batismo de Jesus no Jordão (Mt 3.16,17).
f. A Grande Comissão de Jesus (Mt 28.19).
g. Distribuição dos dons espirituais (1 Co 12.4-6).
h. Bênção apostólica (2 Co 13.13).
i. Descrição paulina da unidade da fé (Ef 4.4-6).
j. Eleição dos santos (1 Pe 1.2).
1. Exortação de Judas (Jd vv.20,21).
m. Dedicatória das cartas às sete igrejas da Ásia (Ap 1.4,5).

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, títulos divinos são atribuídos às três Pessoas da Trindade: a) a respeito do Pai (Êx 20.2); b) a respeito do Filho (Jo 20.28); c) a respeito do Espírito Santo (At 5.3,4).

Cada Pessoa da Trindade é descrita na Bíblia, como:

- Onipresente
- Onipotente
- Onisciente
- Criador
- Eterno
- Santo
- Santificador
- Fonte da vida eterna
- Mestre
- Capacitado a ressuscitar mortos
- Inspirador
- Dos profetas
- Salvador
- Supridor de ministros à Igreja

O Pai	**O Filho**	**O Espírito**
Jr 23.24	Ef 1.20-23	Sl 139.7
Gn 17.1	Ap 1.8	Rm 15.19
At 15.18	Jo 21.17	1 Co 2.10
Gn 1.1	Jo 1.3	Jó 33.4
Rm 16.26	Ap 22.13	Hb 9.14
Ap 4.8	At 3.14	Jo 1.33
Jd 24.25	Hb 2.11	1 Pe 1.2
Rm 6.23	Jo 10.28	Gl 6.8
Is 48.17	Mt 23.8	Jo 14.26
1 Co 6.14	Jo 2.19	1 Pe 3.18

Hb 1.1	2 Co 13.3	Mc 13.11
Tt 3.4	Tt 3.6	Jo 3.8
Jr 3.15	Ef 4.11	At 20.28

III. POR JEOVÁ E CONTRA CRISTO

Quanto à Pessoa de Cristo, a doutrina das "testemunhas-de-jeová" é essencialmente ariana, e se identifica muito bem com diferentes correntes heréticas surgidas nos primeiros séculos da história da Igreja.

3.1. Rejeição da Divindade de Cristo

Quanto à Pessoa e à divindade de Jesus Cristo, dizem os jeovistas:

"Este [Jesus Cristo], não era Jeová Deus, mas estava 'existindo na forma de Deus'. Como assim? Ele era uma pessoa espiritual, assim como 'Deus é Espírito'; era poderoso, mas não Todo-poderoso como o é Jeová Deus: também ele existia antes de todas as outras criaturas de Deus porque foi o primeiro filho que Jeová Deus trouxe à existência. Por isso é chamado 'o Filho unigênito' de Deus, porque Deus não teve associado ao trazer à existência o seu unigênito Filho... Ele não é o autor da criação de Deus; mas, depois de Deus o haver criado como primogênito, usou-o como seu obreiro associado ao trazer à existência todo o resto da criação" *(Seja Deus Verdadeiro,* pp. 34,35).

Em resumo, o que se conclui deste ensino herético é que Jesus Cristo:

a. não é Deus;
b. em sua vida humana foi simplesmente uma pessoa espiritual;
c. não é Todo-poderoso;
d. foi criado pelo Pai, como criadas foram as demais coisas;
e. não é o autor da Criação.

3.2. A Bíblia Enfatiza a Divindade de Cristo

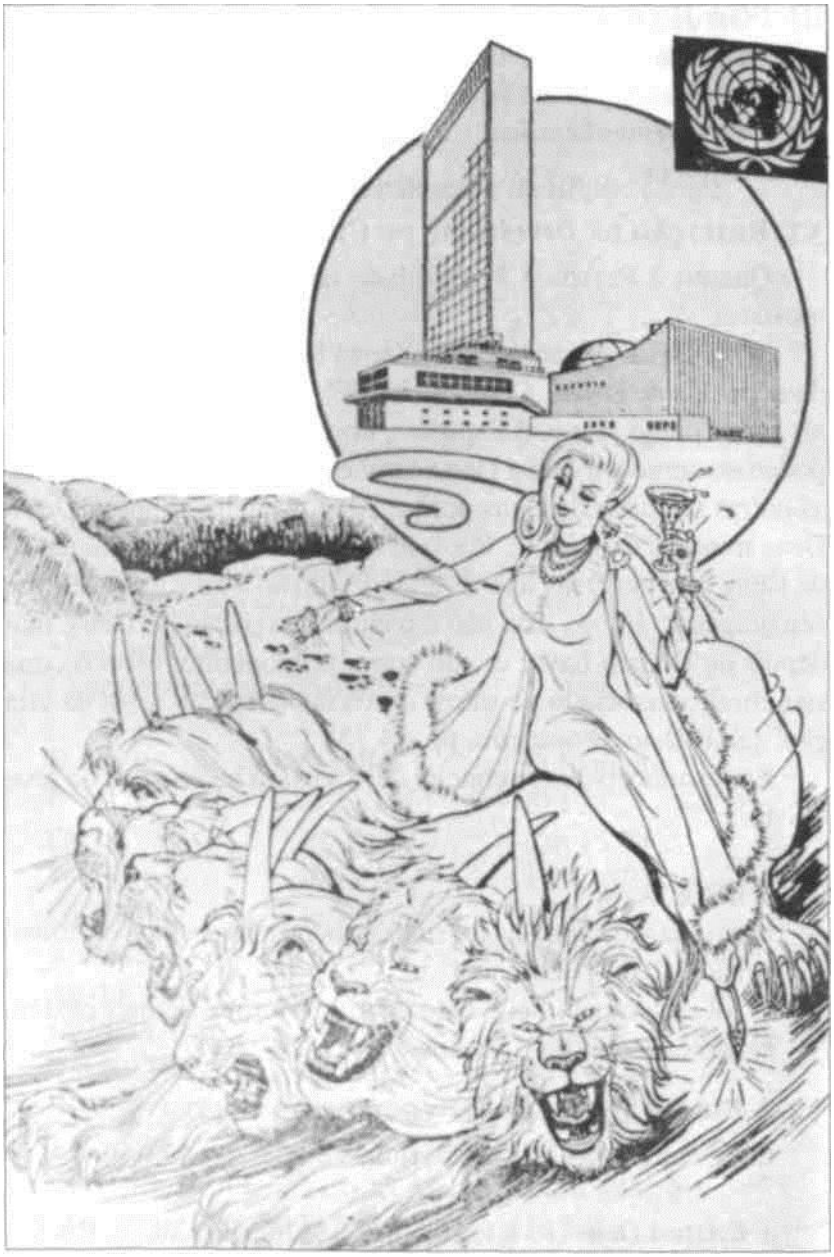
O testemunho geral das Escrituras é que:

a. Cristo é Deus (Jo 1.1; 10.30,33,38; 14.9,11; 20.28; Rm 9.5; Cl 1.15; 2.9; Fp 2.6; Hb 1.3; 2 Co 5.19; 1 Pe 1.2; 1 Jo 5.2; Is 9.6).

b. Cristo é Todo-poderoso (Mt 28.18; Ap 1.8).

c. Cristo não foi criado, pois é eterno (Jo 1.18; 6.57; 8.19,58; 10.30,38; 14.7,9,10,20; 16.28; 17.21).

d. Cristo é o autor da Criação (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2,10; Ap3.14).



Concepção russelita da queda da Grande Babilônia

Muitas afirmações feitas no Antigo Testamento a respeito de Jeová são cumpridas e interpretadas no Novo Testamento, referindo-se a Jesus Cristo. Compare:

Isaías 40.3,4 com Lucas 1.68,69,76
Êxodo 3.14 com João 8.56-58
Jeremias 17.10 com Apocalipse 2.23
Isaías 60.19 com Lucas 2.32
Isaías 6.10 com João 12.37-41
Isaías 8.12,13 com 1 Pedro 3.14,15
Isaías 8.13,14 com 1 Pedro 2.7,8
Números 21.6,7 com 1 Coríntios 10.9
Salmos 23.1 com João 10.11; 1 Pedro 5.4
Ezequiel 34.11,12 com Lucas 19.10

Deuteronômio 6.16 com Mateus 4.10.

3.3. PROVADA A DIVINDADE DE CRISTO

Atributos inerentes a Deus Pai relacionam-se harmoniosamente com Cristo, provando a sua divindade. Deste modo a Bíblia apresenta-o como:

• O Primeiro e o Último (Is 41.4; Cl 1.15,18; Ap 1.17; 21.6).
• Senhor dos senhores (Ap 17.14).
• Senhor de todos e Senhor da Glória (At 10.36; 1 Co 2.8).
• Rei dos reis (Is 6.1-5; Jo 12.41; 1 Tm 6.15).
• Juiz (Mt 16.27; 25.31,32; 2 Tm 4.1; At 17.31). •Pastor (SI 23.1; Jo 10.11,12).
• Cabeça da Igreja (Ef 1.22).
• Verdadeira Luz (Lc 1.78,79; Jo 1.4,9).
• Fundamento da Igreja (Is 28.16; Mt 16.18).
• O Caminho (Jo 14.6; Hb 10.19,20). •A Vida(Jo 11.25; 1 Jo 5.11,12).
• Perdoador de pecados (SI 103.3; Mc 2.5; Lc 7.48,50).
• Preservador de tudo (Hb 1.3; Cl 1.17).
• Doador do Espírito Santo (Mt 3.11; At 1.5).
• Onipresente (Ef 1.20-23).
• Onipotente (Ap 1.8).
• Onisciente (Jo 21.17).
• Santificador(Hb2.11).
• Mestre (Lc 21.15; Gl 1.12).
• Ressuscitador de si mesmo (Jo 2.19).
• Inspirador dos profetas (1 Pe 1.17).
• Supridor de ministros à Igreja (Ef 4.11).
• Salvador (Tt 3.4-6).

3.4. JESUS, O VERBO DIVINO

Na. *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs,* versão bíblica forjada pelas "testemunhas-de-jeová", lê-se João 1.1, assim: "No princípio era a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era um deus". Note o final da expressão: "... *um deus".*

Entre as famosas traduções da Bíblia conhecidas hoje, pelo menos «dezenove delas afirmam que "A Palavra era Deus"; não "deus" com "dl" minúsculo, ou "um deus" qualquer. Veja, por exemplo:

• KING JAMES VERSION - A Palavra era Deus.
•THE NEW INTERNATIONAL VERSION (A Nova Versão Internacional) - A Palavra era Deus.
• ROTHERHAM - A Palavra era Deus.
• DOUAY - A Palavra era Deus.
• JERUSALÉM BIBLE (A Bíblia de Jerusalém) - A Palavra era Deus.

• AMERICAN STANDARD VERSION (Versão Padrão Americana) - e a Palavra era Deus.

• REVISED STANDARD VERSION (Versão Padrão Revista) - e a Palavra era Deus.

• YOUNG'S LITERAL TRANSLATION OF THE BIBLE (Tradução Literal da Bíblia, de Young) - e a Palavra era Deus.

• THE NEW LIFE TESTAMENT (O Testamento da Nova Vida) - a Palavra era Deus.

• MODERN KING JAMES VERSION (Versão Moderna da King James) - a Palavra era Deus.

• NEW TRANSLATION - DARB Y (Nova Tradução) - a Palavra era Deus.

• NUMERIC ENGLISH NEW TESTAMENT - a Palavra era Deus.

• THE NEW AMERICAN STANDARD BIBLE (A Nova Bíblia Padrão Americana) - e a Palavra era Deus.

• THE NEW TESTAMENT IN MODERN SPEECH -WEYMOUTH (O Novo Testamento em Linguagem Moderna) - e a Palavra era Deus.

• THE NEW TESTAMENT IN BASIC ENGLISH (O Novo Testamento em Inglês Básico) - e a Palavra era Deus.

• THE NEW TESTAMENT IN MODERN ENGLISH -MONTGOMERY (O Novo Testamento em Inglês Moderno) - e a Palavra era Deus.

• THE NEW TESTAMENT IN ENGLISH (Phillips) - essa Palavra estava com Deus e era Deus.

• THE BERKLEY VERSION (A Versão de Berkley) - e a Palavra era Deus.

• EMPHATIC DIAGLOTT (Publicação das testemunhas-de-jeová) - e o Logos era Deus.

Quatro traduções não usam exatamente a expressão "a Palavra era Deus", mas evidenciam a divindade de Cristo conforme o texto de João 1.1. São elas:

• AN EXPANDED TRANSLATION - WEST (Uma Tradução Ampliada) - e a Palavra era, quanto à sua essência, divindade absoluta.

• THE AMPLIFIED BIBLE (A Bíblia Ampliada) - e a Palavra era o próprio Deus.

• LIVING BIBLE (A Bíblia Viva) - antes que algo mais existisse, existia Cristo com Deus. Ele sempre tem vivido e é Ele o próprio Deus.

• LAMSA - E Deus era essa Palavra.

Quatro traduções não ensinam claramente a divindade de Cristo, conforme João 1.1. São elas:

• MOFATT - O Logos era divino.

• TODAVS ENGLISH VERSION (Versão em Inglês de Hoje) - e Ele era o mesmo que Deus.

• GOODSPEED - A Palavra era divina.

• NEW ENGLISH BIBLE (Nova Bíblia Inglesa) - e o que Deus era,

a Palavra era.

Apenas quatro traduções, negam a divindade de Cristo em João 1.1. São elas:

• THE NEW WORLD TRANSLATION OF THE HOLY SCRIPTURES (Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas) - e a Palavra era um deus.

• EMPHATIC DIAGLOTT (tradução interlinear do grego) - e um deus era a Palavra.

• THE KINGDOM INTERLINEAR OF THE SCRIPTURES

(Tradução do Reino, Interlinear, das Escrituras Gregas) - e deus era a Palavra.

• THE KINGDOM INTERLINEAR (A Interlinear do Reino) - e a Palavra era um deus.

Todas estas últimas quatro versões citadas são publicadas e distribuídas pelas testemunhas-de-jeová.

3.5. DEPOIMENTO DA TEOLOGIA

Das dezenove traduções mencionadas, que afirmam que "a Palavra era Deus", pelo menos treze delas foram feitas por piedosos cristãos. Quanto aos tradutores das versões citadas pelas testemunhas-de-jeová, as quais afirmam que "a Palavra era um deus", põe-se em dúvida a sanidade espiritual dos seus tradutores, inclusive se tinham mesmo algum conhecimento das línguas originais das Escrituras. De maneira especial, a *Emphatic Diaglott,* citada pelas "testemunhas" com maior freqüência, foi feita por Benjamin Wilson, cristadelfiano, membro de uma seita falsa.

A esperteza das "testemunhas" não conhece limites, seja quando têm de torcer a Bíblia, seja falsificando as traduções ou interpolando textos de obras alheias.

Em um artigo intitulado "Uma Tradução Errada e Chocante", o doutor Julios R. Mantey, escreve:

"A *Manual Grammar of the Greek New Testament,* do qual sou co-autor, é citado pelos tradutores do apêndice *da Tradução do Reino, Interlinear, das Escrituras Gregas.* Eles citaram-me fora do contexto. Apuradas pesquisas descobriram ultimamente abundante e convincente evidência de que a tradução de João 1.1 por 'deus era a Palavra' ou 'a Palavra era um deus' não tem qualquer apoio gramatical."

Em carta de 11 de julho de 1974, encaminhada à Sociedade Torre de Vigia, quartel-general das testemunhas-de-jeová, escreve o doutor Mantey: "Não existe qualquer afirmação na nossa gramática que alguma vez quisesse implicar que 'um deus' era a tradução admissível em João 1.1... Não revela erudição, nem mesmo é razoável traduzir João 1.1 por 'a Palavra era um deus'. A ordem das palavras tornou obsoleta e incorreta tal tradução. A vossa citação da regra de

Colwell é inadequada, porque indica apenas parte das suas conclusões... Ambos os eruditos escreveram que, quando pretendiam dar a idéia indefinida, os escritores dos Evangelhos colocavam regularmente o nome predicativo depois do verbo, e tanto Colwell como Harner afirmaram que *Theos,* em João 1.1, não é indefinido e não deve ser traduzido por 'um deus. Os escritores da Torre de Vigia parecem ser os únicos a advogar tal tradução agora. A evidência contra eles parece de 99%.

"Em vista dos fatos precedentes, principalmente por me terdes citado fora do contexto, peço-vos por meio desta que não volteis a citar A *Manual Grammar ofthe Greek New Testament,* como fazeis há 24 anos. Peço ainda que, de agora em diante, não me citeis, nem a mim nem a esta obra, em qualquer das vossas publicações.

"Também, que pública e imediatamente apresenteis desculpas na revista Torre de Vigia, uma vez que as minhas palavras não tiveram nenhuma relevância no que toca à ausência do artigo antes de *Theos,* em João 1.1", conclui o doutor Mantey.

Se João 1.1 quisesse dizer "a Palavra era um deus", o apóstolo teria usado no grego a palavra *theios,* que significa "um deus", um ser meio divino; em vez de *Theos* (Deus), que João usou conscientemente.

O doutor James L. Boyer, do Seminário Teológico da Graça, de Winona Lake, Indiana, Estados Unidos, escreveu: "Para um estudante familiarizado com a língua grega, João 1.1 é a expressão mais forte possível da absoluta divindade da Palavra, muito mais do que seria com o uso do artigo. O fato de não ser usado o artigo no grego descreve, qualifica e enfatiza a natureza e a característica do substantivo usado. O emprego do artigo particulariza e identifica, aponta para o indivíduo. Se João tivesse escrito o artigo definido com a palavra *Deus,* teria significado que a Palavra e Deus eram o mesmo indivíduo, uma negação da Trindade. Mas ao empregar a Palavra *Deus* sem o artigo, diz qual é o caráter da Palavra. Ele é Deus. Ele é alguém cujo caráter é descrito pela palavra *Deus".*



Concepção russelita do paraíso terrestre no porvir

IV DERROCADA ESCATOLÓGICA

Embora nada de proveitoso haja no sistema doutrinário das testemunhas-de-jeová, existem aspectos nele que são por demais absurdos. Queremos nos referir em particular a alguns desses aspectos da sua doutrina escatológica, ou seja, a doutrina das últimas coisas.

4.1. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Afirmam as testemunhas-de-jeová:

"Cristo Jesus vem, não em forma humana, mas como criatura espiritual e gloriosa... Ele vem, portanto, desta vez, não em humilhação, não na semelhança dos homens, mas em sua glória, e todos os anjos com ele.

"Alguns podem citar as palavras dos anjos: 'Esse Jesus que dentre vós foi recebido no céu, assim virá do modo como o vistes ir para o céu' (At 1.11). Notem, porém, que este texto não diz que ele virá com a mesma aparência, ou no mesmo corpo, mas somente do mesmo modo" *(Seja Deus Verdadeiro,* pp. 184,185).

4.2. O ARMAGEDOM E O GOVERNO DE CRISTO

"A batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso (o Armagedom) terminará em 1914, com a derrocada completa do governo do mundo... e o pleno estabelecimento do reino de Cristo" (Russell, *Estudos nas Escrituras,* vol. II, pp. 101,170).

Segundo o ensino de Russell, Cristo voltou à Terra e começou o seu governo de paz no ano de 1914.

4-3- O Juízo FINAL

"Na primavera de 1918, veio o Senhor, e começou o juízo, primeiro da 'casa de Deus' e depois das nações deste mundo" *(Seja Deus Verdadeiro,* **p.** 284).

4.4. OBJEÇÕES BÍBLICAS A ESSE ENSINO

Ensinar que Cristo será invisível por ocasião da sua segunda vinda, e que Ele estará dotado de outro corpo que não seja o corpo da sua ressurreição, é ensino contrário a muitas passagens das Escrituras, dentre as quais se destacam Zacarias 12.10; Mateus 24.30 e Apocalipse 6.15-17.

Quanto ao dia em que se dará a vinda de Cristo, diz Mateus 24.36: "A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai". — Como, pois, o saberão essas falsas testemunhas-de-Jeová?

Vendo fracassada a sua previsão quanto à segunda vinda de Cristo, Russell arquitetou uma alteração à sua falsa teoria: "A data era correta, porém, equivoquei-me quanto à forma; o reino não terá caráter material e visível, como havia anunciado, mas será espiritual e invisível" *(Seja Deus Verdadeiro,* pp. 22,25).

Tendo chegado a data anunciada por Russell, em lugar da paz milenária do reino de Cristo, rebentou no mundo a Primeira Guerra Mundial, que enlutou milhares e milhares de famílias em toda a Terra.

4.5. ORDEM DOS EVENTOS ESCATOLÓGICOS

A escatologia russelita é mais uma prova inconteste de quão herética é a seita das testemunhas-de-jeová. Ao contrário da escatologia russelita, a Bíblia apresenta os eventos escatológicos na seguinte ordem:

a. O arrebatamento da Igreja.

b. O comparecimento dos crentes diante do Tribunal de Cristo,

as Bodas do Cordeiro no céu, e a Grande Tribulação na Terra.

c. Batalha do Armagedom.

d. Manifestação de Cristo em glória com os seus santos e anjos.

e. Julgamento das nações.

f. Prisão de Satanás por mil anos.

g. Inauguração do reino milenar de Cristo na Terra.

h. Soltura de Satanás por um breve espaço de tempo, mas logo será novamente preso para todo o sempre, i. Juízo do Grande Trono Branco, j. Estabelecimento de novo céu e da nova Terra.

Ninguém em sã consciência se atreveria a afirmar que já tenha ocorrido qualquer um desses eventos na Terra. Quando ocorreu o arrebatamento da Igreja? Onde estão agora o novo céu e a nova Terra?

Diante de todo este disparate e desrespeito demonstrado por parte das testemunhas-de-jeová quanto à Palavra de Deus, vale a pena lembrar as palavras de Apocalipse 22.18,19:

"Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das coisas que se acham escritas neste livro".

V. SÍNTESE DOUTRINÁRIA DAS "TESTEMUNHAS"

A doutrina das testemunhas-de-jeová forma uma grande miscelânea mais bem identificada pela desordem e pela negação que lhe são peculiares. Atente para os seguintes aspectos desta doutrina:

5.1. A ALMA DO HOMEM

"Os cientistas e cirurgiões não foram capazes de encontrar no homem nenhuma prova determinante de imortalidade. Não podem encontrar nenhuma evidência indicativa de que o homem possui uma alma imortal... Assim, vemos que a pretensão de que o homem possui uma alma imortal, e que, portanto, difere das bestas, não é bíblica" *(Seja Deus Verdadeiro,* pp. 56,59).

5.2. 0 INFERNO

"A doutrina de um inferno ardente onde os iníquos, depois da morte, são torturados para sempre, não pode ser verdadeira, principalmente por quatro razões: 1) está inteiramente fora das Escrituras; 2) é irracional; 3) é contrária ao amor de Deus; 4) é repugnante à justiça" *(Seja Deus Verdadeiro,* p. 79).

5.3. A IGREJA

"Em Apocalipse 14.1,3, a Bíblia é terminante ao predizer que o total final da igreja celeste será de 144.000, segundo o decreto de

Deus" *(Seja Deus Verdadeiro,* p. 112). Daí surgiu o falso ensino de que só 144.000 salvos irão para o céu.

5.4. REFUTAÇÃO DESSE ENSINO:

A doutrina das "testemunhas" quanto à alma humana apóia-se em teorias de homens sem Deus. O inequívoco testemunho das Escrituras é que o homem não só foi feito alma vivente, mas também possui uma alma imortal, o que o faz diferente das demais criaturas da Terra.

É evidente que "alma" na Bíblia nem sempre significa a mesma coisa, e que a variação do seu significado depende muito das circunstâncias em que a palavra é usada, como por exemplo mostram os seguintes casos:

a. A alma como o próprio sangue (Lv 17.14).

b. A alma como a pessoa em si mesma (Gn 46.22). c A alma como a própria vida (Lv 22.3).

d. A alma como o espírito e o coração (Dt 2.30).

e. A alma como elemento distinto do espírito e do corpo (Hb 4.12; 1Ts5.23; Jó 12.10; 27.3; 1 Pe 2.11; Mt 10.28).

5.5. SHEOL, HADES, GEENA E TÁRTARO

A palavra "inferno" na Bíblia tem significados que variam de acordo com o texto em que é citado. Há quatro palavras na Bíblia na Edição Revista e Atualizada, que são traduzidas por "inferno":

• **Sheol** - o mundo dos mortos (Dt 32.22; SI 9.17; etc).

• **Hades** - é a forma grega para o hebraico *Sheol,* e significa o lugar das almas que partiram deste mundo (Mt 11.23; Lc 10.15; Ap 6.8).

• **Geena** - termo usado para designar um lugar de suplício eterno (Mt 5.22,29,30; Lc 12.5).

• **Tártaro** - o mais profundo do abismo no Hades; significa encerrar no suplício eterno (2 Pe 2.4; Dn 12.2).

Nenhuma destas palavras significa "sepultura". A palavra hebraica para "sepultar" é *queber* (Gn 50.5), e a grega é *mnemeion.* E verdade que a palavra hebraica *sheol* algumas vezes está traduzida como "sepultura" em algumas de nossas Bíblias em português, mas isso se dá por força de uma tradução equivocada.

Quanto às quatro alegações das "testemunhas", de que a doutrina referente ao inferno não pode ser verdadeira, respondemos: 1) E um assunto largamente tratado ao longo da Bíblia Sagrada. 2) Ainda que irracional à mente embotada das "testemunhas", não o é à mente do crente que crê na veracidade das Escrituras. 3) É compatível com o amor de Deus, que hoje apela aos homens. 4) É compatível com a justiça divina, que tem reservado o céu para os salvos e o inferno para

os pecadores impenitentes.

5.6. Só 144.000?

O ensino jeovista de que só 144.000 salvos formarão a igreja triunfante é contrário às seguintes passagens das Escrituras:

• "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20).

• "Depois destas cousas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação" (Ap 7.9,10).

VI. A MENTIRA DESMASCARADA

As "testemunhas" têm suas mentes entorpecidas pelo erro, perversão e engano do diabo. De tanto blasfemarem de Deus e da sua Palavra é-lhes quase impossível se deixarem iluminar pela luz do Evangelho. Eles foram programados, "educados" e robotizados para crerem nas mentiras e embustes de Russell, Rutherford e Knorr, líderes jeovistas. Todos, em vida, dizendo-se detentores de conhecimentos que os faziam mestres do hebraico e do grego, línguas originais da Bíblia, foram desmascarados e levados à vergonha pública por parte de tribunais de suas épocas.

6.1. UMA TRADUÇÃO INFIEL

Na impossibilidade de encontrar na Bíblia respaldo para os absurdos cridos e defendidos pelo jeovismo, alguns líderes desta seita manipularam a tradução de uma bíblia cheia de heresias, como forma de sacralizar os seus erros e embustes. Essa tradução recebeu o nome de *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.*

Por muitos anos foram mantidos em sigilo os nomes dos autores dessa tradução de fundo de quintal. Em um julgamento, em 1954, na Escócia, respondeu a "testemunha" F.W. Franz que a razão de tal sigilo era porque o comitê de tradução queria que ela permanecesse anônima, e não buscava qualquer glória ou honra Para a obra da tradução, ostentando nomes ligados a ela. Mas o senhor William Cetnar, que trabalhou por vários anos na sede da

Sociedade Torre de Vigia, quartel-general das testemunhas-de-jeová, no Brooklyn, Nova Iorque, Estados Unidos, analisa o problema e conclui dizendo que o anonimato dos tradutores da citada bíblia tem duplo significado: 1) As qualificações dos tradutores não podiam ser verificadas e avaliadas. 2) Não havia ninguém que assumisse a responsabilidade pela tradução. E a seguir, cita os nomes de Nathan H. Knorr, A. D. Schroeder, G. D. Gangas, M. Henschel, e do próprio F.

W. Franz, como tradutores da citada bíblia, conforme dizem as "testemunhas", traduzida diretamente dos originais hebraico e grego (?).

6.2. O MESTRE DE LÍNGUAS QUE IGNORAVA LÍNGUAS

F.W. Franz, que se dizia mestre em hebraico, demonstrou absoluta ignorância quanto ao manejo da citada língua. Veja, por exemplo, a troca de perguntas e respostas entre o Procurador da Coroa Escocesa e o próprio Franz, retiradas de uma peça do julgamento sofrido por Franz em novembro de 1954, na Escócia:

P. Também se familiarizou com o hebraico?

R. Sim...

P. Portanto, tem instrumentos lingüísticos substanciais à sua disposição?

R. Sim, para uso do meu trabalho bíblico.

P. Penso que o senhor é capaz de ler e seguir a Bíblia em hebraico, grego, latim, espanhol, português, alemão e francês...

R. Sim (Prova de Acusação p. 7)...

P. O senhor mesmo lê e fala hebraico, não é verdade?

R. Eu não falo hebraico.

P. Não fala?

R. Não.

P. Pode, o senhor mesmo, traduzir isto para o hebraico?

R. O quê?

P. Este quarto versículo do segundo capítulo de Gênesis.

R. O senhor quer dizer, aqui?

P. Sim.

R. Não, eu não tentaria fazer isso (Prova da acusação, p. 61).

(Não nos esqueçamos de que Franz é apontado entre os tradutores da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagrada,* a Bíblia jeovista.)

6.3. RUSSELL IGNORAVA o GREGO

Em 1912, o reverendo J.J. Ross, na época pastoreando a Igreja Batista de James Street, em Hamilton, Ontário, no Canadá, foi processado por Charles Russell (o pai espiritual das "testemunhas-de-jeová"), por haver publicado um panfleto: *Alguns Fatos Sobre o Pretenso Pastor Charles T. Russell,* no qual Ross garantia que Russell era ignorante no que diz respeito à língua grega; o que Russell considerou difamatório. No final do processo o reverendo Ross foi absolvido, ficando provadas as acusações feitas contra Russell.

A seguinte transcrição foi retirada ou trasladada dos autos do citado processo, e registra perguntas feitas pelo advogado Staunton (advogado de Ross) a Russell:

P. O senhor conhece o alfabeto grego?

R. Oh! Sim!

P. O senhor poderia me dizer os nomes dessas letras se as visse?

R. Algumas delas; talvez me enganasse com outras.

P. Poderia me dizer os nomes dessas que estão no alto da página 447, que tenho em mãos?

R. Bem, não sei se seria capaz.

P. O senhor não conhece essas letras? Veja se as conhece.

R. "Meu caminho..."

(Ele foi interrompido nesse ponto e não lhe permitiram explicar.)

P. O senhor conhece a língua grega? R. Não.

6.4. CONCLUSÃO

Os incidentes aqui citados poderiam ser de nenhuma importância, caso não soubéssemos que as testemunhas-de-jeová, feitas sob medida, possuem as mesmas habilidades de seus mestres quanto à aplicação do velho truque que os faz passar por conhecedores das línguas originais da Bíblia. Dizer que sabem grego é uma coisa; prová-lo é coisa bem diferente.

Veja um método infalível de provar como as testemunhas-de-jeová nada conhecem de grego. Tome um Novo Testamento grego, e peça que qualquer um deles designe um determinado texto (João 3.16 é um exemplo). Facilmente você descobrirá que as testemunhas-de-jeová, a despeito de "sinceras", estão redondamente equivocadas e presas pelo engano do deus deste século, que, com sua astúcia, tem cegado o entendimento dos homens, de sorte que não sejam iluminados pela luz do Evangelho.

5
O MORMONISMO

A história do mormonismo tem início com a pessoa de Joseph Smith, nascido a 23 de dezembro de 1805, no Condado de Windsor, Estado de Vermont, nos Estados Unidos.

I. UM RESUMO HISTÓRICO DO MORMONISMO

Para melhor compreender a história do mormonismo, torna-se necessário estudá-la partindo da sua base, isto é, da vida de Joseph Smith, o fundador da seita.

1.1. A PRIMEIRA VISÃO DE SMITH

Joseph Smith tinha mais ou menos dez anos de idade quando, com seus pais, mudou-se para Palmyra, no Condado de Ontário (atual Wayne), no Estado de Nova Iorque. Quatro anos após, mudou-se novamente, agora para Manchester, também no Condado de Ontário.

Foi criado na ignorância, pobreza e superstição. Ainda moço, decepcionou-se com as igrejas que conhecera. Foi nesse tempo que diz ter recebido a sua primeira visão, segundo a qual apareceram-lhe o Pai e o Filho, denunciando a falsidade de todas as igrejas, com as seguintes palavras: "Eles se chegam a mim com os seus lábios, mas seus corações estão longe de mim; eles ensinam mandamentos dos homens como doutrina, tendo aparência de santidade, mas negando o meu poder" *(O Testemunho do Profeta Joseph Smith,* p. 4).

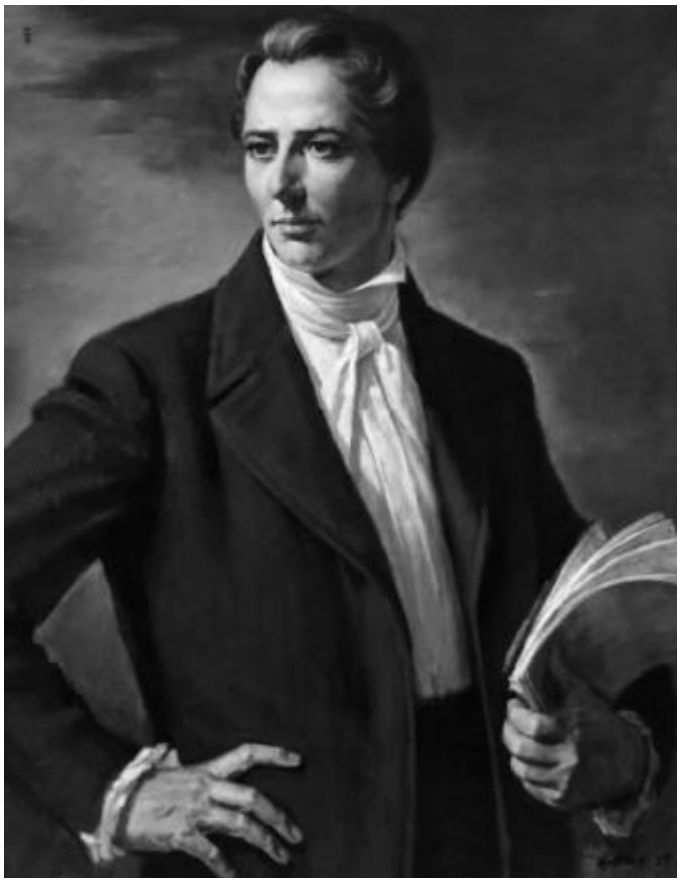
1.2. A SEGUNDA VISÃO DE SMITH

De acordo com a relato do próprio Smith, apareceu-lhe o "anjo" Moroni, que, segundo fez crer, havia vivido naquela mesma região há uns 1400 anos. Mórmon, o pai de Moroni, um profeta, havia gravado a história do seu povo em placas de ouro. Quando estavam a ponto de serem exterminados por seus inimigos, Moroni teria enterrado essas placas ao pé de um monte próximo do local onde hoje é Palmyra. Nessa visão, Moroni teria indicado a Joseph Smith o lugar onde as placas foram escondidas, e emprestou-lhe umas pedras especiais, um certo tipo de lentes, chamadas "Urim" e "Tumim", com as quais Joseph Smith poderia decifrar e traduzir os dizeres dessas placas.

Depois de conseguir as placas de ouro e as lentes, Smith, sentado por trás de uma cortina, teria ditado a um amigo a tradução do que estava escrito nas placas. Depois devolveu as placas e as lentes a Moroni. Uma vez traduzida, a obra foi publicada pela primeira vez em 1829, recebendo o título de *O Livro de Mórmon.*

1.3. FUNDAÇÃO DA IGREJA MÓRMON

Joseph Smith cedo encontrou quem o aceitasse como profeta, pelo que fundou a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Desde então, ficou estabelecido como um princípio doutrinário que esta era a única igreja verdadeira, e que fora dela não havia outro meio de salvação para o homem.



Joseph Smith, fundador do Mormonismo

Uma série de "revelações" de Joseph Smith foi desenvolvendo a doutrina dessa igreja, transformando-a, através dos anos, numa forma de politeísmo. Os crentes deveriam edificar uma teocracia, isto é, teriam o assessoramento de doze apóstolos. As pretensões de domínio de Smith eram tão elevadas que ele chegou a lançar-se candidato à presidência dos Estados Unidos.

Smith e seus seguidores sofriam não poucas perseguições, razão por que eram levados a peregrinar de um a outro ponto da América, procurando onde estabelecer uma colônia e fundar o reino de Deus. Encontraram acolhida em Illinois, onde erigiram a cidade de Nauvoo. Ali, acusado de grosseira imoralidade e falsificação, Smith foi preso, e uma turba enfurecida invadiu a cadeia e, a tiros, matou Smith e seu irmão, Hyrum.

1.4. A DIVISÃO DA IGREJA MÓRMON

Depois da morte de Joseph Smith, sua igreja se dividiu. A primeira facção seguiu a liderança de Brigham Young, fiel discípulo do "profeta" Smith. Como ainda eram muitas as perseguições que sofriam nessa época, Young e aqueles a quem liderava, após penosa peregrinação, em julho de 1847, chegaram ao Estado de Utah, na época território mexicano não ocupado, e, ali, onde hoje é a cidade de Salt Lake City, fundaram a sede da igreja, uma espécie de quartel-general, de onde o mundo seria alcançado pelos apóstolos do mormonismo.

A maioria, no entanto, decidiu ficar sob a liderança de um filho de Joseph Smith, e separou-se dos demais, permanecendo no Estado de Missouri. Reorganizaram a igreja e estabeleceram sua sede em Independence, Missouri. Chamaram-na "Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Esta igreja tem prosperado e ainda permanece, embora seja menor que a de Utah.

Das várias facções que surgiram depois da morte de Joseph Smith, outra digna de menção é a "Igreja de Cristo do Lote do

Templo", com sede em Bloomington, Estado de Illinóis. Segundo as "revelações" recebidas por alguns líderes dessa facção, convenceram-se de que Sião, o lugar do regresso de Cristo à Terra, está em Bloomington, e não em Israel. Crêem que Ele terá o seu templo em certo lote da área onde está a sede dessa igreja.

II. O LIVRO DE MÓRMON

Cabe-nos perguntar: *O Livro de Mórmon* é também a Palavra de Deus? Tem ele o significado e o valor que os mórmons dizem ter? A resposta a ambas as perguntas é: NÃO!

2.1. O QUE É O LIVRO DE MÓRMON

A primeira edição de *O Livro de Mórmon* para o português apareceu no ano de 1938, e, até o ano de 1975, já haviam sido impressas seis edições. *O Livro de Mórmon* compõe-se de 15 livros, divididos em capítulos e versículos, tal como a Bíblia Sagrada. Os seus livros estão dispostos da seguinte maneira:

Nome do Livro	**Capítulos**	**Versículos**
1º Livro de Nefi	**22**	618
2º Livro de Nefi	**33**	779
Livro de Jacó	**7**	203
Livro de Ênos	**1**	27
Livro de Jarom	**1**	15
Livro de Omni	**1**	30
As Palavras de Mórmon	**1**	18
Livro de Mosiah	**29**	786
Livro de Alma	**63**	1943

Livro de Helamã	**16**	497
3ª Livro de Nefi	**30**	765
4ª Livro de Nefi	**1**	49
Livro de Mórmon	**9**	227
Livro de Éter	**15**	433
Livro de Moroni	**10**	167

No seu todo, *O Livro de Mórmon* soma um total de 239 capítulos e 6553 versículos. Nele são encontrados capítulos inteiros da Bíblia. Por exemplo: Iª Nefi 20 é igual a Isaías 48; 2ª Nefi 12 e 24 são iguais a Isaías 2 e 14; 3ª Nefi 24 é igual a Malaquias 3; 3ª Nefi 12 e 14 são iguais a Mateus 5 e 7; Moroni 10.7-20 é igual a 1 Coríntios 12.

Não obstante *O Livro de Mórmon* conter muito da Bíblia Sagrada, ele a condena como um livro mutilado e cheio de erros, que Satanás usa para escravizar os homens. Isto é dito textualmente em Iª Nefi 13.28,29 e 2ª Nefi 29.3,6.

2.2. TESTEMUNHOS CONTRA O LIVRO DE MÓRMON

São muitíssimas as provas de que *O Livro de Mórmon* é obra de homem e não a Palavra de Deus. Dentre essas provas destacam-se as seguintes:

• A opinião mais comum entre os estudiosos do mormonismo é que o conteúdo de *O Livro de Mórmon*, em grande parte, foi tomado de um romance de Salomão Spaulding, um pastor presbiteriano aposentado, que escreveu uma história fictícia dos primeiros habitantes da América.

• As descobertas arqueológicas e os estudos históricos provam que os primeiros habitantes da região indicada em *O Livro de Mórmon* eram muito diferentes da descrição que ele dá quanto aos costumes, nomes, caráter e línguas.

• *O Livro de Mórmon* contém mais ou menos 10.000 citações diretas da versão da Bíblia inglesa "King James", publicada pela primeira vez em 1611.

• O livro pretende ser a tradução de placas de ouro enterradas desde o ano 420 até 1823, contudo cita com precisão capítulos inteiros de uma Bíblia publicada em 1611. Isso é simplesmente inconcebível!

• O livro foi escrito em uma linguagem paupérrima, porém, quando cita a Bíblia (o profeta Isaías, por exemplo), mostra erudição de linguagem, mais uma prova de que esses textos foram copiados diretamente da Bíblia.

• *O Livro de Mórmon* põe na boca de personagens que viveram séculos antes de Cristo, palavras que a Bíblia atribui a nosso Senhor; ou põe na boca do Senhor palavras que só poderiam sair da boca de um bastardo e inculto.

• É estranho que Joseph Smith não mostrasse as placas de ouro a ninguém mais, além das três testemunhas abaixo, para que o seu testemunho fosse confirmado.

• Oliver Cowdery, David Whitner e Martins Harris são citados em *O Testemunho do Profeta Joseph Smith* como tendo visto as placas de ouro de onde Smith teria traduzido *O Livro de Mórmon.* O próprio Smith os chama depois de "ladrões e mentirosos, demasiadamente maus para serem mencionados" (Smith, *History of the Church,* vol. IV, p. 461).

• Para tão volumoso conteúdo de *O Livro de Mórmon,* as placas de ouro que Joseph Smith descreveu requeriam um trabalho microscópico ou algo miraculoso.

• Os muitos erros gramaticais e de conteúdo de *O Livro de Mórmon* o fazem obra de homem e não Palavra de Deus.

III. O "PROFETA" JOSEPH SMITH

Como o caráter de qualquer movimento ou religião é, de certa forma, um segmento do caráter do seu fundador, torna-se evidente que quanto mais conhecermos a respeito de Joseph Smith, melhor conheceremos o mormonismo, também chamado "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias".

Foi Joseph Smith um profeta de Deus? Ou foi ele um falso profeta? A resposta a esta pergunta se acha na Bíblia Sagrada.

3.1. COMO JULGAR UM PROFETA

Deus mesmo nos dá o critério para julgar um profeta, procurando saber quando ele fala da parte do Senhor ou fala de si mesmo; quando ele é um verdadeiro ou um falso profeta. Diz Deus:

"O profeta que presumir falar alguma palavra em meu nome, que eu não lhe mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto. Se disseres no teu coração: 'Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?' Sabe que quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir nem suceder como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse; com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele... Quando um profeta ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador" (Dt 18.20-22; 13.1-3).

A prova do falso profeta tanto era razoável como natural, e consistia no seguinte: 1) Se a palavra proferida não se cumprir; ou 2) Se a palavra se cumprir, mas o profeta, prevalecendo-se disto, conduzir as pessoas a se afastarem do verdadeiro Deus e a seguirem outros deuses.

3.2. PROFECIAS DE JOSEPH SMITH

Vamos mostrar algumas das "profecias" de Joseph Smith que não suportaram o rigor e o crivo da exatidão divina:

3.2.1. A NOVA JERUSALÉM E SEU TEMPLO

Smith profetizou que a Nova Jerusalém e o seu templo devem ser erigidos no Estado de Missouri, nos Estados Unidos, nesta geração (Doutrina e Pactos, seção 84.1-5).

Ratificando esta absurda profecia, Orson Pratt, apóstolo do mormonismo, declarou efusivamente: "Os Santos dos Últimos Dias esperam o cumprimento desta profecia durante a geração em existência, em 1832, assim como esperam que o sol nasça e se ponha amanhã. — Por quê? — Porque Deus não pode mentir. Ele cumprirá todas as suas promessas" (Revista de Discursos, vol. IX, p. 71).

3.2.2. A CASA EM NAUVOO

Smith profetizou que sua casa em Nauvoo haveria de permanecer e pertencer à sua família para sempre (Doutrina e Pactos, Seção 124.56-60). Porém, após sua morte, os mórmons deixaram a cidade e sua casa não pertence a nenhum dos seus familiares.

3.2.3. Os INIMIGOS

Aplicou a si próprio o texto de 2º Nefi 3.14, dizendo que os seus inimigos seriam confundidos e destruídos ao procurarem destruí-lo. No entanto, ele foi morto à bala na prisão de Cartthage, em Illinóis, no dia 27 de junho de 1844.

3.2.4. O NASCIMENTO DE JESUS

Falou que Jesus devia nascer em "Jerusalém", que é a terra de nossos antepassados (Alma 7.10), quando a Bíblia diz que Jesus nasceria em Belém da Judéia (Mq 5.2), profecia que se cumpriu fielmente (Mt 2.1).

3.2.5. A VINDA DO SENHOR

Em 1835, profetizou: "a vinda do Senhor está próxima... até mesmo cinqüenta e seis anos deviam terminar a cena" *(History of the Church,* vol. II, p. 182).

3.2.6. Os "HABITANTES DA LUA"

Smith predisse que "os habitantes da lua têm tamanho mais uniforme que os habitantes da Terra, têm cerca de 1,83m de altura. Vestem-se muito à moda dos quacres, e seu estilo é muito geral, com quase um só tipo de moda. Têm vida longa, chegando geralmente a quase mil anos" (Revista de Oliver B. Huntinton, vol. II, p. 166).

Evidentemente, Smith jamais sonhara que algum dia o homem

chegaria à lua, e verificaria que lá não há nenhum tipo de vida.

IV. PRINCIPAIS DOUTRINAS DO MORMONISMO

Como as demais seitas estudadas ao longo deste livro, o mormonismo também possui suas doutrinas exóticas e anti-bíblicas, como é mostrado a seguir.

4.1. REGRAS DE FÉ DO MORMONISMO

O próprio Joseph Smith, fundador do mormonismo, escreveu aquilo que até hoje é aceito como "Regras de Fé d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias", as quais se seguem:

• Cremos em Deus, o Pai Eterno, e no seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.

• Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.

• Cremos que, por meio do sacrifício expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e regras do Evangelho.

• Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão, para remissão dos nossos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.

• Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, por profecia e por imposição de mãos por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar ordenanças.

• Cremos na mesma organização existente na igreja primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas, etc.

• Cremos no dom de línguas, na profecia, na revelação, nas visões, na cura, na interpretação de línguas, etc.

• Cremos ser a Bíblia a Palavra de Deus, quando for correta a sua tradução; cremos também ser O Livro de Mórmon a Palavra de Deus.

• Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que Ele revela agora, e cremos que Ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.

• Cremos na coligação literal de Sião, na restauração das Dez Tribos; que Sião será construída neste continente (o norte-americano); que Cristo reinará pessoalmente sobre a Terra, a qual será renovada e receberá a sua glória paradisíaca.

• Pretendemos ter o privilégio de adorar a Deus, o Todo-Poderoso, de acordo com os ditames da nossa consciência, e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar, como ou o que quiserem.

• Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei.

• Cremos ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens. Na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo. Cremos em todas as coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável e louvável, nós a procuraremos.

4.2. DESTRUINDO SOFISMAS

Tem assustado a muitos cristãos sinceros o fato de haver grande semelhança entre determinados pontos deste credo mórmon e a crença bíblica por eles esposada. Vem ao caso indagar: "Isto significa que os mórmons comungam dos mesmos princípios espirituais que o Cristianismo autêntico aceita como doutrina bíblica?" A resposta é: NÃO! Como a sinceridade de uma crença não estabelece a sua veracidade, é muito fácil mostrar que, na teoria, o mormonismo diz crer no que o verdadeiro cristão crê; enquanto, na prática, as suas doutrinas se mostram pura heresia. Se não, vejamos:

a. O Deus e o Cristo do mormonismo não são os mesmos revelados na Bíblia.

b. Na doutrina mórmon a pena do pecado é muito diferente da mostrada nas Escrituras.

c. A obra expiatória de Cristo tem significado bem diferente para o mormonismo.

d. Ainda que admita crer nos "princípios e ordenanças do Evangelho", o mormonismo os faz monopólio próprio.

e. A vocação ministerial só é legítima quando evidenciada por parte dos mórmons — dizem.

f. A Igreja Cristã fracassou, pelo que o mormonismo com toda a sua hierarquia, é hoje o único representante da verdadeira Igreja — afirmam.

g. As operações do Espírito, conforme crê o mormonismo, nada têm a ver com aquelas manifestações tratadas no Novo Testamento.

h. A Bíblia é um livro imperfeito, precisando ser suplementada pelo O Livro de Mórmon, Doutrina e Pactos, e A Pérola de Grande Preço — alegam.

i. A crença mórmon na revelação progressiva de Deus objetiva estabelecer a canonicidade de O Livro de Mórmon, bem como das chamadas "revelações" de Joseph Smith.

j. O mormonismo crê que, na manifestação de Cristo, a América do Norte, e não Israel, será a sede do seu governo milenar.

l. Enquanto admite crer nas autoridades constituídas, o mormonismo praticamente nega obediência ao único e verdadeiro Deus.

4.3. OUTRAS HERESIAS DA DOUTRINA MÓRMON

Dado o grande volume de doutrinas defendidas pelo

mormonismo, dentre outras, atente para as seguintes:

4.3.1. ACERCA DA BÍBLIA

"A Bíblia é a Palavra de Deus, escrita pelos homens. E básica no ensino mórmon. Mas os santos dos últimos dias reconhecem que se introduziram erros nesta obra sagrada, devido à forma como este livro chegou a nós. Além do mais, consideram-na incompleta como um guia...

"Suplementando-a, os santos dos últimos dias possuem três outros livros. Estes, como a Bíblia, constituem as obras-padrão da Igreja. São conhecidos como O Livro de Mórmon, Doutrina e Pactos, e A Pérola de Grande Preço" *(Quem São os Mórmons?,* p. 11).

4.3.2. ACERCA DE DEUS

"Agora ouvi, ó habitantes da terra, judeus e gentios, santos e pecadores! Quando nosso pai chegou ao jardim do Éden, entrou nele com um corpo celestial, e trouxe consigo Eva, uma de suas esposas. Ele ajudou a organizar o mundo. Ele é Miguel, o Arcanjo, o Ancião de Dias! acerca de quem santos homens têm escrito e falado — ele é o nosso pai e nosso Deus, e o único Deus com quem devemos lidar" (Brigham Young, Revista de Discursos, vol. Lpp. 50,51).

4.3.3. ACERCA DE JESUS CRISTO

"Ele não foi gerado pelo Espírito Santo..." (Revista de Discursos, 1-50).

"Jesus Cristo foi polígamo: Maria e Marta, as irmãs de Lázaro, eram suas esposas pluralistas, e Maria Madalena era outra. Também a festa nupcial de Cana da Galiléia, onde Jesus transformou água em vinho, realizou-se por ocasião de um dos seus casamentos" (Brigham Young, Wife nfl 19, 384).

4.3.4. ACERCA DA IGREJA

"É evidente que a Igreja foi literalmente expulsa da Terra; nos primeiros dez séculos que seguiram logo após o ministério de Cristo, a autoridade do sacerdote foi perdida entre os homens, e nenhum poder humano poderia restaurá-la. Mas o Senhor, em sua misericórdia, providenciou o restabelecimento de sua Igreja nos últimos dias, e pela última vez... Foi já demonstrado que essa restauração foi efetuada pelo Senhor através do Profeta Joseph Smith" *{Mediação e Expiação,* pp. 170, 171, 178).

4.3.5. ACERCA DO BATISMO PELOS MORTOS

"Temos aqui [Hebreus 6.1,2] a explicação de como as portas de sua prisão poderão ser abertas e eles postos em liberdade; pela crença do Evangelho, através do batismo pelos mortos. Os que ainda estão na

carne fazem trabalho vicário para os seus mortos, e, assim tornam-se salvadores do monte Sião" *(O Plano de Salvação,* p. 32).

4.3.6. ACERCA DO MATRIMÔNIO

"O matrimônio, na teologia mórmon, é um contrato sagrado, ordenado divinamente. Sob a autoridade do sacerdote, um homem e uma mulher são casados não somente para essa vida como maridos e esposas legais, mas também para a eternidade" *(Quem São os Mórmons?,* p. 13).

4.3.7. ACERCA DO CASTIGO ETERNO

"Não devemos dar uma interpretação particular a este termo; procuraremos entender corretamente o seu significado.

"Castigo eterno é o castigo de Deus; sem fim é a punição de Deus; ou, em outras palavras, é o nome da punição que Deus inflige, sendo ele eterno em sua natureza.

"Por isso, todos aqueles que recebem castigo de Deus, recebem um castigo eterno, dure este uma hora, um dia, uma semana, um ano ou uma era" *(O Plano da Salvação,* p. 35).

4.4. REFUTAÇÃO A ESSAS DOUTRINAS FALSAS

O árbitro maior da fé cristã não é a teologia seca e morta, nem as alegadas "visões" de homens, sejam eles quem forem, mas a Bíblia Sagrada. E é à luz dos seus ensinos que as crenças do mormonismo são refutadas, como é mostrado a seguir.

4.4.1. A BÍBLIA

A Bíblia Sagrada fala de si mesma, como:

• O livro dos séculos (SI 119.89; 1 Pe 1.25).

• Divinamente inspirada (Jr 36.2; 2Tm 3.16; 2 Pe 1.21).

• Poderosa em sua influência (Jr 5.14; Rm 1.16; Ef 6.17; Hb4.12).

• Absolutamente digna de confiança (1 Rs 8.56; Mt 5.18; Lc 21.33).

• Pura (SI 19.8).

• Santa, justa e boa (Rm 7.12).

• Perfeita (SI 19.7; Rm 12.2).

• Verdadeira (SI 119.142).

Os escritos mais antigos dos Pais da Igreja, apoiados pelas mais recentes descobertas arqueológicas, provam que a Bíblia é um livro inalterável em conteúdo literário e doutrinário.

4.4.2. DEUS

• Deus e Adão são pessoas distintas. Deus é o Criador (Gn 1.26), enquanto Adão é criatura de Deus (Gn 1.27).

• Deus não é homem (Nm 23.19).
• Deus é Espírito (Jo 4.24).
• Deus é imutável (Ml 3.6).
• Deus é eterno (SI 102.26,27).

4.4.3. JESUS CRISTO

• Jesus Cristo foi gerado por obra e graça do Espírito Santo (Lc 1.35).

• Dizer que Jesus era casado, e que as Bodas de Cana da Galiléia foi a festa do seu próprio casamento, demonstra ignorância quanto à exegese de João 2.2. Muito mais que isto, constitui-se num abominável ultraje à Pessoa do Salvador Jesus Cristo.

4.4.4. A IGREJA

• A Igreja foi estabelecida por Jesus (Mt 16.18).
• A Igreja está fundamentada em Jesus (Mt 16.16,18).
• A Igreja é vitoriosa sobre o inferno pelo poder de Jesus (Mt 16.18).
• A Igreja será salva da Grande Tribulação pelo poder de Jesus (Ap3.10).
• A Igreja será glorificada por Jesus (Ef 5.25-27).

É evidente que, durante séculos, a Igreja tem sofrido a perseguição dos poderosos e a rejeição dos arrogantes, contudo, tem brilhado e triunfado.

4.4.5. O BATISMO PELOS MORTOS

• Não há nenhuma referência na Bíblia, nem na história eclesiástica, quanto ao batismo pelos mortos, como uma prática da Igreja.

• A ênfase de Paulo em 1 Coríntios 15.29,30 é sobre a ressurreição dos mortos, e não sobre o batismo pelos mortos. A referência de Paulo a esse batismo praticado pelo paganismo é feita como represália àqueles que, a despeito de ensinarem a validade desse batismo, negavam a possibilidade da ressurreição.

4.4.6. O MATRIMÔNIO

• Não obstante constituído por Deus, o matrimônio não chega a ser um sacramento divino.

• Os ressuscitados serão como os anjos, não se casam nem se dão em casamento (Mt 22.30).

4.4.7. O CASTIGO ETERNO

• Se a interpretação mórmon quanto ao castigo dos ímpios é correta, então o gozo dos salvos não será eterno no verdadeiro sentido da palavra. Assim sendo, como explicar passagens como João 6.51; 1 João 2.17 e Mateus 25.46?

6
O EVOLUCIONISMO

A Bíblia ensina claramente a doutrina de uma criação especial, ou seja, que Deus criou cada criatura "conforme a sua espécie" (Gn 1.24). Isto quer dizer que cada criatura, seja homem ou animal, foi criada como a conhecemos hoje.

I. A TEORIA EVOLUCIONISTA

No decorrer dos séculos, mais precisamente no século passado e no atual, muitas vãs filosofias, falsos ensinos e teorias insustentáveis têm procurado lançar dúvida sobre o relato bíblico da Criação.

1.1. CHARLES DARWIN

Entre as teorias que se têm insurgido contra a doutrina criacionista, destaca-se a da evolução, concebida e largamente difundida pelo naturalista inglês Charles Darwin, que viveu entre 1809e 1889.

De dezembro de 1831 a outubro de 1836, Darwin viajou como naturalista a bordo do "Beagle", um navio de pesquisas, em expedição científica. Ao longo dessa expedição visitou as ilhas do Cabo Verde e outras ilhas do Atlântico, e bem assim as costas da América do Sul, as ilhas Galapagos, perto do Equador, a Ilha Tarti, Nova Zelândia, Austrália, Tasmânia, a Ilha Keeling, as ilhas Falkland (Malvinas), as ilhas Mauricias, as ilhas de Santa Helena e Ascensão, e o Brasil.

Foi o estudo dos bancos de corais que de modo especial o interessou e o levou a formular a sua teoria da transmutação de espécies e a "seleção natural" pela qual ficou famoso.

Em novembro de 1859, Darwin publicou seu livro *A Origem das Espécies,* ou *A preservação das raças favorecidas na luta pela vida.* Desde então este livro veio a se tornar a Bíblia da causa evolucionista.

Não obstante Darwin, antes de morrer, tenha abandonado essa teoria por ele pregada ao longo de sua vida, ainda hoje ela é aceita e disseminada, principalmente nos círculos acadêmicos e universitários.

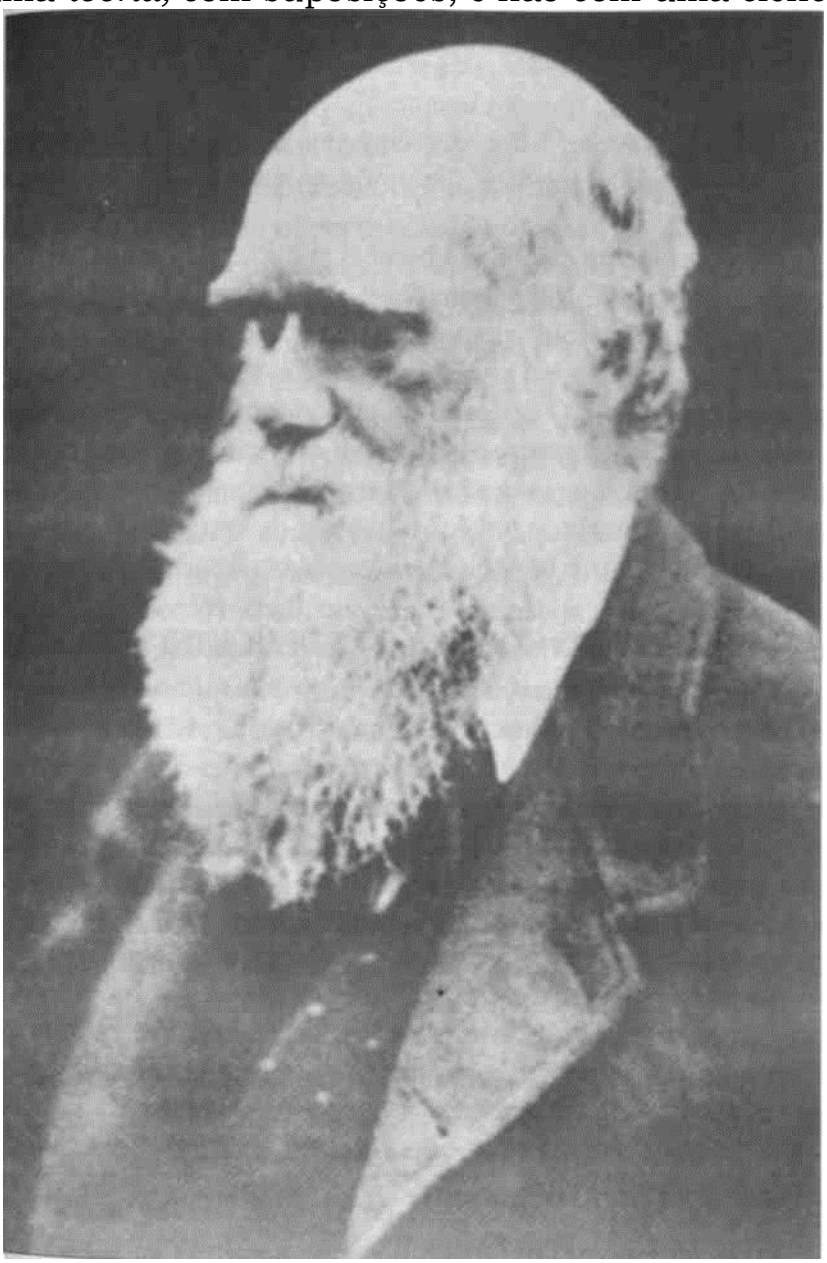
1.2. CONCEITO DA ORIGEM DO HOMEM

A teoria evolucionista tem como ponto de partida a afirmação de que o homem e os animais em geral procedem de um mesmo tronco, e que hoje, homem e animal são um somatório de mutações sofridas no decorrer de milênios. Em suma: o homem de hoje não é o homem do princípio. Desse conceito surgiu o ensino estúpido de que o homem de hoje é um macaco em estágio mais desenvolvido. E, para produzir

maior confusão, a teoria da evolução coloca o início da vida humana na Terra a milhões de anos antes do tempo indicado pala Bíblia.

1.3. APENAS UMA TEORIA

É bom lembrar que, quando tratamos da evolução, estamos lidando com uma *teoria,* com suposições, e não com uma ciência.



Charles Darwin conspirou contra a Bíblia, ao criar a teologia da evolução

Se você ler um compêndio sobre evolução, há de encontrar com muita freqüência chavões, tais como: "crê-se que...", "admite-se que...", "talvez...", "possivelmente...", "mais ou menos...", etc. Assim tão vulnerável e falha, conseqüentemente o sistema que ela advoga não há de subsistir diante do argumento das Escrituras (Gn 2.7).

De acordo com a Bíblia, o homem já foi feito homem. O chamado

"Homem de Neanderthal" ou o "Homem de Heidelberg" não têm em si nenhum elemento, por menor que seja, capaz de provar que o homem, no princípio, tivesse as características de um macaco encurvado. O africano de elevada estatura, o pigmeu, o asiático de nariz achatado, o negro com suas características distintivas — todos são o resultado de variações comuns dentro da família humana. Assim, também o homem da antigüidade variava de um para o outro, e também se diferenciava de nós, hoje em dia.

II. ARGUMENTOS CONTRA O EVOLUCIONISMO

O argumento bíblico, a partir do primeiro capítulo de Gênesis, é que a raça humana descende de um só casal, Adão e Eva (Gn 1.28), criado por Deus no princípio. A narrativa subseqüente ao capítulo 1 de Gênesis mostra claramente que as gerações que surgiram até o Dilúvio permaneceram em contínua relação genética com o primeiro casal, de maneira que a raça humana constitui não somente uma unidade específica, uma unidade no sentido de que todos os homens participam da mesma natureza, mas também uma unidade genética e genealógica. Este fato é cristalino em Atos 17.26.

Muitos argumentos se somam em apoio à idéia bíblica da unidade da raça humana, dentre os quais se destacam os seguintes:

2.1. ARGUMENTO TEOLÓGICO

Romanos 5.12,19 e 1 Coríntios 15.21,22 indicam a unidade orgânica da raça humana, tanto na primeira transgressão como na provisão de Deus para a salvação da raça humana na Pessoa de Jesus Cristo.

2.2. ARGUMENTO CIENTÍFICO

A ciência tem confirmado, de diferentes maneiras, o testemunho da Escritura com respeito à unidade da raça humana. Evidentemente, nem todos os homens de ciência crêem nisso.

Por exemplo, os antigos gregos tinham teoria autoctonista, segundo a qual os homens surgiram da Terra por meio de uma classe de gerações espontâneas. Como essa teoria não possuía fundamentos sólidos, logo foi desacreditada. Agassis, por sua vez, propôs a teoria dos coadamitas, segundo a qual existiram diferentes centros de criação. No ano de 1655, Peirerius desenvolveu e defendeu a teoria preadamita, que tem como origem a suposição de que havia homens na Terra antes que Adão fosse criado. Esta teoria foi aceita e difundida por Winchell, que, ainda que não negasse a unidade da raça humana, contudo considerava Adão como o primeiro homem só da raça hebraica, em vez de cabeça de toda a raça humana.

Em anos mais recentes, Fleming, sem ser dogmático sobre o assunto, disse haver razões para se aceitar que houve raças inferiores

ao homem antes da aparição de Adão no cenário mundial, pelos idos do ano 5500 a.C. Segundo Fleming, essas raças, não obstante inferiores aos adamitas, já tinham faculdades distintas dos animais, enquanto o homem adamita foi dotado de faculdades maiores e mais nobres, e provavelmente destinado a conduzir todo o restante da raça à lealdade ao Criador. Falhando Adão em conservar sua lealdade a Deus, Deus o proveu de um descendente, que, sendo homem, era muito mais do que homem, para cumprir aquilo que Adão não foi capaz de cumprir. Na verdade, Fleming nunca pôde oferecer provas da veracidade dessa sua teoria.

2.3. ARGUMENTO HISTÓRICO

As tradições mais antigas da raça humana apontam decididamente para o fato de que os homens tiveram uma origem comum.

A história das migrações do homem, por exemplo, tendem a demonstrar que tem havido uma distribuição de populações primitivas partindo de um só centro, isto é, de um mesmo lugar.

2.4. ARGUMENTO FILOLÓGICO

Os estudos feitos acerca das línguas da humanidade indicam que elas tiveram origem comum. Por exemplo, as línguas indo-germânicas encontram sua origem em uma língua primitivamente comum, na qual existem resquícios do sânscrito. Também há evidências que demonstram que o antigo Egito é o elo entre as línguas indo-européias e as semíticas.

2.5. ARGUMENTO PSICOLÓGICO

A alma é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem, e a psicologia revela claramente o fato de que as almas dos homens, sem distinção de tribo e nação a que pertençam, têm essencialmente as mesmas características. Possuem em comum os mesmos apetites, instintos e paixões, as mesmas tendências, e, sobretudo, as mesmas qualidades, as características que só existem no homem.

2.6. ARGUMENTO DA CIÊNCIA NATURAL

Os mestres de filosofia comparativa formulam juízo comum quanto ao fato de que a raça humana constitui-se numa só espécie, e que as diferenças entre as diversas famílias da humanidade são consideradas como variedades de uma espécie original. A ciência não afirma categoricamente que a raça humana procedeu de um só casal, mas a Palavra de Deus afirma isso com toda clareza em Atos 17.26.

2.7. A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES

Das gerações anteriores ao Dilúvio, somente Noé, sua esposa,

seus filhos Sem, Cão e Jafé e respectivas esposas escaparam e encabeçaram as gerações pós-diluvianas.

2.7.1. OS DESCENDENTES DE SEM

Dos cinco filhos de Sem procederam os caldeus, que povoaram a região marginal do Golfo Pérsico, parte sul e sudeste da Península Arábica, uma província ao oriente do rio Tigre e ao norte do Golfo Pérsico, a Assíria, às margens do rio Tigre, sudeste da Ásia Menor, a Síria e o território ao lado do lago de Merom, ao norte da Galiléia.

2.7.2. OS DESCENDENTES DE CÃO

Os descendentes de Cão povoaram as terras da África, da Arábia Oriental, da costa oriental do mar Mediterrâneo, e do grande vale dos rios Tigre e Eufrates. Existe uma opinião de que alguns dos descendentes de Cão emigraram para a China e que de lá passaram para as Américas, através do estreito de Bering e do Alasca.

2.7.3. OS DESCENDENTES DE JAFÉ

De Jafé descenderam as raças arianas, ou indo-européias; os italianos, franceses, espanhóis, formando o povo latino. Seus descendentes povoaram também a índia, Pérsia, Iugoslávia e a Áustria. Dele descendem ainda os celtas, os alemães e os eslavos que emigraram para as ilhas Britânicas, Gales, Escócia e Irlanda. Algumas das tribos germânicas emigraram para a Noruega, Suécia, Dinamarca, Alemanha Ocidental, Bélgica e Suíça.

III. O HOMEM FOI CRIADO POR DEUS

A Bíblia nos apresenta um duplo relato da origem do homem, harmônicos entre si. Ambos estão em Gênesis 1.26,27 e 2.7. Partindo desses textos e de todo o contexto que trata da obra da criação, conclui-se que:

3.1. A CRIAÇÃO DO HOMEM FOI PRECEDIDA POR UM SOLENE CONSELHO DIVINO

Antes de Moisés tratar da criação do homem com maiores detalhes, ele nos leva a conhecer o decreto divino quanto a essa criação, nas seguintes palavras: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26).

A Igreja geralmente tem aceitado o verbo *façamos,* no plural, para provar a autenticidade da doutrina da Trindade. Alguns eruditos, porém, são de opinião que esta palavra expressa o plural majestático; outros a tomam como plural de comunicação, no qual Deus inclui os anjos em diálogo com Ele; e outros a consideram como o plural de auto-exortação. Tem-se verificado, porém, que estas três últimas opiniões são contrárias àquilo que pensam e expressam os pensadores e teólogos mais conservadores. Esses, como a Igreja, crêem que o

plural *façamos* é uma alusão direta à Trindade Divina em conselho para a formação do homem.

3.2. A Criação do Homem É um Ato Imediato de Deus

Algumas das expressões usadas no relato da criação do homem mostram que isso aconteceu de uma forma imediata, ao contrário do que aconteceu na criação dos demais seres e coisas da criação em geral. Por exemplo, leia Gênesis 1.11,20 e compare com Gênesis 1.27.

Qualquer indício de mediação na obra da criação que se acha contida nas primeiras declarações, referentes à criação das aves dos céus e dos seres marinhos, inexiste na declaração da criação do homem. Isto é, Deus planejou a criação do homem, levando-a a efeito imediatamente. Note que isto é contrário ao que ensina o evolucionismo, que o homem é o resultado de uma série de trans-formações de outros elementos.

3.3. O Homem Foi Criado Segundo um Tipo Divino

Com respeito aos demais seres vivos, lemos que Deus os criou 'segundo a sua espécie". Isto quer dizer que eles possuem formas tipicamente próprias de suas espécies. O homem não foi criado assim. Pelo contrário, Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26). Assim, em todo o relato bíblico, o homem surge como um ser que recebeu de Deus cuidados especiais na sua criação.

3.4. Os Elementos da Natureza Humana se Distinguem

Em Gênesis 2.7, vemos a distinção clara entre a origem do corpo e da alma, elemento espiritual do homem. O corpo foi formado do pó da terra, material preexistente. Na criação da alma, no entanto, não foi necessário o uso de material preexistente, mas sim a formação de uma nova substância. Isto quer dizer que a alma do homem foi uma nova criação de Deus. A Bíblia diz que Deus soprou nas narinas do homem, e "o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7).

3.4.1. O ESPÍRITO DO HOMEM

O espírito é o âmago e a fonte da vida humana, enquanto a alma possui essa vida e lhe dá expressão por meio do corpo. Assim, a alma é o espírito encarnado. A alma sobrevive à morte porque o espírito a dota de capacidade; por isso alma e espírito são inseparáveis.

3.4.2. A ALMA DO HOMEM

A alma é a entidade espiritual, incorpórea, que pode existir dentro de um corpo ou fora dele (Ap 6.9).

3.4.3. O CORPO DO HOMEM

Dos três elementos que formam o ser humano, o corpo é aquele sobre o qual a Bíblia menos fala. Sabe-se, no entanto, que o corpo humano é o instrumento, o tabernáculo, a oficina do espírito (2 Co 5.1-4; 1 Co 6.9). Ele é o meio pelo qual o espírito se manifesta e age no mundo visível e material. O corpo é o órgão dos sentidos e o laço que une o espírito ao universo material.

Os filósofos pagãos falavam do corpo com desprezo, e consideravam-no um empecilho ao aperfeiçoamento da alma, pelo que almejavam o dia quando a alma estaria livre de suas complicadas roupagens. Porém as Escrituras tratam do corpo do homem como uma obra de Deus, o qual deve ser apresentado como oferta a Deus (Rm 12.1). O corpo dos salvos alcançará a sua maior glória na ressurreição, na vinda de Jesus (Jo 19.25-27; 1 Co 15; 1 Jo 3.2).

IV. O HOMEM, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Um dos ensinos cardeais da Bíblia é que o homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus, para obedecer-lhe, amá-lo, e seguí-lo. Vestígios desta verdade encontram-se nos escritos de grandes vultos, até mesmo da literatura gentílica.

4.1. HOMEM, UMA DEFINIÇÃO

"Homem" vem do latim *homo,* palavra que, segundo opinião de alguns filólogos, vem de *húmus* (terra). No hebraico, língua original do Antigo Testamento, *adam,* nome dado ao primeiro homem, Adão, é traduzido por "aquele que tirou sua vida da *adamah",* da terra.

Em abril de 1985, a professora Lélia Coyne, pesquisadora da NASA (Agência Espacial dos Estados Unidos) e docente da Universidade de San José, na Califórnia, surpreendeu o mundo científico com a afirmação da descoberta de que a vida humana na Terra começou em estratos de uma argila muito fina e branca, o caulim, usado na indústria como branqueador de papel e isolante térmico. "Avançamos muito nesse terreno", disse a pesquisadora. "Falta-nos ainda a prova definitiva, mas já conseguimos o bastante para saber que estamos no caminho certo", acrescentou a doutora Coyne. "Se tivesse de apostar uma resposta ficaria com a teoria da argila", escreveu o astrônomo americano Carl Sagan, autor do "best-seller" *Cosmos.* "A argila pode ser comparada a uma fábrica de vida", acrescentou em Glasgow, na Escócia, o bioquímico Graham Cairns-Smith.

Aquilo que para os cientistas e pesquisadores, mesmo os mais moderados, ainda é uma incerteza, para o crente, na Bíblia, é plena certeza. O homem foi formado do pó da terra (Gn 2.7).

4.2.0 HOMEM, IMAGEM DE DEUS

O termo "imagem de Deus" relacionado ao homem, fala da indelével constituição do homem como um ser racional, e como um ser

moralmente responsável. A imagem natural de Deus gravada no homem consiste nos seguintes elementos: o poder de movimento próprio, o entendimento, a vontade e a liberdade. Neste particular está a diferença marcante entre o homem e os animais irracionais.

O primeiro ponto de distinção entre o homem, como imagem de Deus, e os animais irracionais é a consciência própria. Das criaturas terrenas só o homem tem o dom de fixar em si mesmo o pensamento, e isto o faz consciente da sua própria personalidade. A faculdade que ele tem de proferir o pronome EU abre um abismo intransponível entre ele e os animais irracionais. Nenhum animal, mesmo o macaco, jamais pronunciou EU, e a razão é que eles não têm consciência própria.

Como imagem de Deus que é, o homem se distingue dos irracionais ainda no seguinte:

a. pelo poder de pensar em coisas abstratas;

b. pela lei moral que se evidencia no seu comportamento em busca de uma perfeição maior;

c. pela natureza religiosa que, em potencial, existe em cada ser humano;

d. pela capacidade de fixar um alvo maior a ser alcançado no tempo e na eternidade;

e. pela consciência da intensidade da vida humana;

f. pela multiplicidade das atividades humanas, que, conjuntas, somam o bem comum daquele que as desenvolve.

4.3.0 HOMEM, SEMELHANÇA DE DEUS

Intelectualmente, o homem assemelha-se a Deus, porque, se não houvesse essa conformidade mental, seria impossível a comunicação de um com o outro, e o homem não poderia receber a revelação de Deus. Esta semelhança está grandemente prejudicada por causa do pecado. O simples fato de Deus se manifestar ao homem prova que o homem pode receber e compreender esta manifestação.

Há ainda a semelhança moral, porque assim foi o homem criado por Deus. Essa semelhança consiste nas qualidades morais inerentes ao caráter de Deus. Eclesiastes 7.29 diz que "Deus fez o homem reto..." Isto quer dizer que o homem foi criado bom e dotado de relativa justiça. Todas as suas tendências eram boas. Todos os sentimentos do seu coração inclinavam-se para Deus, e nisto consistia a sua semelhança moral com o Criador. Devido ao pecado, a semelhança moral entre Deus e o homem enfraqueceu mais e mais. Por isso Cristo morreu, com o propósito de restaurar esta semelhança entre o homem e Deus, o que começa a partir da conversão.

Como ficou patente, o evolucionismo é uma teoria inspirada no inferno, com o propósito de desacreditar as Escrituras, principalmente no que diz respeito à criação como um ato soberano de Deus. Porém, o crente arraigado na Bíblia Sagrada, e não em teorias humanas, pela fé

entende "que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente" (Hb 11.2).

7
O NEOMODERNISMO TEOLÓGICO

"Modernismo" ou "Neomodernismo Teológico" são expressões mui conhecidas, largamente usadas no mundo da teologia nos dias modernos. Em linhas gerais, designam o desvio teológico da linha de compromisso com a verdade divina, no ato de interpretar e comunicar as Escrituras.

O Modernismo Teológico, de acordo com estudiosos da teologia em nossos dias, está mais vinculado ao complexo sistema teológico e doutrinário de Karl Barth, teólogo suíço, nascido em 1886, e falecido em 1968, aos 82 anos de idade.

É sabido, porém, que o neomodernismo abriu fronteiras, rompendo os limites da teologia barthiana. Deste modo, este sistema teológico se faz presente no movimento ecumênico, levado a efeito por determinados segmentos do cristianismo, e, mais recentemente, na chamada "Teologia da Libertação", que tanta confusão está causando.

I. A TEOLOGIA DE KARL BARTH

Karl Barth foi, sem dúvida, um teólogo culto e um escritor prolifero. Dentre as principais obras que escreveu, destacam-se: *A Palavra de Deus e a Teologia, A Teologia e a Igreja, O Novo Mundo da Bíblia, Questões Bíblicas, Necessidades e Promessas da Pregação Cristã, A Palavra de Deus como Dever da Teologia, Doutrina Reformada - Sua Essência e Dever* e *Fundamentos Dogmáticos.* Mas, foi com a publicação do seu livro *Comentários Sobre Romanos* que ele tornou-se mundialmente conhecido.

1.1. POR QUE KARL BARTH?

São duas as razões por que tomamos a pessoa de Karl Barth como ponto de partida da especulação da teologia neomodernista: Primeiro, grande número de teólogos mais conservadores da atualidade o consideram assim. Segundo, sua teologia tem contribuído para que determinados setores da teologia, nos dias hodiernos, dêem uma guinada, passando do verdadeiro e lógico para o absurdo e antibíblico.

A teologia barthiana tem influenciado tanto o pensamento teológico dos dias modernos, que muitos teólogos consideram Barth uma espécie de "profeta" e "reformador". Porém, não há como esconder o erro embutido em suas conclusões teológicas, que infelizmente estão se infiltrando em vários seminários em nosso país e sendo adotadas

por muitos ministros evangélicos brasileiros.

1.2. A DOUTRINA NEOMODERNISTA

Dentre os muitos pontos controversos da teologia barthiana e modernista liberal, destacam-se os seguintes:

1.2.1. A BÍBLIA

A Bíblia é "de capa a capa palavras humanas e falíveis... Segundo o testemunho das Escrituras sobre os homens, que também se refere a eles (isto é, aos profetas e apóstolos), eles podiam errar, e também têm errado, em toda palavra... mas, precisamente com essa palavra humana, falível e errada pronunciaram a palavra de Deus" *(Fundamentos Dogmáticos,* vols. I, II, pp. 558/588).

Segundo Barth, a infalibilidade da Bíblia é uma fantasia, só aceita por crentes ignorantes. Para ele, nem mesmo as palavras de Cristo, relatadas nos Evangelhos, são infalíveis. Ele vai mais além e afirma que os ensinamentos de Jesus, conforme dados no Evangelho, são tão afastados da verdade acerca de Deus como as mais cruéis idéias da primitiva religião.

Portanto, conclui ele, a Bíblia não é a divina e inspirada Palavra de Deus, a não ser que Deus resolva usá-la como meio de sua revelação, o que, segundo Barth, só se sucede quando ela é pregada pela Igreja.

1.2.2. O PECADO E A QUEDA

A pergunta: "Como o homem se tornou pecador?" responde Barth: "Não por uma queda do primeiro homem. A entrada do pecado no mundo, por Adão, não é um evento físico-histórico em qualquer sentido" *(Comentário Sobre Romanos,* p. 149). Isso, naturalmente, significa que o pecado não começou por uma livre escolha pela qual o homem preferiu desobedecer à lei divina. De fato, segundo Barth, o pecado pertence à natureza do homem como um ser criado. Desse modo, na qualidade de homem, até mesmo nosso Senhor Jesus Cristo foi carne pecaminosa — afirma Barth irreverentemente.

Se o pecado pertence à natureza do homem, na qualidade de ser criado, pode ele, nesse caso ser perdoado e salvo do seu pecado? Evidentemente Barth fala de perdão de pecado, mas "perdão" não significa, para ele, que o homem seja transformado e se torne uma nova criatura. Tudo quanto é criado é pecaminoso, e o crente é tão pecaminoso quanto o mais iníquo dos homens. Segundo Barth, "o pecado habitou, habita e habitará no corpo mortal enquanto o tempo for tempo, o homem for homem e o mundo for mundo".

Não vemos esperança de real salvação para os neomodernistas, uma vez que crêem na Bíblia e em Deus ao seu próprio modo. Na realidade, eles mutilam a Bíblia e descrêem de Deus.

1.2.3. A PESSOA DE CRISTO

Quem lê o livro *Credo,* de Barth, tem a impressão de que ele crê no nascimento virginal de Jesus Cristo, o que não corresponde à verdade, à luz do contexto geral da teologia barthiana.

De acordo com Barth, na história tudo é relativo e incerto. Isso, evidentemente, aplica-se à vida terrena de Cristo. Por conseguinte, ele pode falar sobre o nascimento virginal de Cristo, mas como um "mito".

1.2.4. A MORTE DE CRISTO

Barth ensina que Cristo morreu em desespero, e que isso é a indicação mais clara de que o homem não tem meios de chegar a Deus por sua religião! Em um de seus sermões, disse ele acerca de Cristo crucificado: "Ele se tornou humilhado, derrotado e sacrificado, pois não queria outra coisa senão vencer o eu humano e dar tudo nas mãos do Pai". O significado da morte de Jesus, dessa forma, é apenas que Ele se sacrificou, e nada mais.

1.2.5. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

No seu livro *Comentários Sobre Romanos,* Barth chega a dizer que o ateu D. F. Strauss talvez tivesse razão em explicar a ressurreição de Cristo como "um embuste histórico". Mas é Barth mesmo quem afirma: "A ressurreição de Cristo, ou o que dá no mesmo, a sua vida, não é um acontecimento histórico".

1.2.6. ESCATOLOGIA

Ensina o barthianismo que a escatologia nada tem a ver com o futuro, e que a segunda vinda de Cristo não é um acontecimento vindouro. Ensina que esperar pela vinda do Senhor é acrescentar ansiedade à nossa situação real.

1.2.7. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Segundo a teologia neomodernista, a palavra "ressurreição" na Bíblia nada tem a ver com a ressurreição do homem da morte física. De fato, Barth ensina que a ressurreição já aconteceu.

1.2.8. O CÉU

Barth destaca em seu ensino que a esperança que o crente nutre de ir para o céu é uma prova do cristianismo egoísta que está vivendo. Por isso, diz ele que o verdadeiro crente não necessita da imortalidade da alma, nem do julgamento final e nem do céu.

1.3. A BÍBLIA REFUTA AS DOUTRINAS NEOMODERNISTAS

Ao refutar o neomodernismo ou barthianismo, a Bíblia nega toda e qualquer possibilidade de salvação aos neomodernistas aprisionados nos seus próprios erros. Veja o que dizem as Escrituras a respeito dos

temas abordados:

1.3.1. A BÍBLIA

A Bíblia é a Palavra de Deus, e, portanto, é:

a. o Livro infalível e imutável dos séculos (SI 119.89);

b. divinamente inspirada (2 Pe 1.21);

c. absolutamente digna de confiança (1 Rs 8.56; Mt 5.18);

d. pura (SI 19.8);

e. santa, justa e boa (Rm 7.12);

f. perfeita (SI 19.7; Rm 12.2);

g. verdadeira (SI 119.142).

1.3.2. O PECADO

Deus não é autor nem cúmplice do pecado, pois:

a. Ele não pratica perversidade, nem comete injustiça (Jó 34.10);

b. Ele fez o homem reto (Ec 7.29);

c. o homem foi advertido de não pecar (Gn 2.16,17);

d. o homem caiu em pecado por sua própria escolha (Gn 3.6,7);

e. aquele que confessa o seu pecado e o deixa, alcança do Senhor misericórdia e perdão (Pv 28.13; **1 Jo 1.9).**

1.3.3. A PESSOA DE CRISTO

Cristo era uma Pessoa real:

a. Ele nasceu duma virgem (Is 7.14; Lc 1.27);

b. Ele foi isento de pecado (Hb 7.26);

c. Ele foi visto por João Batista (Jo 1.29), Anás (Jo 18.12,13), Pilatos (Jo 18.28,29) e Herodes (Lc 23.8).

1.3.4. A MORTE DE CRISTO

A morte de Cristo foi um fato histórico e real:

a. foi testemunhada pelo centurião romano (Lc 23.45-47);

b. foi testemunhada pelos soldados romanos (Jo 19.32,33);

c. José de Arimatéia e Nicodemos tomaram seu corpo, embalsamaram-no e o enterraram (Jo 19.38-42).

1.3.5. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A ressurreição de Cristo foi um fato histórico e real. Após ressurreto Ele foi visto:

a. pelos guardas do sepulcro (Mt 28.11-23);

b. por Maria Madalena (Jo 20.16);

c. por dez dos seus discípulos (Jo 20.19-23);

d. por Tome (Jo 20.26-29);

e. por sete dos seus discípulos (Jo 21.1-14);

f. por Simão Pedro (Jo 21.15-19);

g. por mais de quinhentos irmãos (1 Co 15.6).

1.3.6. ESCATOLOGIA

A escatologia bíblica é clara, e, segundo ela, os acontecimentos finais obedecerão à seguinte ordem:

a. O arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.17).

b. O comparecimento dos crentes ao tribunal de Cristo, nos céus (2 Co 5.10), enquanto na Terra ocorrerá a Grande Tribulação (Mt 24.15-28).

c. A manifestação de Cristo em glória acompanhado dos seus santos e anjos (Mt 24.30).

d. A batalha do Armagedom (Ap 16.16).

e. O julgamento das nações (Mt 25.32).

f. A prisão de Satanás por mil anos (Ap 20.1-3).

g. A inauguração do reino milenar de Cristo na Terra (Is 2.2-4; 65.18-22).

h. A soltura de Satanás por um breve espaço de tempo, para logo ser preso para sempre (Ap 20.7-10).

i. O juízo do Grande Trono Branco (Ap 20.11-15).

j. O estabelecimento dos novos céus e da nova Terra (Ap 21.1).

1.3.7. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

A ressurreição dos mortos é um assunto tratado de forma abundante e inequívoca em toda a Escritura, sobre a qual falaram:

a. Jó (Jó 19.25-27);

b. Davi (SI 17.15);

c. Jesus (Mt 22.31; Lc 14.14; 20.35,36; Jo 5.29);

d. Marta (Jo 11.24);

e. Paulo (At 23.6; 24.21; 1 Co 15.13);

f. O autor da Epístola aos Hebreus (Hb 6.2);

g. João (Ap 20.5,6).

1.3.8. ACERCA DO CÉU

O céu existe, ele é real. Por que o crente o deseja e espera nele morar? Dentre outras razões sobressaem-se as seguintes:

a. No céu está a habitação e o trono de Deus (At 7.49).

b. Do céu foi derramado o Espírito Santo (Mt 3.16; At 2.33).

c. No céu está a nossa pátria (Fp 3.20).

d. Do céu virá Jesus (Mt 24.30).

e. O verdadeiro crente aguarda o estabelecimento dos novos céus e da nova Terra, onde habita a justiça de Deus (2Pe3.13).

II. UMA SOLENE ADVERTÊNCIA

Escrevendo a Timóteo, e, em extensão, a nós hoje, diz o apóstolo Paulo: "Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina

que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais. Mas é grande ganho a piedade com contentamento" (l Tm 6.3-6).

2.1. DETECTANDO OS FALSOS TEÓLOGOS

De acordo com 1 Timóteo 4.1, abandonar a verdade e disseminar o erro é muito mais que uma preferência pessoal. Aquele que assim age está "dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrina de demônios". É aqui que se enquadram os neomo-dernistas. Mas como detectá-los? De acordo com 1 Timóteo 6.3-5, o falso teólogo é alguém que: a) ensina outra doutrina que não aquela ensinada pelo Senhor Jesus Cristo, que é segundo a piedade; b) é soberbo, dado a discussões fúteis que não levam a nenhum proveito.

Num ultrajante desrespeito à Escritura, os liberais ou teólogos modernistas fazem a interpretação que bem lhes convém. Chamam a isto emprego de "palavras conotativas", uma forma de "contextualizar" a Escritura à realidade moderna. Exemplo: já não empregam a palavra "reconciliação" no sentido bíblico de o homem reconciliar-se com Deus. "Redenção" já não é empregada no sentido bíblico de o homem ser salvo do pecado e do castigo eterno. Em vez disso, dão-lhe diferente "conotação", e opinam que esta tem a ver com a melhoria social e cultural da sociedade. "Missões" foi substituída por "diálogo"; e "conversão" passou ser um conceito inaceitável.

2.2. EVITANDO OS FALSOS TEÓLOGOS

Os teólogos comprometidos com o neomodernismo são pessoas que se deixaram enredar pela astúcia do diabo, o pai da mentira. Por lhes faltar genuína conversão, falta-lhes também a visão de Deus quanto ao real estado do homem sem Cristo. Um boletim publicado pelo Concilio Mundial de Igrejas, em uma grande cidade, para orientação de pregadores de rádio, ilustra este ponto:

"Os temas devem difundir amor, alegria, coragem, esperança, fé, confiança, boa vontade. Em geral, evite críticas e controvérsias. Na realidade, estamos 'vendendo religião'. Portanto, preparar os cristãos para levarem a sua cruz, sacrificarem-se e servirem, ou convidar os pecadores ao arrependimento está fora de moda. Porventura não podemos, como apóstolos, convidar o povo a gozar dos nossos privilégios, fazer bons amigos e ver o que Deus pode fazer por ele?"

Alguém comparou os teólogos liberais ou neomodernistas a um comerciante que tem de reserva sob seu balcão toda espécie de artigos. Quando um liberal à moda antiga lhe vem pedir liberalismo, o neomodernista estende a mão sob o balcão e diz: "Mas é exatamente o

artigo que vendemos aqui". E se um cristão bíblico entra na loja, o neomodernista com o mesmo gesto, responde: "Mas é exatamente o artigo que vendemos aqui".

Eis uma real descrição do neomodernismo, capaz de adequar a sua linguagem e o seu comportamento de maneira a agradar a quem quer que seja.

Ao crente fiel, porém, recomenda o Espírito Santo, através de Paulo, que se afaste dos falsos teólogos e seus ensinos, milite a boa milícia da fé, tome posse da vida eterna, e obedeça ao mandamento do Senhor, mandamento esse sem mácula e irrepreensível (lTm 6.5,12,14).

8
A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A Congregação Cristã no Brasil, fundada em 1910 pelo italiano Louis Francescon, durante anos esteve entre as igrejas que mais crescem no Brasil. Apesar dos seus equívocos doutrinários, não chega a ser considerada uma seita herética, ainda que grande número das doutrinas que esposa sejam verdadeiras heresias, uma vez que são mantidas em prejuízo da integridade do Evangelho. Só este aspecto dessa igreja justifica o seu estudo no contexto deste livro.

I. GUERRA DECLARADA

Durante vários anos a Congregação Cristã no Brasil tem sido conhecida não só pela sua doutrina, mas também pela tenacidade com que se opõe às demais igrejas evangélicas do Brasil.

1.1. AVERSÃO À ASSEMBLÉIA DE DEUS

Quanto à Assembléia de Deus, particularmente, os membros da Congregação Cristã no Brasil evitam qualquer tipo de relacionamento, alegando para isto os seguintes motivos:

a. A Assembléia de Deus possui pastores assalariados;
b. as mulheres não usam véu;
c. não se observa a prática do ósculo santo;
d. fecham-se as portas enquanto oram;
e. os membros possuem uma saudação diferente;
f. O batismo no Espírito Santo é ensinado de modo diferente.

1.2. ASPECTOS DOUTRINÁRIOS DA CONGREGAÇÃO

Independentemente das normas que regem o relacionamento da Congregação Cristã no Brasil com as demais igrejas, ela ensina entre outras coisas, o seguinte:

• A igreja não precisa de nenhum outro pastor além de Jesus Cristo.
• As mulheres cristãs devem usar o véu durante o culto.
• Os crentes devem saudar-se com o ósculo santo.
• O Evangelho não deve ser pregado fora dos locais habituais de culto.
• Os pregadores não devem estudar nem se preparar para a pregação, pois o Espírito Santo colocará em sua boca as palavras certas no momento certo.
• O dízimo restringe-se aos dias do Antigo Testamento.

É notável o zelo dos membros da Congregação Cristã no Brasil,

porém, por lhes faltar orientação doutrinária sadia e sólida, têm-se feito vulneráveis ao fanatismo e ao extremismo, regra geral combatidos pelas Escrituras Sagradas.

Leonard, estudioso francês que escreveu uma história eclesiástica de algumas das igrejas evangélicas do Brasil, preocupa-se com a tendência da Congregação para encaminhar-se para o espiritismo. Ele sente que os membros da Congregação tendem a abandonar as bases bíblicas e a depender da inspiração individual e das práticas fanáticas de seus líderes locais, especialmente das que se relacionam com os chamados "dons espirituais".

Podemos notar que, não obstante a Congregação, algumas vezes, usar passagens bíblicas para fundamentar suas crenças e ensinos, em geral falham os pregadores no que tange à fiel interpretação dos textos que escolhem. Evidentemente isso se dá mais por ignorância do que por malícia ou compromisso consciente com o erro.

II. O PASTOR

O ensino de que a Igreja não deve ter nenhum pastor além de Jesus Cristo está em desarmonia com o ensino do apóstolo, na sua carta aos Efésios:

"E a graça foi concedida a cada um de nós segundo o propósito do dom de Cristo. Por isso diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e concedeu dons aos homens... E ele mesmo concedeu uns para apóstolo, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para *pastores* e mestres, com vista ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro" (Ef 4.7,8,11-14; ênfase minha).

O ensino implícito no texto de Paulo é que:

a. O pastor é um dom de Deus à sua Igreja (v. 8, cf. Jr 3.15).

b. A função do pastor tem propósitos específicos dentro da Igreja de Cristo, como seja:

- aperfeiçoamento dos santos;
- desempenho do serviço divino;
- edificação do Corpo de Cristo.

Quanto ao pastor e sua função junto ao Corpo de Cristo, que é a Igreja, declaram ainda os apóstolos Paulo e Pedro:

"Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue" (At 20.28).

"Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por cons-

trangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho" (lPe 5.2,3).

O Sustento do Pastor

Quanto ao sustento remunerado do pastor e daqueles que dão tempo integral à obra de Deus, é isto uma recomendação bíblica. Vejam-se os exemplos:

a. Paulo recebeu salário de determinadas igrejas para servir aos crentes em Corinto (2 Co 11.8).

b. O pastor que emprega tempo integral na assistência à igreja é digno do seu salário (1 Tm 5.18).

c. Paulo ensinou à igreja de Corinto a sustentar os pregadores do Evangelho (1 Co 9.4-14).

d. Timóteo foi advertido por Paulo a não cuidar dos negócios seculares para se sustentar (2 Tm 2.4).

e. Pedro disse que a única ocupação dele e de seus companheiros de ministério era a oração e a pregação (At 6.4).

f. Os apóstolos de Jesus viviam das ofertas que recebiam. Em João 12.6 lemos que existia uma bolsa onde eram depositadas as contribuições para o sustento dos discípulos, e Judas fazia as compras com o dinheiro aí depositado (Jo 13.29).

III. O PROBLEMA DO VÉU

Em 1 Coríntios 11, Paulo escreve uma longa apologia com respeito ao véu e seu uso na comunidade cristã de Corinto.

Nos dias da Igreja Primitiva, a mulher que não usasse véu nos cultos públicos agia como se tivesse rapado a cabeça. Ora, a cabeça rapada era algo repugnante para os judeus, já que só as adúlteras tinham a sua cabeça rapada, como castigo do seu crime (Nm 5.18). O mesmo acontecia com as escravas, e, às vezes, com as mulheres em luto, mas isso não era usual para as mulheres que estavam no seu estado normal.

A passagem de 1 Coríntios 11, segundo o comentador Russel Norman Champlin, "ilustra o perene problema que há entre os costumes sociais e a moralidade cristã". Segundo Champlin, Paulo escreve aqui do ponto de vista de um rabino, como representante da antiga cultura judaica. Porventura tais costumes continuariam sendo obrigatórios para nós hoje em dia, quando as coisas são tão radicalmente diferentes, em aspectos como o vestuário, e, sobretudo, no que tange à nossa idéia acerca da posição da mulher nos dias atuais? Acreditamos que, visto que os costumes sociais mudaram, as exigências deste tempo também mudaram *(O Novo Testamento Comentado,* vol. IV).

Uma vez que nenhum estigma ou impropério é lançado hoje

sobre uma mulher que não usa véu, cremos que o apóstolo Paulo, se vivesse hoje, nem ao menos teria abordado o assunto. Não obstante, podemos perceber que esse apelo em prol do uso de cabelos crescidos pelas mulheres poderia permanecer firme.

Se a Congregação Cristã no Brasil diz obedecer a essa orientação de Paulo quanto ao uso do véu, suas mulheres deveriam usá-lo, não apenas no culto, mas também, de acordo com o contexto histórico, em público, porquanto nenhuma mulher crente da época apostólica pensaria ser apanhada na rua sem véu.

Esta atitude da Congregação é condenável, não pelo fato de suas mulheres usarem o véu durante o culto, mas pela maneira irracional com que condenam o seu desuso nas demais igrejas.

IV. O PROBLEMA DO ÓSCULO

O ósculo era uma maneira comum de saudação entre os orientais, muito antes mesmo do estabelecimento do Cristianismo. Servia aos judeus nas suas saudações, tanto nas despedidas como também na forma de demonstração geral de afeto. O ósculo era entre os orientais uma expressão de saudações e respeito tão comum quanto o aperto de mãos ou o abraço, na nossa cultura.

Na igreja primitiva, o ósculo era simplesmente uma parte da saudação, quando os crentes se reuniam em seus cultos públicos. Porém, não demorou muito até que fosse transferido para a própria liturgia, primeiramente como um sinal de despedida, após a oração final, que encerrava cada reunião, mas, finalmente, como parte do rito da Santa Ceia do Senhor. Houve regiões em que esta prática perdurou até o final do século III.

O ósculo santo entre os crentes primitivos não se limitava a ser praticado mulher com mulher e homem como homem, como hoje fazem os irmãos membros da Congregação Cristã no Brasil. Os costumes orientais indicam que o ósculo santo era aplicado na testa ou na palma da mão, mas nunca nos lábios.

Em algumas culturas ocidentais, como por exemplo o Brasil, seria imputado como algo vergonhoso um homem beijar outro homem dentro da comunidade evangélica ou da sociedade em geral. Por essa razão é que temos achado melhor evitar essa forma de demonstração de afeto, substituindo-a por um simples aperto de mão.

Diante do exposto, conclui-se que:

• Se os irmãos membros da Congregação Cristã no Brasil saúdam com o ósculo apenas homem com homem ou mulher com mulher, é sinal de que há malícia em fazer de outra forma, e, se há malícia, torna-se pecado a prática do ósculo.

• Se os irmãos membros da Congregação Cristã no Brasil se saúdam com o ósculo apenas no decorrer do culto, também está errado, já que na Bíblia os cristãos primitivos saudavam-se assim

publicamente (At 20.37).

• A saudação com ósculo não é má em si mesma; o problema está no fato de assumir feições meramente ritualísticas, divorciadas da verdadeira piedade cristã.

V. A PREGAÇÃO NAS RUAS

O fato de a Congregação Cristã no Brasil não pregar o Evangelho pelas ruas e praças não encontra apoio nas Escrituras. A sua omissão se deve à falsa interpretação que fazem de Mateus 6.5: "E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens". Desse modo, com medo de serem considerados hipócritas, desobedecem ao imperativo de Jesus:

"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Mc 16.15). Como será possível evangelizar o mundo inteiro quando se alcançam apenas aqueles que freqüentam os nossos templos?

Na parábola da grande ceia, Jesus ensinou o modo como a Igreja deve proceder quanto à evangelização:

"Saí depressa pelas ruas e bairros da cidade, e trazei aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos... Saí pelos caminhos e vaiados, e forçai-os a entrar, para que a minha casa se encha" (Lc 14.21,23).

Segundo a Bíblia,

• Jesus pregou nas ruas (Lc 13.26), nas praças públicas (Mc 1.15,20) e nos montes (Mt 8.1).

• Paulo pregou à beira de um rio e num logradouro público (At 16.13; 17.17).

Famosos cristãos do Novo Testamento foram salvos, não num culto dentro de um templo, mas onde estavam, nos seus afazeres.

• Pedro, André, Tiago e João, foram salvos durante um culto realizado por Jesus, à beira do mar da Galiléia (Mt 4.18-22).

• Mateus estava na coletoria quando ouviu Jesus dizer: "Segue-me!", e o seguiu (Mt 9.9).

• Lídia foi salva à beira de um rio, enquanto ouvia Paulo (At 16.13-15).

• Dionísio e muitos outros gregos foram salvos enquanto ouviam Paulo pregando no Areópago, lugar comum de discussão em Atenas (At 17.34).

Jesus jamais disse ao pecador: "Vinde ao templo para serdes salvo", pelo contrário, Ele diz à Igreja: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Mc 16.15).

VI. O PREGADOR PERANTE A CULTURA

O ensino da Congregação Cristã no Brasil de que o pregador não deve buscar "a sabedoria do mundo", pois o Espírito Santo colocará na sua boca as palavras certas no momento certo, deve-se a uma inter-

pretação equivocada das seguintes palavras de Jesus: "... não cuideis em como, ou o que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que haveis de falar; visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós" (Mt 10.19,20).

Quando analisada esta passagem dentro do seu contexto, verificamos que nenhuma alusão há ao fato de que o crente deve relaxar o estudo e o conhecimento geral sob a garantia de que o Espírito Santo falará por ele quando estiver pregando. Esta passagem se refere à maneira como o crente deve se comportar no momento da provação, no caso de vir a ser conduzido aos tribunais e à presença de governadores e reis por causa do nome de Cristo.

E evidente que o elemento sobrenatural da mensagem deve ser realçado; isso, porém, não elimina a utilidade do conhecimento resultante do estudo e da pesquisa.

Não poucos versículos da Bíblia insistem na necessidade de o crente buscar maior conhecimento através da leitura, do estudo e de outras formas de aprendizagem.

Os mais destacados vultos das Escrituras falaram a essa respeito:

a. **Salomão:** "Dá instrução ao sábio e ele se fará mais sábio; ensina ao justo, e ele crescerá em entendimento" (Pv 9.9).

b. **Jesus:** "... todo escriba instruído acerca do reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas" (Mt 13.52).

c. **Paulo:** "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

Cativo num frio cárcere romano, escrevendo ao seu amigo Timóteo, diz o apóstolo Paulo: "Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, *e os livros,* principalmente os pergaminhos" (2 Tm 4.13; ênfase minha).

Paulo dava prioridade aos "pergaminhos", a Bíblia dos seus dias, mas por nada abandonava os outros "livros" de consulta disponíveis nos seus dias.

VII. A QUESTÃO DO DÍZIMO

Só podemos compreender o grande significado do dízimo no contexto da adoração cristã quando o analisamos à luz da soberania de Deus. Quando damos o dízimo estamos com isto dizendo que Deus é dono inalienável de tudo, e que o homem é seu mordomo. O salmista disse: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam"(Sl 24.1).

O ensino da Congregação Cristã no Brasil de que o dízimo foi uma prática restrita ao tempo da lei — e, portanto, não se aplica ao crente na atual dispensação — é improcedente e sem base nas Es-

crituras. Opomo-nos a este ensino por duas razões, pelo menos:

1) A prática de dizimar é bem mais antiga que a própria Lei. Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, mais ou menos quinhentos anos antes da outorga da Lei no Sinai (Gn 14.18-20). Não muito tempo depois, Jacó, neto de Abraão, ao fugir da presença de seu irmão, fez um voto ao Senhor, pedindo prosperidade em sua viagem, dizendo que ao voltar daria ao Senhor o dízimo de tudo quanto tivesse recebido (Gn 28.20-22).

2) Na atual dispensação, Deus requer o dízimo e muito mais que isto, por vários motivos: a) como participantes de uma aliança superior, temos sido contemplados com maiores bênçãos; b) porque maiores privilégios sempre acarretam maiores responsabilidades. Isto não significa que o crente da atual dispensação seja forçado a dizimar, pelo contrário, ele é levado a fazê-lo constrangido pela lei do amor e da gratidão, por estar recebendo maiores bênçãos de Deus (SI 103.1,2).

7.1.0 Dízimo Hoje

Os escritores do Antigo Testamento viram os direitos de Deus sobre a vida do homem à luz da criação, enquanto os do Novo Testamento viram-nos à luz do Calvário. Com isso, corrobora o ensino do apóstolo Paulo: "Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressuscitou, para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos" (Rm 14.8,9).

Alguém disse que cada cheque de pagamento é um novo Éden. Reconhecemos nós a soberania de Deus e os seus direitos como parte do seu propósito? Ou consideramos nossas todas as árvores do jardim?

7.2. A Soberania de Deus

O milagre da criação de Deus e o seu direito permanente de soberania são ilustrados pelo resultado da seguinte pesquisa.

Certa faculdade de estudos agrícolas fez uma pesquisa das coisas indispensáveis empregadas na produção de 100 alqueires de milho em meio hectare de terra. Verificou-se que o homem contribui apenas com o trabalho de preparar a terra, plantar e colher, ao passo que Deus concorre com muitas coisas, como, por exemplo: cerca de 1.800.000 litros de água; uns 3.200 litros de oxigênio; 2.400 litros de carbono ou 8.200 de monóxido de carbono; 73 quilos de nitrogênio; 57 de potássio; 18 de fósforo; 34 de enxofre; 23 de magnésio; 23 de cálcio; 908 gramas de ferro, além de pequenas quantidades de iodo, zinco e cobre. Cem alqueires de milho! Quem os produziu? De quem são?

Tudo pertence a Deus, no entanto Ele nos entregou tudo, requerendo o retorno de apenas um décimo, e ainda sob a promessa de

que sobre aquele que o fizer, derramará bênçãos sem medida (Ml 3.10).

O reverendo Stanley Jones escreveu: "O Dízimo é um Sinal -Uma Prova de que Você não é Dono, mas Devedor". Assim como você paga impostos em reconhecimento do senhorio de mais alguém, também com o dízimo você reconhece a soberania de Deus sobre os nove décimos restantes.

Assim, todo crente deve dizimar, porque:

a. Deus recomenda que o façamos (Ml 3.10).

b. Não dizimar é furtar ao Senhor (Ml 3.8).

c. Do dízimo depende o sustento material da casa do Senhor (Ml 3.10).

d. Da fidelidade em dizimar advém grande abastança (Ml 3.10).

9
SÓ JESUS

No terceiro século da nossa era, surgiu um movimento doutrinário a respeito da natureza de Deus, liderado por Sabélio, um presbítero da Igreja Cristã no norte da África.

O ensino de Sabélio consistia na negação da existência da Trindade, segundo o qual Jesus era o Jeová do Antigo Testamento e a Única Pessoa da Divindade. Os termos "Pai" e "Espírito Santo" se referiam apenas a certos aspectos do caráter de Jesus e não a outras pessoas. Assim sendo, "Pai", "Filho" e "Espírito Santo" eram somente três diferentes nomes para o mesmo ser divino.

Esta concepção desapareceu antes do fim do século IV, porém ressurgiu neste século com uma nova roupagem, através do movimento chamado "Só Jesus" ou "Nova Luz", e, com pequenas variações, através das "testemunhas-de-jeová", que também negam a existência da Trindade, conforme já mostramos neste livro.

I. ORIGEM DO MOVIMENTO

A origem do movimento chamado "Só Jesus" ou "Nova Luz" está ligada à pessoa de John S. Scheppe, que no ano de 1913 afirmou ter recebido uma revelação, em forma de visão, acerca do poder do nome de Jesus. Nesse ano ele começou a estudar o assunto, chegando à conclusão de que o verdadeiro batismo tinha de ser ministrado só em nome de Jesus, conforme o texto de Atos 2.38: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados..."

John S. Scheppe ensinou ainda que era imprescindível ser batizado em água, para ser "nascido da água", ou seja, ser salvo. Foi assim que muitos crentes de outras denominações, já batizados no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, deixaram-se batizar novamente, dessa vez só em nome de Jesus.

1.1. UMA "NOVA LUZ"

Como conciliar o ensino defendido por Scheppe e seus seguidores com o fato de o próprio Jesus haver ordenado o batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo? Para resolver este problema teológico, Scheppe disse ter recebido uma "nova luz" sobre o assunto. Segundo essa "revelação", Pai, Filho e Espírito Santo seriam uma só pessoa, e seu nome é Jesus Cristo, Senhor, Jesus, Cristo. Jesus revelou aspectos distintos de sua natureza, apresentando-se como Pai e Espírito Santo, porém estes não eram distintas personalidades. Portanto, o novo ensino defendia que a Divindade era constituída

somente de Jesus.

1.2. EXPANSÃO DO MOVIMENTO

Entre as igrejas que surgiram como resultado desse movimento, a Igreja Pentecostal Unida é provavelmente a mais forte, possuindo trabalhos em vários países, inclusive no Brasil.

Outros grupos menores e muitas igrejas independentes têm aceitado a falsa interpretação concernente à Pessoa de Deus, adotada pela "Nova Luz". Devemos esclarecer, contudo, que existem hoje igrejas que crêem na doutrina da Trindade, mas que também batizam apenas em nome de Jesus.

II. REFUTAÇÃO BÍBLICA

Todo e qualquer movimento religioso que eleva a revelação particular e as experiências pessoais acima da Bíblia Sagrada incide em graves erros de interpretação da doutrina cristã. Isto é o que acontece com os seguidores do movimento "Só Jesus".

2.1. A TRINDADE NA BÍBLIA

Existem muitos crentes sinceros que estão verdadeiramente confundidos com essa doutrina errônea. Porém, a Bíblia ensina claramente a Trindade e apresenta o Pai, o Filho e o Espírito Santo como Pessoas coexistentes, mas distintas. Observe os seguintes exemplos:

a. O Pai dá testemunho do Filho como um Ser existente e independente (Mt 3.17).

b. O Pai dá testemunho de si mesmo (Ex 20.2).

c. O Pai dá testemunho do Espírito (Zc 4.6).

d. O Filho dá testemunho do Pai (Jo 14.12).

e. O Filho dá testemunho de si mesmo (Jo 14.16).

f. O Filho dá testemunho do Espírito Santo (Jo 16.13,14).

g. O Espírito Santo dá testemunho do Pai (Hb 3.7-11).

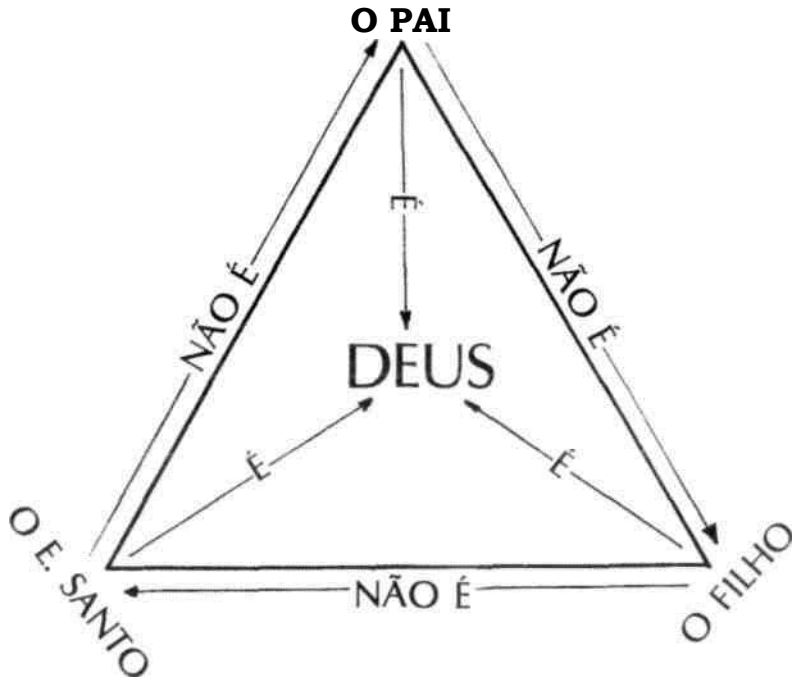
h. O Espírito Santo dá testemunho do Filho (Jo 16.14,15). i. O Espírito Santo nunca dá testemunho de si mesmo (Jo 16.13).

O gráfico seguinte há de explicar melhor a doutrina bíblica da Trindade, em contraposição à doutrina esposada pelo movimento denominado "Só Jesus" ou "Nova Luz".

A doutrina da Trindade é mostrada na Bíblia de Gênesis ao Apocalipse, e está presente:

- na criação do homem (Gn 1.26);
- na conclusão divina quanto à capacidade de o homem agora conhecer o bem e o mal (Gn 3.22);
- na confusão das línguas, em Babel (Gn 11.7);
- na visão e chamamento de Isaías (Is 6.8);
- no batismo de Jesus, no Jordão (Mt 3.16,17);

• na Grande Comissão de Jesus a seus discípulos (Mt 28.19);
• na distribuição dos dons espirituais (1 Co 12.4-6);
• na bênção apostólica (2 Co 13.13);
• na descrição paulina da unidade da fé (Ef 4.4-6);
• na eleição dos santos (1 Pe 1.2);
• na exortação de Judas (Jd 20,21);
• na dedicatória das cartas às sete igrejas da Ásia (Ap 1.4,5).



2.2. A FÓRMULA BÍBLICA DO BATISMO

Quanto à fórmula do batismo em águas, o testemunho bíblico e a história da Igreja nos primeiros séculos confirmam que o batismo era ministrado no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19).

Os mais piedosos líderes da igreja antiga provam que os apóstolos e pastores daqueles tempos batizavam em nome das três Pessoas da Trindade, e não no nome de Jesus apenas.

Um livro muito antigo, chamado *Os Ensinos dos Doze Apóstolos,* diz: "Agora, concernente ao batismo, batizai desta maneira: depois de ensinar todas estas coisas, batizai em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo... O batismo deve ser efetuado conforme nos ordenou o Senhor, dizendo: 'Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo...'"

Justino Mártir, no ano 165 da nossa Era, escreveu: "São levados [os novos convertidos] a um lugar onde haja água, e recebem de nós o batismo em água, em nome do Pai, Senhor de todo o Universo, e do nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo".

Tertuliano, Clemente de Alexandria e Basílio, nos idos de 156, 160 e 326, respectivamente, disseram: "Ninguém seja enganado nem se suponha que, pelo fato de os apóstolos freqüentemente omitirem o

nome do Pai e do Espírito Santo, ao fazerem menção do batismo [não na fórmula quando estão batizando], não seja importante invocar estes nomes".

Cipriano, no ano 200, falando de Atos 2.38, disse: "Pedro menciona aqui o nome de Jesus Cristo, não para omitir o do Pai, mas para que o Filho não deixe de ser unido com o Pai. Finalmente, depois de ressurreto, os apóstolos são enviados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo".

Calvino, no ano 1550, em seu comentário sobre 1 Coríntios 1.13, diz: "Que é ser batizado em nome de Cristo? Respondo que por esta frase entende-se que o batismo estriba-se na autoridade de Cristo, dependendo de sua influência e, em certo sentido, consiste em invocar ou estar em seu nome".

Na verdade, o fato de o movimento "Só Jesus" procurar im-por-se como uma "Nova Luz" nada mais é que um dos velhos artifícios usados pelo príncipe das trevas para seduzir os incautos ao erro.

10
O TEOSOFISMO

A palavra *teosofia* vem de duas outras palavras gregas: *Theos,* "Deus", e *sofia,* "sabedoria"; isto é, sabedoria de Deus. Essa falsa religião ensina que a aquisição da sabedoria divina não é dada através da revelação de Deus — a Bíblia, nem por inspiração, estudo, ou revelação concedida pelo Espírito Santo. O teosofismo crê que Deus é um ser impessoal identificado com a humanidade. É um sistema panteísta a mais. Desse modo, os panteístas crêem possuir a chave do saber divino, admitindo, inclusive, serem superiores às demais pessoas.

O teosofismo é, sem dúvida, uma ramificação do espiritismo, e igualmente diabólico.

I. RESUMO HISTÓRICO

Como é conhecido hoje, o teosofismo teve sua origem histórica no ano de 1875, porém suas crenças de inspiração satânica remontam a séculos, originárias do Oriente, mais precisamente da índia e do Tibete. São crenças pagas aliadas a um sistema falsamente chamado filosófico, também oriental.

1.1. HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A origem do teosofismo é atribuída à senhora Helena Petrovna Blavatsky, nascida na Rússia, mas naturalizada norte-americana. Era médium espírita, e por dez anos esteve sob o domínio de um espírito demoníaco que se fazia passar por João King. Com o propósito de disseminar a sua nova religião, Helena viajou por vários países. A princípio esteve no Cairo, capital do Egito, onde tentou fundar, sem êxito, uma sociedade espírita. Daí seguiu para Nova York e aliou-se a um grupo de médiuns. Sentindo-se chocada com o surgimento de pesquisas que denunciavam as fraudes do espiritismo, a senhora Blavatsky, coadjuvada por outras médiuns, fundou em Nova York, a 17 de novembro de 1875, a Sociedade Teosófica.

1.2. EXPANSÃO DO TEOSOFISMO

Helena deixou os EUA em 1882 e partiu para a índia, aconpanhada pelo Coronel Olcott, veterano da guerra civil americana e adepto do teosofismo, a fim de penetrar no conhecimento das crenças hindus e budistas. Na índia, escolheu a cidade de Madras como sede do teosofismo.

Deste modo, o teosofismo cresceu de braços dados com o paga-

nismo oriental, hindu e budista. Os princípios falsamente chamados "filosóficos", adotados pelo teosofismo, foram tomados emprestados das obras dos filósofos alemães João Eckhart e Jacó Boheme.

Com o falecimento de Helena, outra mulher, de nome Annie Besant (1847-1933), assumiu a liderança do teosofismo. Sua atitude mais ousada foi afirmar que seu filho adotivo Krishnamurti, também chamado Krishnaji, era o mais recente Messias reencarnado, ou seja, o Cristo reencarnado. Esta infeliz "descoberta" aconteceu em 1931. Mas toda esta fantasia foi desmentida pelo próprio Krishnamurti, que declarou não ser nenhum messias e, inclusive, recusou-se a receber qualquer tipo de adoração.



Helena Petrovna Blavatsky, fundadora do teosofismo

II. PRINCÍPIOS E ENSINOS DO TEOSOFISMO

Em princípio, o teosofismo é um sistema religioso completamente sincretista, isto é, reúne um pouco de cada religião. Desta forma, ele pretende ser o fundamento das demais religiões. Alega ser a um só tempo uma religião, um sistema filosófico e uma ciência. Contudo, para saber o que o teosofismo realmente é, atente para os seus ensinamentos acerca dos seguintes assuntos:

2.1. DEUS

O teosofismo ensina que Deus é impessoal e que a Trindade é de nomes apenas. É constituída de Força, Sabedoria e Atividade. Deus tem ainda uma quarta pessoa, sendo esta feminina. Trata-se da matéria, de que Ele se utiliza para manifestar-se. Os adeptos citam Lucas 1.38 e, por meio de explicações sutis, relacionam a encarnação do Filho de Deus, por meio da virgem Maria, a esse falso ensino da quarta pessoa da Divindade. A segunda pessoa da Trindade — Sabedoria, teria duas naturezas, uma espiritual: a Razão, e outra material: o Amor. Em suma, este falso ensino diz que Deus, no sentido espiritual, é composto de três pessoas: Força, Sabedoria e Atividade, e no sentido material, manifesta-se na Matéria.

2.2.0 HOMEM

Segundo o teosofismo, o homem tem dois corpos, um natural e outro espiritual. O espiritual é constituído das mesmas pessoas da Trindade: Força, Sabedoria e Atividade. O corpo natural seria mais complexo; teria quatro partes, a saber:

a. *O corpo físico,* duplamente constituído. Não há detalhes a respeito desta duplicidade. Ensina-se apenas que há aqui duas partes.

b. *O corpo astral,* que encerra os afetos, as emoções e os desejos.

c. *O corpo mental,* que se ocupa do Pensamento.

Para o teosofismo, o *corpo mental* é o mais importante dos três, pois pode habitar no *mundo mental,* que corresponde ao céu. Esse mundo é habitado pelos *devas* (palavra hindu e brâmane correspondente a "anjo"). Daí chamarem o mundo mental de *devachan* = "lugar dos devas". Desse modo, no teosofismo, os anjos são espíritos que se aperfeiçoaram no mundo astral. Para os teosofistas adiantados, um meio de apressar a perfeição é a prática do yoguismo e outros tipos de ascetismo físico-mental, como faquirismo e controle do pensamento.

2.3. A REENCARNAÇÃO

"Reencarnação", na linguagem teosófica, é chamada *Carma.* É uma palavra hindu e brâmane usada para exprimir a Lei de Causa e Efeito. A lei do "Carma" ensina o seguinte: as ações e intenções atuais do homem são efeito daquelas que o precederam e causa das que se

seguirão. Firmado nessa crença, o homem pode operar sua salvação com uma precisão matemática mediante o aperfeiçoamento crescente de cada vida que viver aqui. Em busca de apoio nas Escrituras à lei do Carma, o teosofismo, erroneamente, lança mão de passagens como Gálatas 6.7 e João 9.2.

A senhora Besant, por exemplo, ensinou que a morte prematura de uma criança tão-somente significa que seus pais foram maus para alguma criança, na encarnação anterior.

O teosofismo ensina ainda que o homem não fica permanentemente no *devachan.* Mais cedo ou mais tarde ele volta à Terra, nascendo como criança para dar prosseguimento ao seu Carma. Cada existência vivida na Terra eqüivale a um dia na escola do Carma. Um elemento muito imperfeito logo volta do céu. Fica lá uns cem anos somente, enquanto alguém mais perfeito permanece até dois mil anos.

2.4. A RAÇA HUMANA

O teosofismo ensina que o homem é um "fragmento divino", e seu destino final é voltar para Deus de modo permanente. Isso é chamado "Nirvane", ou seja, o fim das reencarnações. Na linguagem teosófica, são "os homens divinos feitos perfeitos". São chamados *mahatmas,* que significa "mestres, sábios". Os mahatmas podem viver sempre no céu, mas podem também habitar nos "montes sagrados" do Tibete. Isso fazem para auxiliar na evolução da humanidade. Um mahatma pode também encarnar-se num teosofista proeminente. Toda sabedoria oculta do teosofismo deriva desses mahatmas. Há um chefe acima de todos os mahatmas chamado "Supremo Mestre". Quando este se encarna, temos um Cristo. Assim sendo, de acordo com o ensino teosófico, todo homem é um Cristo em potencial.

Firmado na lei do Carma, o teosofismo dá à humanidade uma origem remotíssima e pontilhada de detalhes portentosos para impressionar o povo crédulo e sem fé na Palavra de Deus.

A humanidade está na terceira raça-tronco. Cada uma dessas raças conteve várias sub-raças. Por sua vez, cada sub-raça levou muitos milênios para dar lugar à seguinte. A primeira raça humana foi a *lemúria;* a segunda, a *atlante,* e a terceira e atual é a *ariana.* A humanidade atual é a quinta sub-raça, chamada "teutônica", proveniente da raça-tronco *ariana.* Com isso em vista, a senhora Blavatsky confere dezoito milhões de anos à história da humanidade. Publicam também um mapa do mundo, segundo dizem, recebido dos *devas,* de dezoito mil anos atrás. Deles provém a origem da história da raça *atlante* que habitou o continente de mesmo nome por oitocentos mil anos.

Segundo o ensino teosófico, o continente *Atlante* ocupava parte do atual leito do oceano Atlântico. O continente *Lemúrio* situava-se entre a índia e Austrália. Por meios "ocultos", os teosofistas

aprenderam que há onze mil e quinhentos anos houve uma grande catástrofe que submergiu os referidos continentes, levando para o fundo do mar sessenta e quatro milhões de pessoas.

2.5- CRISTO

Diz o teosofismo que cada sub-raça presta uma contribuição especial à humanidade. A contribuição da sub-raça atual (a 5ª) é prover o *homem intelectual.* A próxima sub-raça apresentará o *homem espiritual.*

Ao iniciar-se cada sub-raça, surge um Cristo. Em outras palavras: o Supremo Mestre do Mundo encarna em alguém. Por conseguinte, a atual raça-trono *ariana* já teve até agora cinco Cristos, ou seja cinco encarnações do Supremo Mestre do Mundo, que foram:

- **Buda,** na índia (Iª sub-raça).
- **Hermes,** no Egito (2ª sub-raça).
- **Zoroastro,** na Pérsia (3ª sub-raça).
- **Orfeu,** na Grécia (4ª sub-raça).
- **Jesus,** na Palestina (5ª sub-raça).

Acrescenta o teosofismo que Cristo usou o corpo do discípulo chamado *Jesus.* Ora, se a sexta sub-raça está para surgir, significa que daqui a pouco teremos um novo Cristo. Dizem ainda os teosofistas que esse novo Cristo será muito mais poderoso do que o Senhor Jesus Cristo, pois será o Cristo da sub-raça *espiritual,* muito superior à *intelectual.* Será esse o Cristo que unirá todas as religiões numa só, ensino transmitido pelo teosofismo desde a sua origem, segundo o qual todas as religiões têm algo certo, que, juntando-se, formam a religião perfeita.

Note que essa infinidade de Mahatmas e Cristos faz do teosofismo não só uma religião panteísta, mas também eminentemente politeísta.

III. A BÍBLIA REFUTA O TEOSOFISMO

Grande parte da resposta bíblica ao teosofismo é a mesma dada ao espiritismo, estudado neste livro. Mas aqui estão algumas com o propósito específico de refutar o ensino teosófico.

• O teosofismo tem os seus fundamentos em princípios religiosos e filosóficos pagãos do Oriente, e não nas Escrituras Sagradas, a inerrante Palavra de Deus (cf. Is 2.6).

• A entrada no Reino dos céus não é pelo processo da reencarnação ou lei do Carma, mas pelo novo nascimento em Cristo (Mt 7.21; Jo 1.12,13; 3.3).

• A união de todas as religiões, a pretexto de formar uma só religião com o propósito de congregar todas as pessoas, é espúria e

antibíblica (Gl 1.8; 2 Jo 10,11).

• O ensino de que Jesus e Cristo são duas pessoas distintas é de origem diabólica (1 Jo 2.22).

• Não há revelação de Deus mais completa e perfeita do que Cristo e a Palavra de Deus, escrita (Jo 14.9; Cl 1.19; Hb 1.2; Ap 22.18,19).

• O ensino sobre o homem desencarnado no mundo astral é estranho às Escrituras (2 Co 5.1-4; Fp 3.21).

• A reencarnação de Jesus como o Cristo da atual sub-raça é uma heresia demoníaca e uma afronta à Palavra de Deus (Hb 9.27).

• Mahatmas e Cristos habitando no Tibete são invenções descabidas de ímpios alienados de Deus (Mt 24.24-26).

• É Deus quem liberta o homem dos seus pecados e não a lei do Carma (Is 1.18; 1 Jo 1.9).

Está mais do que claro que o teosofismo tem por base doutrinas de demônios, de acordo com o que escreveu o apóstolo Paulo em 1 Timóteo 4.1. Este texto bíblico registra que nos últimos tempos surgirão "filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo" (Cl 2.8); são "filosofias" disseminadas por homens ignorantes do fato de que em Cristo "habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9).

11
O COMUNISMO MARXISTA

Um dicionário comum definiria o marxismo como o conjunto das doutrinas filosóficas, políticas e econômicas de Karl Marx e seus continuadores, que, reagindo às filosofias idealistas e dualistas, pregam o advento do socialismo alcançado através da luta de classes e da ditadura do proletariado, o mesmo que materi-alismo dialético.

Porém, à luz das Escrituras e das ciências que tratam do comportamento humano, haveremos de notar que o marxismo é bem diferente daquilo que os marxistas ou comunistas dizem ser. Se não, vejamos.

I. PRIMÓRDIOS DO MARXISMO

Karl Friedrich Marx, pai intelectual do marxismo, nasceu em Treves, na Alemanha, em 1818, e morreu em 1883. Seus pais eram judeus, convertidos ao Cristianismo. Marx mesmo, quando criança, fora batizado numa igreja protestante na Alemanha. Após se formar em Filosofia, ingressou no jornalismo e na política.

1.1. FORMAÇÃO RELIGIOSA DE MARX

Quando muito jovem, Marx se confessava cristão. Nessa época, em sua tese: "O Jovem e a Escolha de Sua Carreira", advertia a juventude a tomar em consideração a vontade de Deus, antes de cada um se decidir sobre a grande obra de sua vida. Escreveu ele: "A própria religião ensina-nos que o Ideal que todos lutam para alcançar, sacrificou-se a si próprio pela humanidade, e quem ousará contradizer tal afirmação? Se escolhermos a posição na qual podemos realizar o máximo por ele, então não poderemos nunca ser esmagados pelas responsabilidades, porque elas são apenas sacrifícios feitos em favor de todos".

A certa altura do seu curso ginasial, respondendo à prova: "Sobre a União dos Crentes com Cristo", ele escreveu:

"... o zelo pela virtude é abafado pela voz tentadora do pecado, e se transforma em escárnio, assim que sentimos o pleno impacto da vida. A luta pelo entendimento é posta de lado por uma vulgar concupiscência pelos bens terrenos.

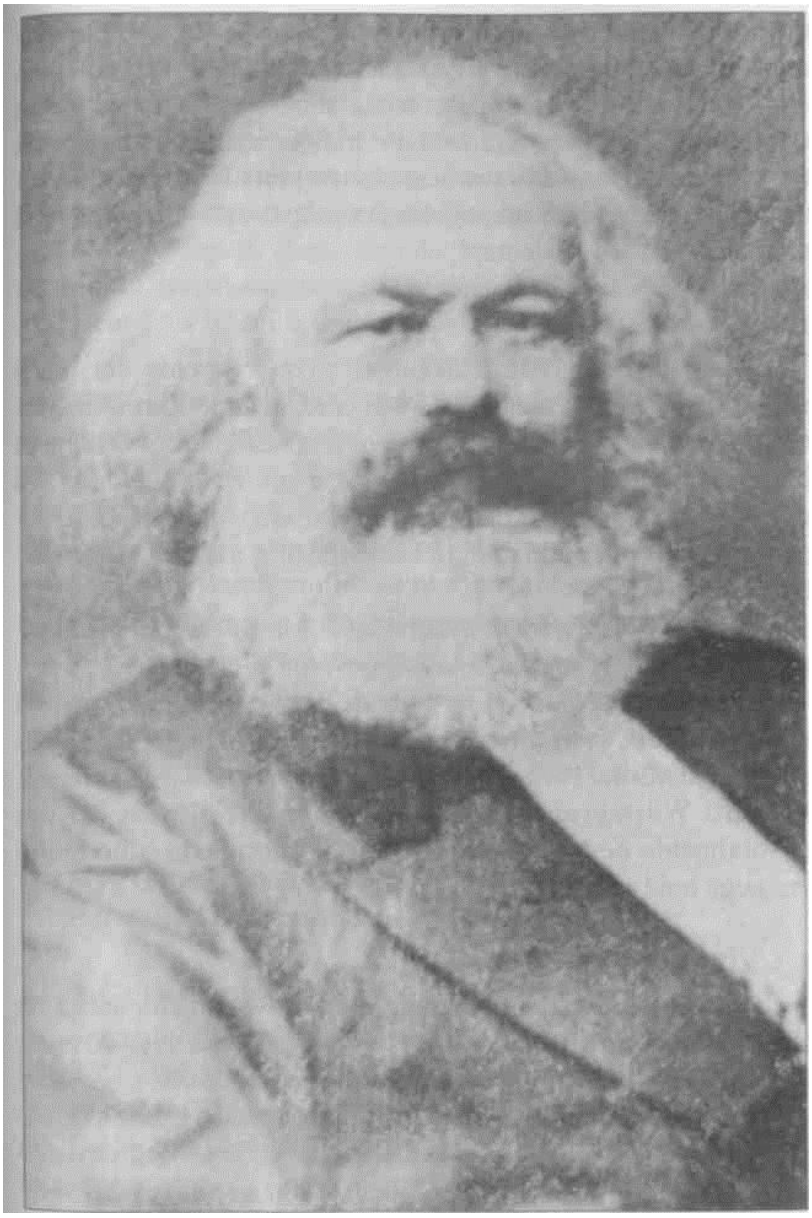
"O anseio pela verdade é amortecido pela força doce e lisonjeadora da mentira. E assim o homem permanece como a única criatura, em toda a natureza, que não cumpre o seu propósito, o único membro do Universo que é indigno do Deus que o fez.

"Todavia, o gracioso Criador é incapaz de odiar a obra de suas

mãos. Deseja erguê-la até onde Ele mesmo está, e, assim sendo, enviou o seu Filho, e agora nos chama através destas palavras: 'Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado; permanecei em mim, e eu permanecerei em vós...' (Jo 15.3,4).

"E onde Cristo expressa com maior clareza a necessidade de união com Ele do que na bela parábola da vinha e seus ramos, na qual Ele se compara com a vinha e a nós com os ramos?

"Os nossos corações, a razão, a história, a Palavra de Deus, tudo nos faz apelos em altas vozes, convincentemente, dizendo-nos que a união com Ele é absolutamente necessária; que sem Ele seríamos rejeitados por Deus; que somente Ele é capaz de libertar-nos... "Uma vez que um homem tenha atingido essa virtude, essa união com Cristo esperará calma e tranqüilamente os golpes da desventura. Opor-se-á bravamente às tempestades da paixão e resistirá impavidamente aos rugidos dos iníquos; pois quem poderia arrebatá-lo de seu Redentor?"



1.2. A RADICAL MUDANÇA

Aconteceu em 1835. Haviam-se passado apenas dois anos depois de ter escrito tão belo depoimento, quando Karl Marx declarou-se um ateu convicto. Oito anos mais tarde, diz: "O homem é que faz a religião; a religião não faz o homem... a religião é o ópio do povo... o povo não poderá sentir-se realmente feliz enquanto não for privado da felicidade ilusória mediante a superstição da religião!"

Por essa época, num de seus poemas, Marx escreveu o seguinte: "Desejo vingar-me daquele que governa lá em cima".

Mas o que aconteceu na vida de Karl Marx, para que, da noite para o dia, se transformasse num declarado inimigo de Deus e do Cristianismo? No seu livro *Era Karl Marx um Satanista?,* Richard Wurmbrand não descarta a possibilidade de um envolvimento de Marx com o satanismo, forma de culto muito em voga hoje em dia.

1.3. VÍTIMA DA FALSA TEOLOGIA

Antes de se ligar à Economia e tornar-se um comunista de renome, Marx foi um humanista. Hoje, cerca de um terço do mundo é marxista. Nesse meio estão muitos pseudo-cristãos, que, sem a experiência genuína e sobrenatural da conversão e sem a orientação da Bíblia, caem vítimas das doutrinas infames do marxismo ateu e materialista. É aqui que se enquadram os teólogos da Libertação como "tolos úteis", a serviço do marxismo.

Apesar da decisão marxista de destruir a religião e de opor-se a tudo quanto tem relação com Deus, desde o princípio o marxismo tem encontrado fiéis aliados nos teólogos modernistas e liberais. Por exemplo, foi lendo um livro do teólogo liberal Bruno Bauer, que Engels, na época um cristão professo, passou a descrer dos valores eternos registrados na Bíblia, vindo a se aliar a Marx logo depois. E que tipo de pessoa era Bruno Bauer, que contribuiu decisivamente na destruição da fé de Engels e apoiou Marx em seus intentos anticristãos? É possível conhecê-lo um pouco lendo parte de uma carta que ele encaminhou ao seu amigo Arnould Ruge, também amigo pessoal de Karl Marx e Engels:

"Faço conferências aqui na Universidade ante um grande auditório... Não me reconheço a mim mesmo, quando pronuncio minhas blasfêmias do púlpito. Elas são tão grandes, que estas crianças, a quem ninguém deveria escandalizar, ficam com os cabelos em pé. Enquanto profiro as blasfêmias, lembro-me de como trabalho piedosamente em casa, escrevendo uma apologia das Sagradas Escrituras e do Apocalipse. De qualquer modo, é um demônio muito cruel que se apossa de mim, sempre que subo ao púlpito, e sou forçado a render-me a ele... Meu espírito de blasfêmia somente será

saciado se estiver autorizado a pregar abertamente como professor do sistema ateísta".

II. O QUE PREGA O MARXISMO

Em síntese, o marxismo prega os seguintes temas:

2.1. A GUERRA DE CLASSES

Segundo o marxismo, há no Universo inteiro um estado de oposição, de sorte que tudo o que há no mundo é fruto de forças que se opõem. Exemplo: a morte se opõe à vida, o bem ao mal, etc. É este conflito que dá dinamismo à vida. Em tudo há sempre duas forças que se opõem; a força principal chama-se "tese", e a secundária que reage chama-se "antítese". Na luta entre as duas, a tese prevalece e vence a antítese. A isto o marxismo chama "ponto crítico". O ponto crítico transforma a quantidade em qualidade, resultando daí a "síntese".

O marxismo aplica a guerra de classes à humanidade, observando o seguinte raciocínio: A humanidade está dividida em duas forças que se opõem: operários e patrões ou chefes e subordinados. O operário é a força chamada "tese"; enquanto os patrões são a força reacionária, a "antítese". Há guerra eterna entre estas duas classes. O resultado final será a tese vencer a antítese, isto é, a classe trabalhista destruir o sistema capitalista.

2.2. O CONCEITO DE PAZ

Os marxistas sempre falam em paz. Mas o que entendem eles por paz? Para o marxismo a paz só é possível com a destruição do povo capitalista pelo operariado, ou como dizem eles: "A vitória do proletariado sobre a burguesia".

Quando um marxista fala em paz, refere-se à vitória total do comunismo. Deste modo, o que chamamos de "paz" é para o marxismo um ato de guerra.

2.3. PROLETARIADO E CAPITALISMO

Na dialética materialista do marxismo, a classe operária é chamada proletariado; todos os demais compõem a burguesia ou capitalismo. O que o marxismo chama capitalismo não são somente os ricos, comerciantes e industriais, mas o sistema democrático, todas as religiões, igrejas e organizações religiosas.

Segundo Marx, a religião é uma espécie de travesseiro sobre o qual o crente está a dormir, a fim de não se engajar na luta contra os exploradores, na esperança de ter uma vida num além, que nunca chegará. Portanto, é ensino básico do marxismo que o homem, para viver bem e dirigir seus destinos, precisa destruir primeiramente a religião e a propriedade privada.

2.4. O Conceito de Propriedade

O marxismo caracteriza-se pela sistemática oposição à propriedade privada, à liberdade econômica, e à livre iniciativa. Marx e Engels declararam em 1848 aquilo que hoje é um diapasão do marxismo: "Os Comunistas podem resumir sua teoria nesta única expressão: 'abolição da propriedade privada'". Para o marxismo, "a propriedade privada é um roubo". Deste modo, o alvo do marxismo é que toda propriedade seja administrada pelo Estado (pelo Estado comunista, evidentemente), inclusive no que diz respeito às necessidades individuais. Isto acarreta um totalitarismo absoluto em que o indivíduo fica absorvido pela coletividade.

III. O MARXISMO E O PROBLEMA DA LIBERDADE

Um dos sinais de enfraquecimento da fé e da democracia em nosso país é o entusiasmo simplista de alguns cristãos pelas teses marxistas. Para tanto aventam as mais estranhas interpretações dos textos bíblicos na vã esperança de uma legitimação de atitudes inaceitáveis a um autêntico seguidor de Jesus Cristo.

3.1. Os Riscos do Comprometimento

Aos ouvidos de cristãos incautos, soam, com doçura angelical, as seguintes palavras:

"Os cristãos devem optar definitivamente pela revolução, e especialmente no nosso continente, onde a fé cristã é tão importante entre a massa popular. Quando os cristãos se atreverem a dar um testemunho revolucionário integral, a revolução latino-americana será invencível, já que até agora os cristãos permitiram que sua doutrina fosse instrumentalizada pelos reacionários" (Che Guevara).

"Sugerimos uma aliança entre o Cristianismo e o marxismo. Os objetivos humanos de Cristo e Marx, cada qual com sua própria filosofia, são os mesmos. Não podemos falar sobre o outro mundo, mas neste mundo podemos ter completa concordância, com fraternidade e solidariedade" (Fidel Castro).

Ao receber uma Bíblia, no Chile, Fidel observou: "Aqui lemos muitos exemplos de conduta tipicamente comunista... Cristo, multiplicando os peixes e os pães para alimentar o povo, é um belo exemplo... Nós não temos a resposta de Cristo. Mas, baseados na sua doutrina, tentamos fazer a mesma coisa: dar pães e peixes a todos!"



Mausoléu de Lenin na praça Vermelha, em Moscou: culto à criatura em lugar do Criador

3.2. MARXISMO *versus* IGREJA

O marxismo considera a Igreja, na melhor das hipóteses, irrelevante, e, na pior, como instituição econômica e, politicamente, opressora. Descreve a concepção cristã do mundo e da vida como algo anquilosado nas esferas de uma hierarquia estática, em uma concepção medieval do mundo que se esforça por impor como válida.

O marxismo é uma filosofia do homem que, conforme diz H. Bass, "pretende oferecer-nos uma resposta ao problema do homem..., sua origem..., seu destino histórico...; uma resposta ao problema da existência e da possibilidade de exercício de uma liberdade do homem". O marxismo, que pretende ser uma doutrina de salvação, só se satisfaz quando exerce um controle sobre todo o homem, em seu ser e seu operar, num delírio de universalidade dominante.

Bardiaeff, profundo conhecedor do marxismo, em cujas fileiras formou durante vários anos, escreve: "Pretende o marxismo ser universal, quer impor-se sobre toda a experiência, e não só sobre alguns de seus movimentos". Por isso, o marxismo é uma filosofia do homem, totalitária em sua ambição. Nos poucos países ainda sob governo marxista ou comunista, o Estado exerce controle sobre tudo. O cidadão é vigiado e a delação é uma tradição, quase um dever. O Estado comunista, assim como "O Grande Irmão", principal personagem do livro *1984,* de George Orwell, a todos vê, patrulha e controla.

3-3- PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO

A revista *Veja,* de 25 de junho de 1986, mostrou que durante uma recente estada no Ocidente, Yelena Bonner, mulher do físico e dissidente soviético Andrei Sakharov, declarou que se sentia como um micróbio numa lâmina sob um microscópio, tal a vigilância a que ela e seu marido eram submetidos na cidade de Gorki, a 400 quilômetros de Moscou, para onde foram banidos por suas críticas ao regime comunista.

Prosseguindo na sua matéria, diz a *Veja:* "No apartamento de Gorki, o casal vive em completo isolamento dos amigos e impedido de ouvir rádio, por causa de interferências provocadas pela polícia. Para sintonizar estações ocidentais, Yelena revelou, recentemente, que eles vão até o cemitério local, onde a recepção é melhor. Para ambos, parece haver poucas esperanças de libertação a curto prazo".

Durante o regime comunista na extinta União Soviética, ao manter Sakharov confinado, os soviéticos exerciam uma prerrogativa típica das tiranias — a de libertar os adversários a seu critério, como fez o Kremlin, ao autorizar, em 1986, a emigração de Anatoly Sharansky para Israel, mas mantendo sempre um preso notável como símbolo de resistência a pressões externas e uma advertência interna para a força da repressão.

3.4. MARXISMO, O APOGEU DO HUMANISMO

O marxismo não se dá por satisfeito em formular uma determinada crença sobre o homem, mas procura impô-la, fazendo uma sondagem nas profundidades do homem para obrigá-lo a tomar consciência de suas potencialidades inimagináveis; induz o homem à crença de poder ser um deus antes mesmo de atingir a dignidade que o faça humano; quer dirigir, como um fanal seguro, o desenvolvimento, a realização do homem em seu caminho pelo mundo. Tudo isso não é alguma coisa que o marxismo murmura debilmente e oferece como opção; é um urgente "imperativo categórico" que brada dos lábios do seu fundador. O marxismo se propõe transformar o homem, o grande sol do Universo, em torno do qual tudo gravita.

Como pode uma filosofia arrogar-se um império sobre o homem? Como pode pretender ter prerrogativas que incidem sobre toda a dimensão humana, cujo santuário não se abria a não ser para a potestade da religião e da fé? A resposta é a seguinte: O marxismo é uma religião, uma religião do homem. Afirmá-lo não é imprudência nossa, mas declaração de Marx: "A religião dos trabalhadores é sem Deus, porque procura restaurar a divindade do homem".

Com razão disse Bochenski: "O conceito de valor absoluto do comunismo é um valor religioso. A dialética é o infinito e a infinita plenitude de valores. A atitude diante dela, e em conseqüência, ante o partido, é uma postura sacral..." Ignácio Leep, convertido do

marxismo, apresenta a mesma opinião a partir da sua própria experiência: "O marxismo não se contenta em combater as igrejas. Quer desempenhar, na vida social e na consciência do indivíduo, o papel que anteriormente se atribuía às religiões".

IV. OPÇÃO PELA DEMOCRACIA E PELA LIBERDADE

Dizer aqui que a Igreja é perseguida nos países comunistas, para alguns simpatizantes do marxismo, não passa de sensacionalismo e mentira veiculados pela imprensa ocidental, principalmente a imprensa norte-americana. Note, porém, que não eram jornalistas ocidentais que afirmavam haver perseguição por motivos religiosos na extinta União Soviética. Há mais de quinze anos o dissidente russo Alexander Solgnytzem, no seu famoso livro *Arquipélago Gulag,* descreve a Rússia como uma grande prisão. Anatoly Sharansky, outro dissidente russo, em depoimento no Congresso Americano em 1986, disse existir na época nada menos que quatrocentos mil prisioneiros na extinta União Soviética, por dissidência política ou por perseguição religiosa.

4.1. A DEMOCRACIA GARANTE A LIBERDADE DE CULTO

A garantia democrática da liberdade de culto não pertence à ordem das concessões, mas à dos reconhecimentos. E o reconhecimento, pelo Estado, de que o espírito se eleva às regiões do Infinito, regiões que se acham muito acima daquela em que vegetam os cobradores de impostos. Como disse Tomas Paine, um dos grandes propugnadores da liberdade americana, o Estado não tem autoridade alguma para determinar ou conceder ao homem a liberdade de adorar a Deus, assim como não poderia conceder a Deus a liberdade de aceitar essa adoração.

Por reconhecermos a dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, esperamos que o Estado assegure a seus cidadãos o direito de viver livres de toda e qualquer coação, ou acepção, em matéria de religião. Este e qualquer outro direito inerente à dignidade do homem devem ser cuidadosamente resguardados, porque, uma vez feridos, todas as liberdades sofrem agravo.

Toda interpretação da liberdade religiosa inclui o direito de render culto a Deus conforme a consciência individual, de criar os filhos na crença de seus pais; de mudar de religião, de publicar literatura e fazer obra missionária, de associar-se a outras pessoas, de adquirir e possuir bens de raiz para estes fins.

Para salvaguardar a ordem pública e fomentar o bem-estar do povo, tanto o Estado, ao reconhecer a liberdade religiosa, como o povo, no usufruto deste direito que se lhe reconhece, devem cumprir com obrigações recíprocas. O Estado deve proteger todos os grupos, tanto as minorias como as maiorias, jamais permitindo qualquer limitação

de direitos legais por motivos religiosos. O povo, por sua vez, deve exercer seus direitos sentindo plenamente sua responsabilidade e vivendo numa atitude de respeito aos direitos dos outros. Estas são peculiaridades exclusivas dos Estados democráticos.

4.2. Por que Preferir a Democracia

O povo brasileiro, principalmente o cristão, deve precaver-se diante do perigo de se deixar enfeitiçar pelo canto da sereia do comunismo. As soluções dos nossos problemas políticos e sociais não dependem da adoção do modelo político cubano em nosso país. Um modelo político que falhou em Cuba e que também fracassou na Nicarágua jamais terá melhor sorte no Brasil. Parte das soluções de nossos problemas sociais depende fundamentalmente do fortalecimento e aperfeiçoamento das instituições democráticas em nosso país.

A democracia é preferível ao marxismo comunista, por vários motivos, dentre os quais se destacam os seguintes:

1) O comunismo tem como bandeira a decisão de desarraigar o sentimento divino do coração dos homens, transformando homens como Marx, Lenin, Stalin, Fidel Castro, etc, em deuses.

2) O comunismo se propõe não apenas a abolir a fé e a crença em Deus, mas também persegue a Igreja, enquanto prega o ateís-mo como forma de religião do Estado.

3) A pretexto de distribuir a riqueza em parcelas iguais a todos, o que o comunismo tem feito mesmo é distribuir equitativamente a pobreza.

4) O comunismo anula a posse da propriedade privada, enquanto tolhe o sonho dos que nada têm de algum dia possuírem alguma coisa mais.

5) A tese do "Novo Homem" (do qual Che Guevara é apontado como modelo), propugnado pelo comunismo como resultado da manipulação feita pela dialética marxista e pelas lutas de classe, constitui-se num anti-evangelho, uma vez que, de acordo com a mensagem do Evangelho, o único meio através do qual o homem pode ser feito uma nova criatura é através da aceitação do senhorio de Jesus Cristo sobre sua vida (Jo 3.1-8).

4.3. Conclusão

O cristão deve opor-se ao marxismo comunista não do ponto de vista do capitalismo, seja ele de que linha for, mas do ponto de vista do Reino de Deus que, ao contrário do marxismo, prega o amor entre os homens, a compreensão e a solidariedade entre os povos, pontifica a necessidade da conversão do pecado a um estado de graça diante de Deus, e enfatiza o senhorio de Cristo e o governo divino sobre o homem e a História.

Como bem disse Rui Barbosa: "O comunismo não é fraternidade, é a invasão do ódio entre as classes. Não é reconciliação dos homens, é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho; bane Deus das almas e das reivindicações populares. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador".

12
O RACIONALISMO CRISTÃO

O Racionalismo Cristão é um movimento religioso de feições nitidamente sincretistas. Quanto à sua concepção, diz-se filosófico-cristão. Quanto às suas crenças, é uma mistura de espiritismo, humanismo e panteísmo. E, acima de tudo, hostil ao Cristianismo e à Bíblia.

I. O QUE É O RACIONALISMO CRISTÃO

Segundo o panfleto *O Que E o Racionalismo Cristão,* distribuído pela sede da entidade na cidade do Rio de Janeiro, "o Racionalismo Cristão trata do espiritualismo racional e científico e explica os porquês da vida, dentro da razão, da ciência, da filosofia e do bom senso. É a própria doutrina explanada por Cristo (daí o motivo de chamar-se Racionalismo Cristão)."

1.1. ORIGEM DO RACIONALISMO CRISTÃO

Crendo que essa concepção do homem, da vida e do Universo, é tão antiga quanto a própria existência da humanidade, os historiadores do Racionalismo Cristão dizem que este foi "re-implantado" na Terra em 1910, pelo brasileiro Luiz de Mattos, na cidade de Santos, Estado de São Paulo.

Com sede na cidade do Rio de Janeiro, o movimento possui templos e adeptos em outros grandes centros, como São Paulo e Campinas. Suas sessões públicas acontecem nas segundas, quartas e sextas-feiras, geralmente das 20 às 21 horas. Além das sessões normais noturnas, os templos racionalistas estão abertos de segunda a sexta-feira, inclusive feriados, para prestar orientação e esclarecimento doutrinário a quem interessar.

1.2. A QUE SE PROPÕE O RACIONALISMO CRISTÃO

A doutrina dita racionalista cristã alega ter como proposta e finalidade a espiritualização e a humanização dos povos, esclarecendo o ser humano sobre a vida fora da matéria e sobre sua composição astral e física, ou seja, como força e matéria (espírito e corpo).

A oposição do Racionalismo Cristão ao Cristianismo, e a qualquer outro sistema religioso organizado, é demonstrada no seguinte trecho extraído do folheto *O Que E o Racionalismo Cristão:*

"Vale salientar aqui alguns pontos fundamentais que distinguem e diferenciam o **Racionalismo Cristão** das seitas e religiões, bem como das demais correntes espiritualistas e do próprio espiritismo. O

principal deles, isto é, a sua concepção (nova para a maioria da humanidade) da composição do Universo e do homem, logo chama a atenção do observador e estudioso da doutrina. Assim, Força e Matéria são os dois únicos princípios fundamentais de que se compõe o Universo. A Força é o agente ativo, inteligente, transformador; a Matéria é o elemento passivo, inerte, plasmável, o qual é utilizado pela Força como condição ou meio para a sua evolução. Tudo no Universo está indissoluvelmente ligado à ação da Força sobre a Matéria, sendo esta ação permanente a própria definição da vida. A compreensão de Força e Matéria situa-se, pois, dentro da lógica dos fenômenos psíquicos divulgados pelo **Racionalismo Cristão.** E nestes dois princípios se resume e se explica toda a ciência, que é o conhecimento da Verdade."

O Racionalismo Cristão é a complicação e confusão do homem contrapondo-se à simplicidade da mensagem de Cristo e da Bíblia!

1.3. A DOUTRINA RACIONALISTA

A doutrina racionalista, dita cristã, se diz apenas uma filosofia de cunho exclusivamente espiritualista, sem nenhuma conotação de caráter religioso, místico e sobrenatural. Nega a existência de mistérios, a validade dos dogmas e a possibilidade da ocorrência de milagres, pois, segundo crêem os racionalistas, tudo no Universo, tudo na vida, tem explicação racional e científica. Tanto os fenômenos que obedecem às leis do plano físico, como os que obedecem às leis do plano psíquico, espiritual, e invisível, são exteriorizações da Força e se enquadram, igualmente, nas leis que regem o Universo. Logo, nada há de sobrenatural, mas simplesmente manifestações da Força, em suas numerosas aplicações. Desse modo, o que foge ao entendimento humano e mesmo à ciência, no plano terreno, torna-se compreensível em uma esfera mais elevada, onde a inteligência e a evolução dos seres está muito à frente da nossa.

A doutrina racionalista ensina ainda que quando a criatura chega à compreensão de que o espírito é força, luz, inteligência e poder, que dispõe de atributos para vencer racionalmente quaisquer situações, que faz parte integrante do Todo, como partícula da Força Universal, "caem por terra as idéias primitivas de um deus protetor, ilusório, corpóreo, irreal e fictício. Desaparecem as concepções de caráter divino, que trazem o espírito sob o jugo do sobrenatural do mistério e do milagre, compreendendo-se que a Verdade não está nessa concepção deísta, divinal, de sentido adoratório" (Do folheto *O Que É o Racionalismo Cristão).*



Templo racionalista na cidade do Rio de Janeiro

1.4. PROPAGAÇÃO DO RACIONALISMO CRISTÃO

Até onde nos é possível saber, o "Racionalismo Cristão", conforme concebido no Brasil, não chegou a atravessar as nossas fronteiras. Apesar disto, os seus adeptos aceitam como satisfatório o crescimento do movimento em nosso país.

A disseminação do Racionalismo Cristão se deve, basicamente, ao zeloso proselitismo levado a efeito por seus membros e à literatura que a entidade produz, destacando-se aqui dois livros, intitulados: *Racionalismo Cristão* e *A Vida Fora da Matéria.*

Apesar de alegarem clareza de linguagem, ausência de sofis-mas e subterfúgios, os escritos racionalistas são confusos e obscuros. São lidos, parece, pelo simples fato de o ser humano gostar de se ver envolvido com assuntos complicados.

1.5. As SESSÕES DE LIMPEZA PSÍQUICA

As chamadas "sessões de limpeza psíquica", mui comuns nos cultos racionalistas, são espécies de sessões de exorcismo. "Através destas, o Astral Superior arrebata para fora da atmosfera da Terra os espíritos perturbadores que assistem e obsedam os seres humanos, produzindo, com sua assistência maléfica e fluidos deletérios, doenças e outros males de ordem física, moral, espiritual e social.

"Tal ação benéfica de saneamento e higienização astral processa-se principalmente através do fenômeno psíquico do desdobramento. O trabalho das Forças Superiores feito deste modo, através do Racionalismo Cristão, com segurança e eficácia, é uma das revelações mais notáveis de que tem ciência o ser humano, no campo do psiquismo, e seus resultados são inegavelmente benéficos para a humanidade" *(O Que É o Racionalismo Cristão).*

II. ASPECTOS DA DOUTRINA RACIONALISTA

Já dissemos que o Racionalismo Cristão, apesar do complemento "Cristão", constitui-se num movimento religioso nitidamente anticristão e averso à Bíblia. As diferenças básicas entre o chamado Racionalismo Cristão e o Cristianismo são detectadas na crença racionalista acerca dos seguintes temas:

2.1. A BÍBLIA SAGRADA

O desprezo e desrespeito do Racionalismo Cristão pela Bíblia são revelados na seguinte manifestação racionalista:

"Na Bíblia, todos sabem, foram alterados diversos textos originais, com o fim de favorecer a um vantajoso sistema capaz de propiciar fundos suficientes para sustento das legiões que mantém.

"Somente a palavra 'perdão', habilmente introduzida naquele livro, tem proporcionado imensa, incalculada renda.

"Durante muitos séculos, as religiões propugnaram pela ignorância dos seres. Essa ignorância convinha aos interesses dos orientadores religiosos. Isto porque ricos e ignorantes sempre viveram às mil maravilhas com as seitas religiosas que introduziram na Bíblia este versículo repleto de malícia: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus'" *(Racionalismo Cristão,* p. 55).

Segundo a opinião do Racionalismo Cristão, conclui-se que a Bíblia Sagrada:

a. teve o seu texto interpolado e alterado para satisfazer interesses humanos;

b. é objeto de lucros financeiros por parte dos líderes religiosos que a usam como fonte doutrinária;

c. é usada como forma de manter os seus leitores na ignorância espiritual.

2.2. DEUS

A mesquinhez do conceito racionalista quanto ao Ser de Deus é evidente no seguinte raciocínio:

"Grupos afins se reúnem para adorar, de um certo modo, um certo deus. Cada povo, cada raça, criou a imagem desse deus à sua própria semelhança.

"Um chinês, por exemplo, jamais admitiria um deus com feições ocidentais, assim como um ocidental acharia absurda, e até ridícula, a idéia da divindade de rosto asiático.

"Os deuses possuem, invariavelmente, os caracteres físicos e mentais dos seres que os conceberam...

"Na Bíblia, no Velho Testamento — livro sagrado e intocável para tantos adoradores — existem várias referências ao deus de temperamento iracundo e vingativo da época.

"Esse vergonhoso sentimento, especialmente em um deus, nada mais é do que o reflexo do sentimento do próprio povo que o imaginou" *(Racionalismo Cristão,* pp. 50,51).

Segundo um documento racionalista," a expressão 'deus' acha-se profundamente desmoralizada pelo sentido mesquinho, materialista e animalizado que lhe emprestaram, através dos tempos, os adoradores e as religiões; e esteado nessa verdade básica da composição do Universo, o Racionalismo Cristão substituiu a palavra 'deus' por termos mais condizentes e adequados à realidade, tais como a Força Universal, a Inteligência Universal, a Força Criadora ou o Grande Foco, do qual fazemos parte integrante como partículas em evolução, possuindo, em estado latente, todos os atributos, poderes e dons dessa Força, dessa Inteligência Universal.

"O Grande Foco ou Força Universal ocupa todo o espaço infinito, não existindo um só ponto no Universo que não acuse a sua presença vital, inteligente e criadora. Assim, o Racionalismo Cristão, evidentemente, não admite a idéia de Deus como terceiro elemento no Universo, além da Força e Matéria" *(O Que É o Racionalismo Cristão).*

O Racionalismo Cristão cai no velho engano panteísta de confundir Deus com a Criação.

2.3. JESUS CRISTO

O Racionalismo Cristão reinterpreta a Pessoa e obra de Jesus Cristo, a princípio, dizendo que Ele não foi um "milagreiro", mas que apenas utilizou-se das leis naturais e imutáveis que regem o Universo.

Diz o Racionalismo que grandes espíritos movidos por ideais reformadores baixaram à Terra, encarnando, com enorme sacrifício, para ver se conseguiam a desbrutalização da mente humana, que se deixara empolgar pelo sentimento do gozo e dos prazeres apenas materiais.

Segundo o Racionalismo Cristão, esses valorosos espíritos, porém, além de não haverem sido compreendidos, acabaram divinizados pela massa ignorante, como aconteceu com Jesus, Buda, Confúcio e Maomé.

Na doutrina racionalista, Jesus Cristo perde a posição singular de Filho eterno de Deus, conforme documentam as Escrituras e crêem os cristãos, sendo reduzido à posição de um espírito valoroso e evoluído, ao nível de fundadores de religiões pagas como Buda, Confúcio e Maomé.

2.4. O HOMEM

Contestando a crença universal da criação do homem como obra de Deus, declara o racionalismo: "Não importa que estes, invertendo a realidade dos fatos, afirmem que foi Deus que criou o homem à sua imagem. A verdade é bem outra, e não é preciso ter grande imaginação

para descobrir o logro multissecular de que tem sido vítima a humanidade" *(Racionalismo Cristão,* p. 50).

Negando o relato bíblico da criação do homem, o racionalismo acolhe a absurda teoria espiritista da reencarnação. Deste modo, divide os espíritos desencarnados em trinta e três classes, espalhadas em mundos diferentes, dezessete delas no nosso planeta.

Distribuídos na série de trinta e três classes, de acordo com o grau de desenvolvimento de cada um, os espíritos fazem a sua evolução partindo da seguinte ordem de mundos:

a. mundos materializados — espíritos da 1ª à 5ª classe
b. mundos opacos — espíritos da 6ª à 11ª classe
c. mundos brancos — espíritos da 12ª à 17ª classe
d. mundos diáfanos — espíritos da 18ª à 25ª classe
e. mundos de luz puríssima — espíritos da 26ª à 33ª classe.

O mundo dividir-se-ia, ainda, em duas grandes categorias: mundo de estágio e mundo de escolaridade. Para o primeiro, iriam os espíritos que desencarnam e deixam a atmosfera da Terra, cada um ascendendo ao mundo correspondente à sua própria classe, pois neles não estagiam espíritos de classes diferentes.

Crê o Racionalismo que a Terra é um mundo de escolaridade em que as dezessete primeiras classes da série de trinta e três promovem a sua evolução, partindo da primeira e chegando à décima sétima em períodos que variam muito, de espírito para espírito, mas que se elevam, sempre, a milhares e milhares de anos.

2.5. O PECADO E O PERDÃO

O Racionalismo Cristão nega a realidade do pecado e a possibilidade do perdão, quando assevera:

"Quando o indivíduo se convencer de que se praticar o mal terá, inapelavelmente, de resgatá-lo, sem possibilidade de perdão; que numa encarnação se prepara para a encarnação seguinte; que esta será mais ou menos penosa consoante o uso que tenha feito do seu livre arbítrio, na prática do bem ou do mal; que as ações boas revertem em seu benefício e as más em seu prejuízo; que não pode contar com o auxílio de ninguém para libertá-lo das conseqüências das faltas que cometer e que terá de resgatar com ações elevadas — qualquer que seja o número de encarnações para isso necessárias — por certo pensará mais detidamente, antes de praticar um ato indigno.

"Os que sabem avaliar o peso da responsabilidade que arrastam com os próprios atos, fazem todo o possível para se firmarem nos ensinamentos reais que transmitem o conhecimento da Verdade, rompendo com as entorpecentes mentiras religiosas" *(Racionalismo Cristão,* p. 58).

O que a Bíblia considera pecado, primeiro como um estado herdado, e em segundo lugar como um ato resultante da escolha

pessoal, e a necessidade de arrependimento para confissão, o racionalismo considera fatos normais inevitáveis dentro do processo evolutivo do homem.

2.6. A SALVAÇÃO

Quanto à questão da salvação, escreve Luiz de Mattos, fundador do Racionalismo:

"Martelando a idéia da 'salvação' na mente da criança, vai-se essa fantasia impregnando no seu perispírito, até criar raízes profundas. Mais tarde, quando adulta, repete, maquinavelmente, o que se habituara a ouvir, sem querer submeter o caso ao raciocínio por sentir um desagradável choque entre o falso, por tanto tempo armazenado no subconsciente, e o verdadeiro, latente no sentido consciente.

"Além de absurdo, é o dogma da 'salvação' um estímulo ao comodismo. O trabalho, a luta que o ser humano precisa travar, o esforço a que se não pode deixar de entregar para conseguir a evolução espiritual e o progresso material, não são entendidos pelos sectaristas que melhor confiam na 'graça', nos 'favores', na proteção da suposta divindade, do que em tudo mais.

"Ainda mesmo que se trate de vadios, parasitas e malandros, isso não modifica a sua imunidade celestial se vierem ao mundo como eleitos de 'deus' e a salvo, portanto, das conseqüências dos pecados terrenos. De qualquer maneira, não estão aí os representantes da divindade para conceder aos delinqüentes as absolvições e, com elas, o passaporte para o céu?" *(Racionalismo Cristão,* pp. 139,140).

2.7. O Juízo FINAL

O Racionalismo Cristão ab-roga a possibilidade do juízo final propugnado pelas Escrituras como uma coisa só concebida por uma mentalidade atrofiada.

Quanto a isto, pontifica o racionalismo: "Céus beatíficos e paradisíacos, purgatórios estagiários e infernos e demônios e caldeiras incandescentes são imaginosas criações que o próprio bom senso repele. O mesmo acontece com relação a um suposto julgamento divino. E pura invencionice. Não existem deuses para julgar os que desencarnam" *(Racionalismo Cristão,* p. 104).

O Racionalismo Cristão admite possuir uma vocação messiânica e exclusivista. Admite estar engajado na nobre e árdua tarefa de esclarecer, despertar e transformar as consciências do século XXI. Diz esposar uma doutrina revolucionária, no sentido moral e espiritual, de caráter essencialmente racional e científico, condizente com a evolução dos tempos, capaz de pregar e conduzir, com segurança, uma nova humanidade pelos caminhos do futuro, da supercivilização do próximo milênio. Civilização esta esteada no avanço da ciência e da tecnologia, mas esclarecida e humanizada pela filosofia espiritualista, baseada em

Força e Matéria.

O Racionalismo Cristão diz que, em obediência ainda às leis evolutivas que a tudo presidem, tendo passado pelas fases de implantação e consolidação, está agora iniciando uma nova etapa de expansão e divulgação. E nesta conjuntura, diz constituir-se mais do que nunca, em mensagem e veemente apelo dirigido às criaturas espiritualmente independentes e livres. De modo especial aos jovens e à infância, porque deles depende, evidentemente, o futuro da humanidade. "Sobretudo, por serem espíritos de evolução adiantada e ávidos de saber, mais susceptíveis, nessa idade, de se desfazerem e se libertarem, à luz da razão, de seculares erros, preconceitos, crenças e crendices, fanatismos e sectarismos religiosos, enfim de todas as místicas, aceitando as verdades transmitidas e explanadas pelo Racionalismo Cristão" *(O Que E o Racionalismo Cristão).*

III. O RACIONALISMO CRISTÃO DESMASCARADO

As teorias do Racionalismo Cristão, com feições inequivocadamente tupiniquins, são demasiadamente frágeis. Eivadas de erros como são, são incapazes de suportar uma contra-argumentação da Bíblia, da fé e mesmo da razão. Para provar isto, vamos alinhar a nossa refutação às teorias racionalistas, tomando os mesmos temas na ordem em que foram abordados anteriormente.

3.1. A BÍBLIA SAGRADA

O Racionalismo diz que a Bíblia está cheia de erros, que ela nada tem a ver com o livro sagrado que diz ser, porém, é incapaz de provar teológica e cientificamente onde está sequer um erro das Escrituras.

Independentemente do arrazoado dos racionalistas, toda a Bíblia "é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17).

Vozes autorizadas de grandes mestres das letras levantam-se em defesa da Bíblia como um livro singular. Dentre esses destacam-se:

Pedro Calmom, magnífico Reitor da antiga Universidade do Brasil: "Livro dos livros, a Bíblia é o fundamento de uma cultura que se fez com a palavra — no princípio era o verbo — a promessa, a divina promessa da justiça, que pacifica os homens; que os incorpora na sociedade; que lhes abre as portas da sobrevivência. Alicerce de uma civilização eminentemente moral, a Bíblia é o eterno documento do espírito, mensagem de comunhão do homem com Deus".

Coelho Neto, polígrafo — homem de fé: "O livro de minha alma, a Bíblia, não o encerro na biblioteca entre os livros de meus estudos. Conservo-a sempre à minha cabeceira, à mão. E dela que tiro a água para a minha sede da verdade; é dela que tiro o bálsamo para as minhas dores nas horas de agonia. E vaso em que cresce a verdade.

Nela vejo sempre a verde esperança abrindo-se na flor celestial, que é a fé. Eis o livro que é a valise com que ando em peregrinação pelo mundo".

J.J. Rousseau, filósofo francês: "Eu confesso que a majestade das Escrituras Sagradas me abisma, e a santidade do Evangelho enche o meu coração. Os livros dos filósofos com toda a sua pompa, quanto são pequenos à vista deste! Pode-se crer que um livro tão sublime e, às vezes, tão simples, seja obra dos homens?!"

Erasmo Braga, teólogo: "Considerando a Bíblia pelo seu aspecto literário, não se compreende como intelectuais podem permanecer indiferentes à grande fonte em que se abeberaram os que fizeram a nossa literatura — eminentemente bíblica —, e deram maciez, tom suave, e caminho ao nosso meigo idioma. Como se pode ler Bernard, Frei Luiz, e Vieira, e não possuir o veio de onde lhes saiu o ouro de lei — Deus?"

Tobias Barreto, escritor: "A Bíblia é um modelo de tudo quanto é bom e belo, e, se outras razões não determinassem sua leitura, bastaria o gosto, o simples instinto literário, para levar-nos a folhear, a admirar as palavras sublimes, as lavras petrificadas que brotaram daquelas bocas abrasadas como crateras do céu".

Victor Hugo, escritor francês: "Há um livro que, desde a primeira letra até a última, é uma emanação superior; um livro que contém toda a sabedoria divina, um livro que a sabedoria dos povos chamou de Bíblia. Espalhai evangelhos em cada aldeia: uma Bíblia em cada casa!"

César Cantu, historiógrafo: "A Bíblia é o livro de todos os povos, de todos os séculos, e para todas as idades".

Werner Keller, arqueólogo, autor do laureado livro *E a Bíblia Tinha Razão...,* nos dois últimos parágrafos da introdução ao citado livro, escreve: "Nenhum livro de história da humanidade jamais produziu um efeito tão revolucionário, exerceu uma influência tão decisiva no desenvolvimento de todo o mundo ocidental e teve uma difusão tão universal como o 'Livro dos livros", a Bíblia. Ela está hoje traduzida em mil cento e vinte línguas e dialetos e, após dois mil anos, ainda não dá qualquer sinal de que haja terminado a sua triunfal carreira.

"Durante a coleta e o estudo do material, que de modo algum pretendo seja completo, ocorreu-me a idéia de que era tempo de os leitores da Bíblia e seus opositores, os crentes e os incrédulos, participarem das emocionantes descobertas realizadas pela sóbria ciência de múltiplas disciplinas. Diante da enorme quantidade de resultados de pesquisas autênticas e seguras, convenci-me, apesar da opinião da crítica cética, de que desde o século do Iluminismo até os nossos dias tentava-se diminuir o valor documentário da Bíblia, do que a Bíblia tinha razão!"

Todos estes testemunhos corroboram com a declaração dos Gideões Internacionais na apresentação do seu Novo Testamento de bolso, segundo a qual, a Bíblia contém a mente de Deus, a condição do homem, o caminho da salvação, a condenação dos pecadores e a felicidade dos crentes. Suas doutrinas são santas, seus preceitos são justos, suas histórias verdadeiras e suas decisões imutáveis.

Leitor, leia-a para ser sábio, creia nela para estar seguro e pratique o que nela está escrito, para ser santo. Ela contém luz para dirigi-lo, alimento para sustê-lo, e consolo para animá-lo.

A Bíblia é o mapa do viajor, o cajado do peregrino, a bússola do piloto, a espada do soldado e o mapa do cristão. Por ela o Paraíso é restaurado, os céus abertos e as portas do inferno descobertas.

Cristo é o seu grande tema, e a glória de Deus a sua finalidade. A Bíblia deve encher a mente, governar o coração e guiar os nossos pés.

Leia-a leitor, lenta e freqüentemente, e em oração. É uma mina de riqueza, um paraíso de glória e um rio de prazer. É-lhe dada em vida, será aberta no dia do julgamento e lembrada para sempre. Ela envolve a mais alta responsabilidade, recompensará o mais árduo labor e condenará a todos quantos menosprezam seu sagrado conteúdo.

3.2. DEUS

O Racionalismo Cristão nega a existência de Deus como revela a Bíblia, para esposar a crença em um deus impessoal. Chega às raias do absurdo panteísta de ensinar que, no Universo, Deus é tudo e tudo é Deus. Isto é, Deus é não só parte do Universo, Ele se confunde com o próprio Universo.

Apesar de o racionalismo negar a existência de Deus como um Ser pessoal, distinto da Criação, são muitos os argumentos racionais, além dos elementos oferecidos pela Bíblia, a favor da existência de Deus. Dentre esses destacam-se os seguintes:

3.2.1. O ARGUMENTO ONTOLOGICO

O argumento ontológico tem sido apresentado de diversas formas por diferentes pensadores. Em sua mais refinada forma, foi apresentado por Anselmo, teólogo e filósofo agostinista italiano. Seu argumento é que o homem tem imanente em si a idéia de um ser absolutamente perfeito e, por conseguinte, deve existir um Ser absolutamente perfeito. Este argumento admite que existe na mente do próprio homem o conhecimento básico da existência de Deus, posto lá pelo próprio Criador.

3.2.2. O ARGUMENTO COSMOLOGICO

Este argumento tem sido apresentado de várias formas. Em geral encerra a idéia de que tudo o que existe no mundo deve ter uma causa

primária ou razão de ser. Emanuel Kant, filósofo alemão, indicou que se tudo que existe tem uma razão de ser, isto deve ter um ponto de origem em Deus. Assim sendo, deve haver um Agente único que equilibra e harmoniza em si todas as coisas.

3.2.3. O ARGUMENTO TELEOLÓGICO

Este argumento é praticamente uma extensão do anterior. Ele mostra que o mundo, ao ser considerado sob qualquer aspecto, revela inteligência, ordem e propósito, denotando assim a existência de um ser sumamente sábio. Por exemplo, o homem, para viver, consome o ar, do qual retira todo o oxigênio, resultando disso o dióxido de carbono, inútil ao ser humano. As plantas, por sua vez, consomem o dióxido como elemento essencial, e produzem daí o oxigênio, que será novamente consumido pelo homem.

3.2.4. O ARGUMENTO MORAL

Este, como os outros argumentos, também tem diversas formas de expressão. Kant partiu do raciocínio que deduz a existência de um Supremo Legislador e Juiz, com absoluto direito de governar e corrigir o homem. Esse filósofo era da opinião de que este argumento era superior a todos os demais. No seu intuito de provar a existência de Deus, ele recorria a este argumento. A teologia moderna utiliza este mesmo argumento, afirmando que o reconhecimento por parte do homem de um Bem Supremo e do seu anseio por uma moral superior indicam a existência de um Deus que pode converter esse ideal em realidade.

3.2.5. O ARGUMENTO HISTÓRICO

A exposição principal deste argumento é a seguinte: entre todos os povos e tribos da Terra é comum a evidência de que o homem é potencialmente religioso. Sendo universal este fenômeno, deve ser parte constitutiva da natureza do homem. E se a natureza do homem tende à prática religiosa, isto só encontra explicação em um Ser superior que originou uma natureza tal que sempre indica ao homem um Ser superior. É aqui que milhões, inclusive os racionalistas, por ignorarem o único e verdadeiro Deus, enveredam pelo caminho das heresias. É o anseio da alma na busca do Criador que ignoram, por ter dEle se afastado.

A Bíblia registra vários nomes referentes a Deus, mas jamais o designa como: Inteligência Universal, Força Criadora ou Grande Foco, como presunçosamente faz o Racionalismo Cristão.

3.3. JESUS CRISTO

A Bíblia diz que "ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o

quiser revelar" (Mt 11.27). Ora, uma vez que o Racionalismo Cristão ignora a Deus, o Pai, como esperar que conheçam a Deus, o Filho e zelem pelo seu Santo Nome?

Conhecer a Jesus como o Cristo, o Filho enviado de Deus, é uma prerrogativa exclusiva daqueles que, a exemplo do apóstolo Pedro, foram iluminados pelo Espírito Santo (Mt 16.16,17).

Jesus Cristo é o personagem principal da História Universal. A humanidade não pode esquecer-se de Cristo enquanto se lembrar da História, pois a História é a História de Cristo. Omiti-lo seria como omitir da astronomia as estrelas ou da botânica as flores. Como apropriadamente afirma Bushnell: "Seria mais fácil separar todos os raios de luz que atravessam o espaço e deles remover uma das cores primárias, do que retirar do mundo o caráter de Jesus".

Um autor desconhecido escreveu que poderá haver outro Homero, ou outro Virgílio, ou outro Dante, ou outro Milton, mas jamais haverá outro Jesus. Sejam quais forem as surpresas que possam estar reservadas para o mundo, Jesus jamais será ultrapassado ou superado. Ele é o alvo de toda a bondade, o ápice de todo o pensamento, a coroa de todo o caráter e a perfeição de toda a beleza. Ele é a encarnação de toda a ternura, a focalização do vigor, a manifestação da força, a personificação do poder, a concentração do caráter, a materialização do pensamento e a ilustração viva de toda a verdade. Ele é a profecia da possibilidade do homem.

Olhamos para Ele e vemos nEle a realização de todas as expectativas humanas: um líder maior que Moisés, um sacerdote maior que Arão, um rei maior que Davi, um comandante maior que Josué, um filósofo maior que Salomão e um profeta maior que Elias. Ele anda como um homem. Fala como Deus. Suas palavras são oráculos. Seus atos, milagres. A coroa da divindade repousa em sua fronte. O cetro do domínio universal está firme em sua mão; o brilho da eternidade, em seus olhos. A retidão eterna está escrita em sua face; o sorriso de Jeová transforma sua aparência.

Ele é a imagem expressa de seu Pai. As crianças se agrupam aos seus pés. Em sua fronte está a coroa da pureza. Os ventos lhe obedecem. Um olhar seu e as águas cristalinas se transformam em vinho cor de âmbar. Os mortos esquecem-se de si mesmos e vivem. Os coxos pulam de alegria. Ouvidos que nunca ouviram anseiam pelo próprio som de sua voz e olhos sem visão negam seu passado e descerram suas palpebras abatidas para a beleza de sua presença. A dor se desvanece sob seu toque.

Todas as bênçãos espirituais, por meio das quais a Igreja é enriquecida, estão em Cristo e são concedidas por Cristo. Nossa redenção e remissão de pecados são ambas mediante Ele. Todas as transações graciosas entre Deus e seu povo realizam-se através de Cristo. Deus nos ama por meio de Cristo. Ele ouve as nossas orações

mediante Cristo. Ele nos perdoa todos os pecados por meio de Cristo.

Mediante Cristo Ele nos justifica, santifica, sustem e aperfeiçoa. Todas as suas relações conosco são por meio de Cristo; tudo o que temos vem de Cristo; tudo o que esperamos ter, depende dEle. Cristo é a dobradiça dourada sobre a qual gira a nossa salvação.

O nome de Cristo permanece sozinho. Deus lhe deu um nome que está acima de todo nome. Nenhum credo pode contê-lo, nenhum catecismo pode explicá-lo. A Ele, pois, seja a glória, o domínio e o poder para todo o sempre.

3.4. O HOMEM

A crença racionalista quanto à origem do homem constitui-se declarado desrespeito às Escrituras e afronta à mente inteligente. Suas teorias, seja quanto à reencarnação, seja quanto à evolução, já foram refutadas na análise das doutrinas do espiritismo e do evolucionismo.

O duplo relato da criação do homem (Gn 1.26,27; 2.7) leva os estudiosos do assunto às seguintes conclusões irrefutáveis:

1) A criação do homem foi precedida por um solene conselho divino: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26).

2) A criação do homem é um ato imediato de Deus: "E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra. E assim foi... E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus" (Gn 1.11,20). Compare estas declarações com a que se segue: "... criou Deus o homem..." (Gn 1.27). Não há aqui qualquer idéia de mediação na criação do homem.

3) O homem foi criado segundo um tipo divino: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gn 1.26).

4) Os elementos da natureza humana se distinguem: "E formou o Senhor Deus o homem... e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7).

5) O homem foi feito coroa da criação divina: "Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coro-aste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés" (SI 8.5,6).

Deus, e não o homem, é o responsável pela criação, sustentação e futuro da humanidade.

3.5. O PECADO E O PERDÃO

Assim como a simples negação de uma moléstia não cura um doente, a simples negação da realidade do pecado e da necessidade de perdão não resolvem o problema espiritual do homem.

Creia ou não o Racionalismo Cristão, "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23). E ainda: Cristo "nos

mandou pregar ao povo, e testificar que Ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos. A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome" (At 10.42,43).

A própria história das religiões pagas testifica da universalidade do pecado. A pergunta de Jó 25.4: "Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce de mulher?" é uma pergunta feita tanto por aqueles que conhecem a revelação especial de Deus, como por aqueles que a ignoram.

Quase todas as religiões dão testemunho de um conhecimento universal do pecado e da necessidade de reconciliação com um Ser superior. Há um sentimento geral de que os deuses estão ofendidos e de que algo deve ser feito para apaziguá-los. A voz da consciência acusa o homem diante do seu fracasso em alcançar o ideal da vida perfeita, dizendo que ele está condenado aos olhos de alguém que possui um poder superior.

Os altares banhados de sangue e as freqüentes confissões de agravo, feitos por pessoas que buscam livrar-se do mal, apontam em conjunto para o conhecimento do pecado e da sua gravidade. Onde quer que os missionários cristãos se encontrem, apodera-se deles a certeza de que o pecado é um flagelo universal para a humanidade.

Os mais antigos filósofos gregos, na sua luta contra o problema do mal, foram levados a admitir a universalidade do pecado, ainda que incapazes de explicar esse fenômeno.

A maior prova em favor da universalidade do pecado é a própria obra realizada por Cristo na cruz, que no seu escopo apresenta-se como uma obra de alcance universal, e como remédio único para a doença espiritual de toda a criatura.

Compreendendo a realidade do pecado e a necessidade do perdão, é simplesmente impossível negar a possibilidade de salvação oferecida por Cristo, e o julgamento divino dos ímpios e de todas as gentes que se esquecem de Deus (SI 9.17).

Enoque incluiu os racionalistas, quando, falando acerca do iminente juízo de Deus, disse: "Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele. Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse" (Jd vv. 14-16).

13
A MAÇONARIA

A Maçonaria é um assunto sobre o qual praticamente todas as pessoas gostariam de ler, mas sobre o qual pouquíssimas têm a coragem de escrever e comentar abertamente. Um misto de verdade e mitos sobre a Maçonaria tem feito surgir grande inquietação entre os não-maçons. Algo como uma presença temficante permeia a alma do não-maçom que se aventura a estudar e questionar a Maçonaria.

Apesar de tudo isso, tomei a decisão de escrever este capítulo sobre a Maçonaria, e o fiz partindo de dois princípios: 1) Se a Maçonaria arroga a si o direito e o poder de impor medo às pessoas, não merece o respeito dos não-maçons, e 2) se a Maçonaria busca o respeito dos não-maçons, então não tenho por que temê-la. Nada mais lógico, não acha?

Abordarei a Maçonaria estritamente do ponto de vista das Escrituras, e à luz da questão da legitimidade ou não do cristão filiar-se a essa entidade.

I. O QUE É A MAÇONARIA?

A Maçonaria é uma sociedade secreta e ritualística, incluindo em sua filosofia a auto-salvação do homem. É paga quando analisada à luz das Escrituras Sagradas. Ainda que não seja uma igreja como conhecemos, constitui-se num movimento religioso e sincretista.

1.1. RESUMO HISTÓRICO DA MAÇONARIA

Alguns historiadores afirmam provir a Maçonaria dos antigos mistérios pagãos religiosos do velho Egito e da antiga Grécia. Outros admitem que ela tenha se originado por ocasião da construção do templo de Jerusalém, no reinado de Salomão, rei dos israelitas (1082-975 a.C), e apontam como fundador, Hiram Abif, suposta arquiteto do citado templo.

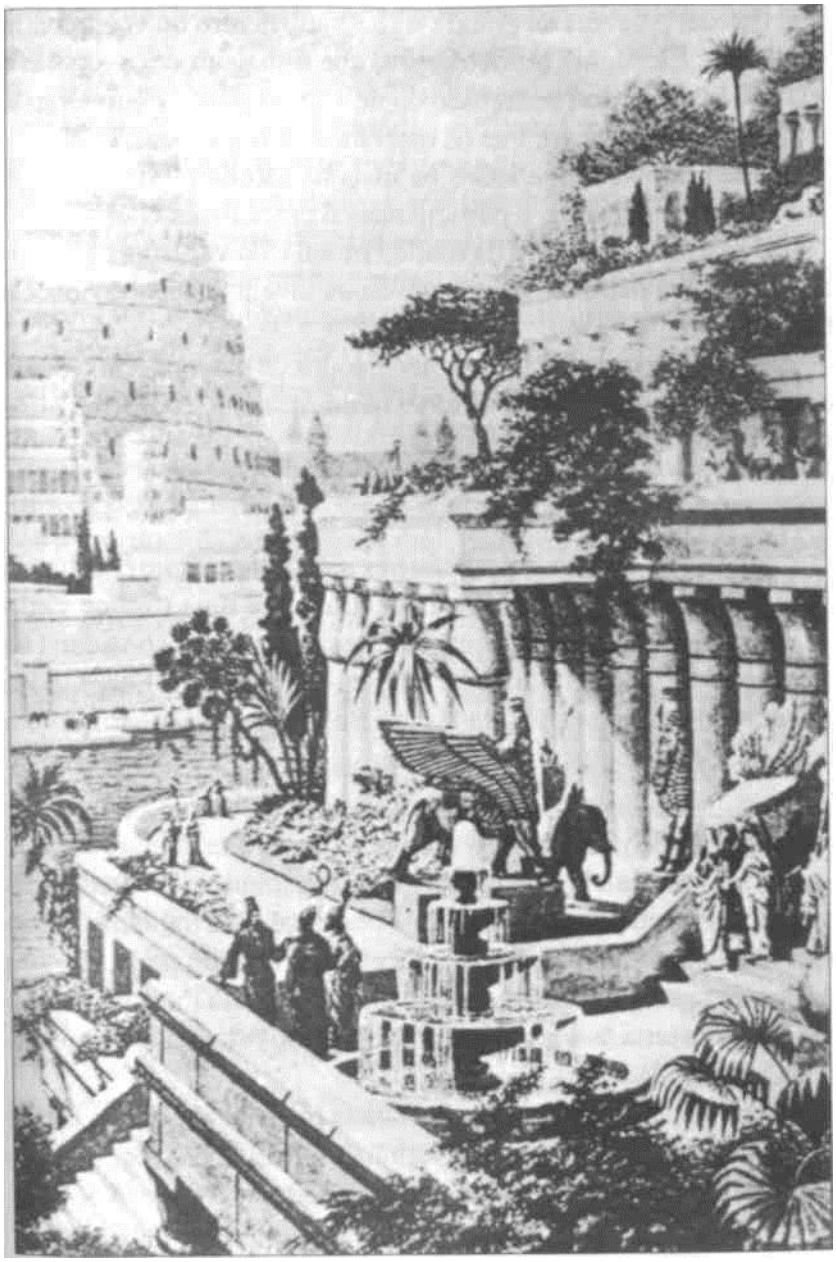
A maioria dos escritores maçons, porém, é de opinião que a Maçonaria deve sua origem e existência a uma confraria de pedreiros, criada por Numa, em 715 a.C, que viajava pela Europa e mais tarde construiu basílicas. Com o passar dos tempos, porém, essa sociedade perdeu o seu caráter primitivo e muitas pessoas estranhas à arquitetura nela foram admitidas.

1.2. SÍMBOLOS DA MAÇONARIA

Apesar da aceitação de pessoas estranhas à arquitetura na

Maçonaria, instrumentos da arte de construir foram conservados como símbolos, dentro da entidade. Entre os instrumentos da simbologia maçônica, destacam-se: o compasso, a régua, o esquadro, o nível, o prumo, o escopo, o malhete, a alavanca e tantos outros usados pelos mestres da arquitetura.

O esquadro significa a necessidade de o maçom afastar-se de tudo aquilo cujo nível esteja em desacordo com a Sabedoria, Força e Beleza, palavras de grande significado dentro do vocabulário maçônico. Ele significa, outrossim, que o maçom deve regular a sua conduta e ações, sobretudo como tributo ao supremo Grande Arquiteto do Universo, que os maçons dizem ser Deus.



A Maçonaria atribui as suas origens aos antigos ritos da Babilônia

O nível ensina que todos os maçons são da mesma origem,

ramos de um só tronco e participantes da mesma essência.

O prumo é o critério da retidão moral e da verdade, que ensina o maçom a marchar, desviando-se da inveja, da perversidade e da injustiça.

Segundo a orientação maçônica, todos os maçons têm o dever de ensinar e praticar essas virtudes, e outras mais, conforme a orientação dos mestres da Maçonaria.

1.3. A TRILOGIA MAÇÔNICA

Sabedoria, Força e Beleza são três palavras de efeito cabalístico no vocabulário maçônico. Formam como que uma tríplice virtude. Segundo esta trilogia, o maçom precisa levar em consideração a Sabedoria, para conduzi-lo em seus projetos; a Força, para sustentá-lo em suas dificuldades; e a Beleza, para revelar a delicadeza dos sentimentos nobres e fraternais do verdadeiro maçom.

1.4. OBJETIVOS DA MAÇONARIA

A Maçonaria alega ter como objetivo a busca da Verdade, o estudo da Moral e da Solidariedade Fraternal. Diz trabalhar para o aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, a fim de que os seus componentes sejam mais felizes ou menos sofredores, graças a uma maior compreensão mútua, pela prática constante da Fraternidade.

Tem por princípio a tolerância e o respeito recíprocos, sem impor dogmas ou exigir subserviência espiritual, concedendo aos seus adeptos amplo direito de pensar e discutir livremente. Considera as concepções metafísicas como sendo de domínio exclusivo da apreciação individual dos seus membros, não admitindo afirmações dogmáticas que não possam ser debatidas racionalmente.

Tem por divisa "Liberdade", "Igualdade" e "Fraternidade", e por lema "Justiça" — "Verdade" e "Trabalho". Os seus componentes devem esforçar-se para se aprimorarem espiritualmente, devotando-se à prática do bem, sem ostentação; não por vaidade, e sim como imperioso dever de solidariedade humana. Auxiliar o próximo não é um favor e sim o cumprimento de um dever. O maçom trai o seu juramento quando perde uma oportunidade de praticar o bem. O que para muitos "profanos" é um ato meritório, para o maçom é um dever imperioso, sagrado.

A Maçonaria considera seu principal dever estender a toda a humanidade os laços fraternais que unem os maçons dos diversos ritos dispersos pela superfície do Globo. Recomenda aos seus adeptos a propaganda pela palavra oral, pela escrita e pelo exemplo de seus ensinamentos, sem distinção de raça, nacionalidade ou religião. O essencial é que o homem creia; que acredite em um Ser Supremo. Se o indivíduo é ateu, é um descrente; cumpre ao maçom mostrar-lhe o

caminho da crença, fazer-lhe ver que não podemos viver sem ter confiança, sem acreditar em um Ser Supremo, Deus, um Deus bondoso, perfeito, justiceiro, que sabe perdoar.

Os maçons têm por dever, em todas as circunstâncias da vida, ajudar, esclarecer e proteger os seus irmãos, defendendo-os contra as injustiças dos homens. Embora haja vários ritos na Maçonaria, um maçom deve tratar fraternalmente outro maçom como irmãos que são, sem procurar inteirar-se do seu rito, ou da obediência a que pertence. Considera o trabalho como um dos deveres essenciais do homem honrado, tanto o manual como o intelectual.

II. INICIAÇÃO MAÇÔNICA

Não é maçom quem quer e sim quem pode ser.

"O maçom é obrigado por seu caráter a obedecer à lei moral e, se devidamente compreende a Arte, não será jamais um estúpido ateu nem um libertino religioso. Embora nos tempos antigos os

maçons fossem obrigados a pertencer à religião dominante no seu país, qualquer que fosse ela, considera-se hoje muito mais conveniente obrigá-los a professar apenas a religião que todo homem aceita, deixando cada um livre em suas opiniões individuais, isto é, devem ser homens probos e retos, de honra e honradez, qualquer que seja o credo ou denominação que os distinga." (Da Constituição de 1723, feita por Anderson.)

2.1. O CANDIDATO A MAÇOM

No seu livro *O Que E a Maçonaria,* diz A. Tenório d'Albuquerque: "A Maçonaria só deve admitir em seu seio quem é livre e de bons costumes, quem dispõe de recursos financeiros e tem qualidades morais consideráveis e um grau de instrução que lhe permita compreender, interpretar as belezas incomparáveis que a Maçonaria apresenta, os seus elevados fins humanitários e o seu simbolismo."

2.2. A PROPOSTA DE FILIAÇÃO

O candidato, em linguagem maçônica denominado *profano,* assina uma proposta de filiação à Maçonaria. O proponente é o *padrinho.*

Na proposta, o profano é obrigado a declarar quanto ganha mensalmente, nome, profissão, estado civil, grau de instrução, residência, procedência, etc. Haverá casos em que será exigida a apresentação de atestado de bons antecedentes fornecido pela autoridade competente.

Recebida a proposta, três maçons são indicados, pelo Venerá-vel (Presidente) da Loja, para fazer sindicância em torno da vida do profano. Essas indicações devem ser feitas sigilosamente e sem que um saiba quais os outros indicados. Cada um recebe uma folha de

sindicância, já impressa, com um questionário sobre a vida do profano. A sindicância deve ser feita com o maior rigor possível, investigando-se os antecedentes do candidato, os seus hábitos, se tem vícios, o conceito em que é tido na sociedade, o seu grau de instrução, se tem algum defeito fisico incompatível com a Maçonaria.



A constrangedora situação em que fica o "neófito" em busca de "luz" na Maçonaria

É um meio de selecionar os elementos, de não permitir o ingresso na Maçonaria de pessoas destituídas de condições imprescindíveis.

Como se vê, não é maçom quem deseja e sim quem pode ser, isto é, quem dispõe de certa soma de requisitos morais, intelectuais e financeiros.

2.3. O Processo de Iniciação

Uma vez satisfeitas as exigências pelo pretendente a maçom, é marcada a cerimônia de iniciação do candidato.

O "profano" começa por ser introduzido a um lugar retirado em que deve despojar-se de todos os objetos de metal: dinheiro, decorações, armas, jóias, etc. Levam-no, em seguida, para uma sala isolada, chamada "Câmara de Reflexão". É um lugar sinistro. As paredes são completamente negras e, como decoração, apresentam esqueletos, cabeças de mortos e lágrimas como as que se vêem nas cortinas funerárias. Vêem-se, também, uma foice, um galo e uma ampulheta, todos de grande significado dentro da Maçonaria.

Na parede estão gravadas reflexões solenes, dentre as quais se destaca a seguinte: "Se perseveras, serás purificado pelos Elementos; sairás do abismo das trevas e verás a Luz".

A pessoa que conduziu o neófito à sala de reflexão tira-lhe a venda dos olhos e diz: "Breve passareis para uma vida nova... Respondei por escrito às questões que vos são apresentadas e fazei o vosso testamento".

Este testamento não é a disposição de seus bens depois de sua morte, mas um testamento filosófico, no qual ele renuncia sua vida passada; é um ato pelo qual se dispõe a outras concepções, a uma vida que se harmoniza com os dados novos.

Prosseguindo a cerimônia de iniciação, o neófito é levado a despojar-se de uma parte de suas vestimentas. A perna de sua calça é erguida alto do lado direito e a meia abaixada de maneira que o joelho direito esteja descoberto. O pé esquerdo está completamente descalço. O braço esquerdo e o peito desnudo. O profano tem novamente os olhos vendados e é conduzido para a porta da Loja que está fechada. Vai em busca da Luz.

Apresentam ao neófito um malhete, com o qual dá três rápidas pancadas na porta. Com as pancadas a porta se abre, mas o profano é detido pelo Guarda do Templo, que só lhe permite a entrada quando o irmão que o conduz lhe faz a apresentação: "É um profano em estado de cegueira, que deseja ser indicado nos Augustos Mistérios da Maçonaria".

O candidato se aproxima da mesa do Venerável Mestre, que o convida a refletir novamente sobre a gravidade do passo que pretende dar, e insta para que se retire, se ainda não possui suficiente decisão; se o profano insiste em ser recebido, o Venerável Mestre ordena-lhe que se ajoelhe e pronuncia uma oração.

2.4. Os Juramentos

Dependendo do rito em que o neófito está sendo iniciado (seja o Escocês, Adoniramita, ou Francês), ele será levado a fazer juramentos.

2.4.1. RITO ESCOCÊS

O neófito tem o joelho direito em terra, os olhos vendados, a mão esquerda sobre o coração, a direita sobre a Bíblia, a espada, o compasso e a esquadria. A um golpe de malhete todos os presentes ficam em pé e o neófito repete o seguinte juramento:

"Eu, E, juro e prometo, de minha livre e espontânea vontade, sem constrangimento ou coação, sob minha honra e segundo os preceitos de minha religião, em presença do Sup.: Arq.: do Univ.: que é Deus, e perante esta assembléia de MMaç.: solene e sinceramente jamais revelar os mistérios, símbolos ou alegorias que me forem explicados e que me forem confiados, senão a um Maç.: regular ou em Loj.: regularmente constituída, não podendo revelá-los a prof.: nem mesmo a MMaç.: irregulares, e de nunca os escrever, gravar, bordar ou imprimir, ou empregar outro qualquer meio idêntico, pelo qual possam ser conhecidos; de cumprir todos os deveres impostos pela Maçon.: com minha pessoa e bens: de respeitar as mulheres, filhas, mães ou irmãs de Maçons; de reconhecer como de fato reconheço, por único chefe da Ordem, no Brasil, o Supr.: Cons.: do Gr.: Or.: brasileiro, ao qual guardarei inteira e fiel obediência, bem como aos Deleg.: e a todos os atos dele emanados direta ou indiretamente. Se eu faltar a este juramento, ainda mesmo com medo da morte, desde o momento em que cometa tal crime, seja declarado infame sacrílego para com Deus e desonrado para com os homens. Amém. — Amém. — Amem".

2.4.2. RITO ADONIRAMITA

Neste rito, no momento em que o neófito vai prestar seu juramento, o Venerável brada: "Irmão sacrificador, apresente ao profano a taça sagrada, tão fatal aos perjuros".

O neófito bebe um gole e o Venerável dita o seguinte juramento:

"Juro guardar o silêncio mais profundo sobre todas as provas a que for exposta minha coragem. Se eu for perjuro e trair meus deveres... consinto que a doçura desta bebida se converta em amargor e o seu efeito salutar em mortal veneno".

2.4.3. RITO FRANCÊS

Neste rito o neófito profere o seguinte juramento, de joelhos, por duas vezes:

"Juro e prometo sobre os estatutos gerais da Ordem e sobre esta espada, símbolo de honra, etc, etc. Consinto, se eu vier a perjurar, que o pescoço me seja cortado, o coração e as entranhas arrancadas, o meu corpo queimado, reduzido a cinzas, e minhas cinzas lançadas ao vento, e que a minha memória fique em execração entre todos os MM.: O Gr.: Arq.: do Univ.: me ajude!"

III. MAÇONARIA E RELIGIÃO

Muito se tem perguntado: Será a Maçonaria simplesmente uma associação beneficente formada por homens de bem, ou é ela mais uma religião disfarçada?

3.1. A MAÇONARIA É RELIGIÃO

Que a Maçonaria é religião, dão provas os seus escritores e grandes mestres. Atente para as seguintes asseverações:

• "A Maçonaria não é, pois, uma simples instituição filantrópica e social: é uma ciência, uma filosofia, um sistema moral, uma religião" *(Estudos Sobre a Maçonaria Americana,* p. 25, A. Preuss).

• "Filha da ciência e mãe da caridade, fossem todas as instituições como tu, ó Santa Maçonaria, e os povos viveriam numa idade de ouro. Satanás não teria mais o que fazer na Terra e Deus teria em cada homem um eleito" *(A Maçonaria do Centenário* 1822-1922, Antônio Giusti, p. 33).

• "A reunião de uma Loja Maçônica é estritamente religiosa. Os dogmas religiosos da Maçonaria são poucos, simples, porém fundamentais. Nenhuma Loja pode ser regularmente aberta ou encerrada sem oração" *(The FreemasonsMonitor,* I.S. Weed, p. 284).

• "A Maçonaria é a religião universal porque abrange todas as religiões e o será enquanto assim fizer. E por esta razão, unicamente por ela, que é universal e eterna" *(Antiga Maçonaria Mística Oriental,* p. 67).

3-2. MAÇONARIA E SALVAÇÃO

O escritor maçom L.U. Santos, na sua obra intitulada *Literatura Maçônica Contemporânea,* edição de 1948, página 32, escreveu: "Somente a Maçonaria é capaz de redimir a humanidade, meus irmãos".

A salvação maçônica fundamenta-se na prática das boas obras que o homem possa praticar. Por isso a Maçonaria estimula os seus adeptos a progredir até atingirem um padrão moral tal que, ao morrerem, estejam em condição de habitar na glória.

IV. O CRENTE E A MAÇONARIA

Fazendo nossas as palavras de Jesus Cristo, o Mestre da Galiléia, quando disse: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21), queremos dizer que não negamos à Maçonaria os benefícios que tem proporcionado à humanidade. Não podemos negar o que ela tem feito em benefício de nossa Pátria, e a contribuição que deu à nossa independência, à extinção da escravatura, à secularização dos cemitérios, à regulamentação do casamento civil, à proclamação da República, ao ensino leigo e à separação entre igreja e Estado.

Em geral, os maçons são homens dotados das mais destacadas qualidades morais e sociais. São bons cidadãos e exemplares pais de família, porém, as boas qualidades de seus adeptos não fazem a Maçonaria uma instituição sagrada e intocável quando tem de ser analisada à luz da Bíblia Sagrada e da moral pregada e vivida por Jesus Cristo.

Apesar disto, surge a pergunta: O crente pode ser maçom? Certamente que não; e me permita dizer por que assim creio:

4.1. A MAÇONARIA É UMA INSTITUIÇÃO PAGA

O ensino de que a Maçonaria se originou na construção do templo de Salomão é uma afirmação suspeita e sem fundamento. Por exemplo, o pastor presbiteriano e maçom Jorge Buarque Lira, em seu livro *A Maçonaria e o Cristianismo,* no qual defende eloqüentemente a Maçonaria, diz que esta teve o seu início nas religiões místicas do Oriente (pp. 340,41). Albert Pike, outro conhecido escritor maçom, em seu livro *Moral and Dogma of the Ancient and Accepted Scotüsh Rite,* diz o seguinte:

"Embora a Maçonaria seja identificada com os mistérios antigos, o é somente em um sentido qualificado, isto é, que representa uma imagem imperfeita do seu brilho; são apenas ruínas da sua grandeza e de um sistema que tem experimentado alterações progressivas, frutos dos eventos sociais, circunstâncias políticas e ambições imbélicas dos seus reformadores... A Maçonaria, a sucessora dos mistérios, ainda segue a antiga maneira de ensino. Quem deseja ser um maçom dedicado não pode se contentar em ouvir somente, e nem tampouco em compreender as palestras; precisa, ajudado por elas, estudar, interpretar e desenvolver estes símbolos por si mesmo."

Aqui está uma das maiores autoridades da Maçonaria afirmando não somente o início da Maçonaria nas religiões místicas da antigüidade como também a continuação dos símbolos, ensinos e princípios de misticismo na Maçonaria hoje em dia.

Veja outro problema aqui existente. O templo de Salomão foi construído para defender o princípio de um Deus que exclui todos os outros. A leitura de 2 Crônicas deixa isto bem claro. O templo que Salomão construiu defendia a tese de um só Deus e um Deus específico, com um nome específico. E este Deus excluiu todos os outros deuses como falsos. Porém, no ritual do primeiro grau da Maçonaria, lemos o seguinte: "Como os maçons podem pertencer a qualquer religião, é de desejar que tenha sido uma das escrituras de cada fé, mas não se deve procurar impor qualquer interpretação particular do ritual a nenhum irmão da ordem".

O templo de Salomão determina: "Um só Deus, Jeová, e mais nenhum outro". O templo dos maçons determina: "Qualquer Deus, à sua escolha".

4.2. A MAÇONARIA É RELIGIOSAMENTE SINCRETISTA

É muito comum se ler e ouvir, principalmente da parte dos crentes maçons ou simpatizantes com a Maçonaria, que a Maçonaria não é religião. Evidentemente, a afirmação de que a Maçonaria não é religião entra em choque com a asseveração da maioria esmagadora dos escritores maçons sobre o assunto.

Note, por exemplo: a Maçonaria tem templos (chamados "Lojas"), tem membros, tem doutrina, tem batismo, tem um deus (ou deuses) e ofícios sacramentais, cerimônias fúnebres, e tem reuniões. O que mais lhe falta para vir a ser religião? É curioso que um outro ramo de misticismo, o espiritismo, também alegue não ser religião, mas uma ciência. Entretanto, uma simples declaração não modifica fatos.

Analisar todos os elementos místicos da Maçonaria e ainda assim concluir que ela não é religião é comparável a analisar um animal com as seguintes características: tem rabo de porco, patas de porco, corpo de porco, focinho de porco, cheiro de porco, mas é uma girafa. Nada poderia ser mais absurdo.

Podemos gastar toda a nossa vida proclamando que maçã é tomate, contudo maçã continuará sendo maçã e tomate continuará sendo tomate. Uma simples conclusão, por espantosa e fantástica que possa parecer, não muda em nada a realidade dos fatos e a natureza das coisas.

O fato é simples: a Maçonaria, para muitos dos seus adeptos, é, em todos os sentidos, uma religião, mas não a religião centralizada em Jesus Cristo, embora incorporando alguns dos ensinos de Jesus nas suas doutrinas, como faz a maioria das religiões falsas. Jorge Buarque Lira, em sua defesa da Maçonaria, no seu livro *A Maçonaria e o Cristianismo,* não esconde o fato de que "o que a Maçonaria não admite é que as doutrinas de Cristo com referência à vida de além túmulo, bem como qualquer doutrina sobre esse assunto, sejam pregadas nos seus templos".

Cabe, pois, perguntar: Um templo onde é proibido falar sobre a ressurreição de Jesus Cristo, a ressurreição dos santos, a vida eterna, a esperança da glória vindoura, é um templo do Deus verdadeiro? É um lugar onde o verdadeiro crente se sinta bem, "em casa"? (Leia as seguintes referências bíblicas e tire suas próprias conclusões: 2 Jo vv. 7-11; Jd v. 4; 2 Pe 2.1; Gl 1.6-9; 2 Tm 4.3,4; 1 Tm 6.3-5.)

4.3. A MAÇONARIA PROMOVE A IDOLATRIA

A índole idolátrica da Maçonaria é mostrada no fato de ela admitir um tal de "São João da Escócia" ou "São João de Jerusalém" como patrono, e abrir os seus trabalhos em seu nome.

Atente para o que diz Jorge Buarque Lira sobre a importância desse "santo" para a Maçonaria: "O santo que a Maç.: adotou como

patrono, não é São João Batista, nem São João Evangelista, pois nenhum deles tem relação alguma com a instituição filantrópica da Maç.: É de crer — e essa é a opinião dos irmãos mais filósofos e mais conhecedores — o verdadeiro patrono é São João Esmoler, filho do rei de Chipre, que, no tempo das Cruzadas, abandonou sua pátria, renunciou à esperança de ocupar um trono e foi a Jerusalém dar mais generosos socorros aos peregrinos e aos cavaleiros.

"João fundou um hospital, onde organizou uma instituição de irmãos que cuidassem dos doentes, dos cristãos feridos, e distribuíssem socorros pecuniários aos viajantes que iam visitar o Santo Sepulcro.

"João, digno já, por suas virtudes, de ser o patrono de uma sociedade que tem por um dos seus fins a beneficência, expôs mil vezes a sua vida para fazer o bem. A peste, a guerra, o furor dos infiéis, nada, em uma palavra, o impedia de prosseguir nessa brilhante carreira; mas, no meio dos seus trabalhos, veio a morte cortar o fio de ouro de sua existência; contudo, o exemplo de suas virtudes ficou gravado indelevelmente na memória dos seus irmãos, que consideram dever imitá-lo.

"Roma o canonizou com o nome de S. João Esmoler ou S. João de Jerusalém, e os maçons — cujos templos ele tinha reedificado (depois de terem sido destruídos) — o escolheram unanimemente para seu protetor e inspirador" *(A Maçonaria e o Cristianismo,* p. 128).

Como é possível que um cristão se sinta bem num lugar, cujas cerimônias são iniciadas em nome de um "santo" qualquer, verdadeiro vilipendio e desrespeito ao mandamento de Deus, que diz: "Não terás outros deuses além de mim" (Êx 20.3)?

4.4. A MAÇONARIA TEM UMA VISÃO DISTORCIDA DA HISTÓRIA

Um dos argumentos usados mais comumente no esforço proselitizante da Maçonaria é o seguinte: "A Maçonaria tem influenciado decisivamente nos destinos do Brasil e do mundo". Qual a pessoa de bem que se atreveria a desconhecer isto? A Revolução Francesa foi, em grande parte, planejada e financiada pelos maçons das 600 lojas existentes na França, no final do século XVIII. Não podemos esquecer também que dois "maçons iluminados" pouco mais tarde iniciaram uma outra revolução que veio à tona em 1848, e continua tendo grande efeito no mundo até o dia de hoje. Seus nomes: Engels e Karl Marx, autores intelectuais do materialismo comunista.

Apesar de admitirmos a ação muitas vezes benéfica da Maçonaria, isto não se constitui, de forma alguma, em motivo para que um crente em Jesus Cristo seja membro de tal ordem. Deus freqüentemente tem usado indivíduos e organizações para a realização dos seus planos no mundo: Ele usou o rei Assuero (um incrédulo) para livrar os judeus do extermínio. Deus usou Faraó e o governo do Egito

para salvar Jacó, e seus descendentes da fome. Deus usou o rei Ciro, da Pérsia, para financiar a restauração do templo de Deus, em Jerusalém. Deus usou o governo romano para salvar a vida do apóstolo Paulo em várias ocasiões. Deus, afinal, controla tudo. Mas isto não implica que um filho de Deus deva tornar-se adepto de um movimento liderado por incrédulos.

Em termos de ilustração, poderemos dizer que quase todos os regimes e filosofias do passado têm realizado alguma coisa boa.

Até o nazismo de Hitler desenvolveu um carro popular ao alcance do povo comum, o conhecido Fusca. Deste modo, qualquer pessoa hoje pode dirigir um Volkswagen, sem ser um nazista. Os espíritas mantêm muitos orfanatos para cuidar de crianças abandonadas, isto é uma coisa muito boa, mas não é motivo suficientemente forte para eu me fazer um espírita.

Visto que a maioria dos maçons não é composta de crentes, bastam as ordens explícitas das Escrituras que dizem: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?" (2 Co 6.14,15).

Vale reafirmar o nosso reconhecimento do fato de que a Maçonaria, em várias ocasiões, defendeu missionários e pastores dos ataques do zelo cego do clero católico-romano no Brasil. É preciso dizer, todavia, que o interesse da Maçonaria nisso não era tanto seu fervor evangelístico ou os ideais maçônicos, mas o fato de a Maçonaria e o protestantismo terem no Catolicismo um inimigo comum. Enquanto os primeiros missionários e pastores lutavam contra a superstição e as falsas doutrinas da Igreja Romana, a Maçonaria lutava contra a tirania do seu poder político. Desse modo, protestantismo e Maçonaria tiveram um inimigo em comum. Foi isto que uniu as duas forças.

Esse fenômeno se repete freqüentemente na história. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, uma potência capitalista, era um aliado da Rússia comunista, contra um inimigo comum — o nazismo de Adolf Hitler. Mas isto não significou em nenhum instante que os Estados Unidos capitularam a favor do comunismo.

V. NÃO! À MAÇONARIA

Se podemos crer na afirmação de Jesus de que ninguém pode servir a dois senhores, sem devotar mais atenção a um do que ao outro, haveremos de concordar com a impossibilidade de o crente ser fiel a Deus e à sua Igreja, e à sua Loja maçônica ao mesmo tempo.

Contra o envolvimento do crente com a Maçonaria, levantam-se vozes as mais respeitáveis no seio da Igreja de Cristo, dentre os quais

se destacam pastores, teólogos e mestres.

5.1. DWIGHT L. MOODY

Moody, fundador da Church Moody, do Instituto Bíblico Moody e das Escolas Northfield, o mais famoso evangelista do seu século, com base em 2 Coríntios 6.14: "Não vos ponhais debaixo de um jugo desigual com os incrédulos", disse o seguinte sobre o envolvimento do crente com a Maçonaria:

"Deveis abandonar as sociedades secretas, se quiserdes obedecer a este versículo. Crentes e incrédulos se confundem ali; portanto os cristãos ficam debaixo de um jugo desigual...

"Não posso compreender como um cristão, e acima de tudo um ministro do Evangelho, pode assentar-se nessas sociedades secretas com os incrédulos. Os que assim procedem afirmam que o fazem para exercer influência em favor do bem; afirmo, porém, que poderiam exercer melhor influência em favor do bem, permanecendo fora delas e reprovando as suas más ações. Abraão teve mais influência para beneficiar Sodoma do que Ló. Se 25 cristãos se reúnem numa loja com 50 não-cristãos, estes poderão votar algo que lhes agrade e os 25 cristãos serão participantes dos seus pecados. Estão debaixo de um jugo desigual com os incrédulos...

"Abandonai a Maçonaria. E melhor um com Deus que mil sem Ele. Devemos andar com Deus; e se somente um ou dois nos acompanharem, tudo está bem. Não deixemos cair o pendão real para agradar a homens que amam as suas lojas secretas, ou que, tendo pecados prediletos, não os querem abandonar".

5-2. J. H. HARWOOD

Interpretando Salmo 1.1, Harwood desaconselha o envolvimento do cristão com a Maçonaria, nos seguintes termos:

"Sou e sempre fui contrário às sociedades secretas... Ao iniciar a luta pela vida, vendo a espécie de homens que pertenciam às sociedades secretas existentes, e as suas disparatadas parvoíces em reuniões públicas, e a qualidade moral dos homens que eram os seus guias religiosos, e ouvindo as suas opiniões sobre religião, sobre a Igreja de nosso Senhor e as suas reivindicações tolas — pois colocam as suas instituições ao lado, ou acima, da Igreja de Cristo —, eu percebi que a sua influência era positivamente má, e essencialmente contrária à verdadeira vida religiosa ou à experiência religiosa...

"Não pude ver nenhuma vantagem que não fosse igualada ou sobrepujada na Igreja de Cristo, ou no lar... As sociedades secretas são essencialmente egoístas, limitando os seus atos beneficentes aos sócios e às suas respectivas famílias, enquanto Cristo e sua Igreja procuravam praticar o bem diretamente a todos, sem fazer distinção...

Não há lugar para a Loja ou para a sociedade secreta e privativa

na economia que Jesus Cristo implantou".

5.3. W. J. ERDMAN

Erdman, famoso expositor da Bíblia, disse categoricamente: "Um cristão não pode pertencer a uma sociedade secreta, à qual se liga por juramento, e ser fiel à Igreja de Cristo, porque passará a ter íntima comunhão com homens, muitos dos quais não são regenerados e rejeitam a Cristo como Senhor e Salvador.

Tais sociedades criam relações artificiais e fictícias inteiramente estranhas ao Cristianismo, e são exóticas, quando observadas de um ponto de vista humanitário".

5.4. R. A. TORREY

Indagado se "Deve um cristão continuar como membro de uma organização secreta?", respondeu o doutor Torrey, escritor e evangelista mundialmente famoso:

"Não. Não compreendo como um cristão que estuda inteligentemente a Bíblia, assim proceda. A Palavra de Deus diz claramente em 2 Coríntios 6.14: 'Não vos ponhais debaixo de um jugo desigual com os incrédulos, pois que sociedade pode haver entre a justiça e a injustiça, ou que comunhão tem a luz com as trevas?'

"Todas as sociedades secretas, de que tenho tido conhecimento, são constituídas, em parte pelo menos, de incrédulos, isto é, de pessoas que não aceitaram a Jesus Cristo e nem entregaram a sua vontade a Deus. A luz deste mandamento expresso na Palavra de Deus, não percebo como um cristão continue como membro delas. Não estou afirmando que não haja cristãos entre os maçons; conheço muitos cristãos excelentes que foram membros de sociedades secretas; mas como puderam eles conciliar os dois interesses é que eu não posso entender. Muitos continuaram como membros da Maçonaria e de ordens similares, simplesmente porque não estavam familiarizados com os ensinos da Palavra de Deus sobre o assunto.

"Além disso, as Sagradas Escrituras são mutiladas no ritual maçônico, em algumas sociedades secretas. O nome de Jesus Cristo é omitido nas passagens em que ocorre, a fim de não melindrar os judeus e os incrédulos. Como um cristão pode ser membro de uma sociedade, que manuseia fraudulentamente a Palavra de Deus, e acima de tudo, omite o nome de seu Senhor e Mestre, eu não posso compreender.

"Ainda mais, juramentos, de caráter horrível, são exigidos em algumas lojas, e há cerimônias que são simplesmente caricaturas das verdades bíblicas, como por exemplo a cena de uma simulada ressurreição".

5.5. CHARLES HERALD

Charles Herald, por muitos anos pastor de uma Igreja Congregacional no Brooklin, Nova Iorque, disse o seguinte sobre a cumplicidade de alguns cristãos com a Maçonaria:

"É difícil criticar os melhores amigos e muitos dos meus pertencem a Sociedades Secretas. Embora não seja meu desejo julgá-los, considero-os como homens desviados. Posso apenas falar sobre a minha experiência atual com respeito a estas sociedades secretas.

"Em primeiro lugar, vi uma igreja inteiramente arruinada em sua espiritualidade e em seu eficiente serviço cristão, porque o seu conselho se compunha principalmente de maçons e de homens pertencentes a outras ordens secretas.

"Em segundo lugar, vi crentes, às dezenas, tornarem-se mundanos e abandonarem a igreja, quando começaram a freqüentar regularmente as reuniões da Loja.

"Em terceiro lugar, eu ouvi dos lábios de dezenas mais, que a religião da Loja era suficientemente boa para eles. A Bíblia, como plano divino de salvação, é rejeitada e substituída pelo cartaz — "Nova Religião".

5.6. C. A. BLANCHARD

O doutor Blanchard foi um respeitado mestre cristão. Sobre a Maçonaria face à Igreja de Cristo, disse ele certa ocasião:

"Há três grandes inimigos da Igreja de Jesus Cristo neste mundo: o dragão, a besta e o falso profeta. O dragão é a velha serpente, o demônio; é Satanás. É também chamado o destruidor e o acusador. A besta, autoridade ímpia. Em Daniel e Apocalipse são feitas várias referências que justificam esta interpretação. Os estandartes nas nações nunca trazem figuras de aves ou animais domésticos, mas sempre representações de aves e animais de rapina. O falso profeta representa a religião sem Cristo. E uma personificação de todos aqueles sistemas de fé e prática, que têm ensinado que o homem pode justificar-se pelos seus próprios esforços. O seu característico distintivo é professar a Deus e ter esperança numa imortalidade abençoada, sem necessidade de arrependimento ou de sacrifício vicário.

"A Bíblia mostra a relação que estes três inimigos da Igreja mantêm entre si e a Igreja. O dragão anima a besta e o falso profeta, e a besta carrega a prostituta e a mãe das prostitutas, isto é, os sistemas religiosos não-cristãos do mundo. O falso profeta guia a besta; Satanás, as nações ímpias, e os sistemas religiosos não-cristãos procuram juntamente a destruição das almas, o aniquilamen-to da Igreja Cristã, tornando impossível o estabelecimento permanente do Reino de Deus.

"As associações secretas, nos nossos dias, são as representações

mais típicas destes três adversários que o mundo já conheceu. São despóticas e assassinas na sua atitude governamental; e, no seu caráter religioso, são anticristãs, falsas e hipócritas.

"Estou cada vez mais crente de que o Anticristo da Grande Tribulação será escolhido pelas lojas secretas do mundo. Não é preciso argumento para demonstrar qual a atitude que as organizações cristãs devem ter para com estes seres monstruosos."

5.7. JAMES M. GRAY

O reverendo Grey foi por muitos anos pastor da Igreja Moody, Deão do Instituto Bíblico Moody, escritor e teólogo de grande reputação. Sobre o tema: "A Loja - Uma Contrafação Espiritual", disse o seguinte:

"Há mais de 1.200 anos, Satanás tem tido uma igreja falsificada na Terra e somente bem poucos são capazes de distinguir os traços característicos da prostituta, dos traços da Esposa do Cordeiro. O espiritualismo, com as suas doutrinas diabólicas, os seus templos, os seus oráculos, e com os seus fenômenos misteriosos; o racionalismo, com a sua deificação dos poderes humanos, e a substituição da vida espiritual pelo intelectualismo; o romanismo, com a sua invocação de santos, a sua adoração de relíquias, os seus altares, a sua casta sacerdotal e tradições; todos estes são religiões falsas, que o príncipe das trevas faz circular no mundo como moedas legítimas.

"Faremos a devida distinção a quem se opuser à classificação do sistema maçônico nesta categoria. Notamos o caráter benevolente do sistema, a moralidade dos seus ensinos, e a boa reputação de que gozam muitos dos seus membros. Sem estas coisas, a Maçonaria não podia ser classificada como impostora. Elas são o *sine qua non* para a sua circulação e o arqui-impostor é muito hábil para negligenciá-las. Mas, por outro lado, o sistema das ordens secretas, pelo menos a Maçonaria, tem a sua origem numa fonte paga, pois os seus símbolos, ritos e regras são os mesmos dos antigos mistérios do paganismo. Não adora o Deus das Escrituras, mas, sim, um 'ideal' da sua própria concepção. A Maçonaria tem os seus batismos e o seu novo nascimento, as suas orações e cerimônias, os seus castigos e recompensas. Os homens proclamam-na 'como uma igreja toda suficiente' para eles. Os cristãos maçônicos preferem as suas assembléias às reuniões de oração. As suas reivindicações são absurdas, quando não blasfemas; os seus métodos, em certos casos são fraudulentos e os seus ensinamentos heréticos. As características essenciais de todos os outros impostores encontram-se no sistema maçônico, e, embora isto não seja remate de todos eles, contudo é tão perigoso como qualquer deles em sua tendência para roubar dos homens a sua herança clara e satisfatória, em Cristo, o seu único Salvador...

"Este testemunho não é escrito como remédio, mas como preventivo. Espero que ele possa despertar os crentes moços, levando-os a investigar o sistema maçônico sob o ponto de vista bíblico e espiritual, antes de se tornarem corrompidos e confundidos por essa sociedade.

"Jesus Cristo disse: 'Se alguém me segue, meu Pai o honrará'. E difícil servir a Cristo em um sistema que proíbe pronunciar o seu nome na oração. Como consideramos a 'honra que vem somente de Deus', separamo-nos de tudo o que oculta o genuíno e agradável serviço de Jesus Cristo".

5.8. O SALMISTA DAVI

"Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores; antes tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto às correntes de água, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cuja folha não cai; e tudo quanto fizer prosperará. Não são assim os ímpios, mas são semelhantes à moinha que o vento espalha. Pelo que os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos; porque o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios conduz à ruína" (SI 1).

14
OUTRAS SEITAS E "ISMOS" MODERNOS

Além das seitas e heresias até aqui estudadas, existe um grande número de outras, menores, evidentemente, mas não menos perigosas. Dentre essas, salientam-se as seguintes:

I. O BAHAÍSMO

O bahaísmo é uma religião de origem pérsico-maometana, fundada em Acre, na Palestina, por um nobre persa exilado, conhecido pelo nome de Bahá-Allah ("Glória de Deus"), nascido em 1817.

1.1. CRENÇAS DO BAHAÍSMO

O bahaísmo crê que o "último e verdadeiro sucessor de Maomé, que desapareceu no século X, nunca morreu, mas continua vivo numa misteriosa cidade, rodeado por um grupo de fiéis discípulos e que, no final dos tempos, aparecerá e encherá a terra de justiça, depois de ter sido cheio de iniqüidade." Esse sucessor oculto revê-

Ia-se de tempos em tempos através daqueles a quem esclarece sua vontade e que são conhecidos como "Babs" ou "portas", "isto é, são portas através das quais se renova a comunicação entre o escondido e os seus fiéis seguidores" (Baallen, *O Caos das Seitas,* p. 107).

Segundo o opúsculo *O Que Significa Ser Bahai,* publicado e distribuído pela Assembléia Espiritual Nacional dos Banais do Brasil, o bahaísmo crê que:

a. Há somente um Deus, e que o conhecimento do homem vem de Deus, através de seus mensageiros.

b. Um novo mensageiro aparece no mundo a cada milênio, aproximadamente, para reacender o amor de Deus nos corações dos homens e para iniciar uma nova era.

c. O mensageiro de Deus para esta época é Bahá-Allah ("A Glória de Deus").

d. Bahá-Allah, que surgiu na Pérsia, em meados do século XIX, é o prometido anunciado por Moisés, Jesus Cristo e outros mensageiros. Foi enviado por Deus para trazer paz e unidade para todo o mundo.

1.2. FATOS DO BAHAÍSMO

Existem outras personagens centrais na Fé Bahai, que são:

1.2.1. O BÁB (A PORTA)

O Báb (A Porta) foi o Profeta Arauto da Fé Bahai. Além de ter sido

considerado um mensageiro de Deus, ele preparou o povo para a vinda de Abdul-Bahá. Foi martirizado em julho de 1850.

1.2.2. ABDUL-BAHÁ ("O SERVO DE DEUS")

Abdul-Bahá ("O Servo de Deus") foi o filho mais velho de Bahá-Allah e o Centro do seu Pacto. Ele o indicou como seu sucessor. Embora não fosse um profeta, sua posição é muito destacada dentro do Bahaísmo. Tudo o que ele disse e escreveu tem a mesma autoridade que as palavras de seu pai. Abdul-Bahá morreu em 1921.

1.2.3. SHOGHI EFFENDI

Shoghi Effendi, o neto mais velho de Abdul-Bahá, foi por ele nomeado em sua última Vontade e Testemunho, como Guardião da Fé Bahai e Intérprete da Palavra de Deus. Sob sua direção, os alicerces da Ordem Administrativa Bahai foram firmemente estabelecidos em todo o mundo. Os seus escritos são revestidos de autoridade, de acordo com o conceito Bahai. Morreu em 1957 e está sepultado em Londres.

1.2.4. MÃOS DA CAUSA

Shoghi Effendi indicou um número de Bahais proeminentes como "Mãos da Causa de Deus". Seus deveres especiais são ensinar e proteger a fé Bahai por todo o mundo.

1.3. PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA UMA NOVA ERA

Na esperança de uma nova era, o Bahaísmo,

• proclama a unidade de Deus e de seus profetas;

• reconhece a unidade básica de todas as religiões e a unidade da raça humana;

• afirma que a religião deve caminhar lado a lado com a ciência, ordeira e progressivamente;

• encoraja a independente pesquisa da verdade;

• exalta o trabalho realizado em espírito de serviço e grau de adoração;

• condena todas as formas de superstição ou preconceitos, sejam religiosos, raciais, de classe ou nacionalidade;

• proclama o princípio de iguais oportunidades, direitos e privilégios para homens e mulheres;

• advoga a educação compulsória para todos;

• prove as instituições necessárias para estabelecer e salvaguardar uma paz universal permanente como meta suprema da humanidade.

1.4. UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

Além de esperar pelo alvorecer de uma nova era, o bahaísmo postula uma nova ordem mundial, com as seguintes características:

a. Um mundo unido quanto à sua política, religião, cultura e educação segundo um currículo comum, universal.

b. Um mundo no qual a guerra é banida para sempre e as energias da humanidade são aplicadas exclusivamente em empreendimentos construtivos.

c. Um mundo onde os homens vêem uns aos outros como irmãos e onde as diferenças de cor, raça, credo e nacionalidade já deixaram de ser fatores de preconceitos, sendo, ao contrário, elementos de aprazível variedade numa vasta cultura cosmopolita.

d. Um mundo isento de barreiras alfandegárias, havendo um próspero intercâmbio internacional de mercadorias.

e. Um mundo onde as barreiras de línguas são superadas pelo uso de um idioma auxiliar universal.

f. Um mundo no qual o conflito longo e amargo entre capital e trabalho é substituído por cooperação efetiva, baseado na repartição dos lucros e na mutualidade dos interesses.

g. Um mundo de abundância onde a riqueza individual é limitada e a miséria é abolida definitivamente.

h. Um mundo no qual a ciência anda de mãos dadas com a religião e o conhecimento é dedicado ao progresso humano.

i. Um mundo, acima de tudo, que reconhece Deus e procura seguir os caminhos da retidão e da paz.

1.5- O BAHAÍSMO DESMASCARADO

Se analisarmos a doutrina bahai à luz das Escrituras Sagradas, haveremos de concluir que:

1) Quanto à crença em Deus, o bahaísmo é nitidamente panteísta, isto é, furta a atenção e a crença de seus adeptos do Deus-homem, transferindo-as para o Homem-deus. Numa de suas publicações de 1914, lê-se a seguinte declaração: "Além deste homem (Bahá-Allah), não existe outro ponto de concentração. Ele é Deus".

2) O bahaísmo tem muito em comum com o teosofismo, o espiritismo e a Maçonaria: proclama a união das religiões, a perfeição do homem independentemente de Cristo, e sustenta um ensino sincretista, respectivamente.

3) O ensino de que um novo mensageiro de Deus aparece no mundo a cada milênio não tem apoio nas Escrituras. Já são passados quase dois mil anos desde que Cristo, o Mensageiro prometido no Antigo Testamento, veio, e, após ressuscitar dos mortos, passou a seus seguidores a responsabilidade de encher o mundo das boas-novas do Evangelho (Mt 28.19,20; Mc 16.15).

Não obstante haja aqueles a quem Deus dota de uma chamada específica para pregar o Evangelho, todos os crentes têm uma chamada geral e uma responsabilidade universal para testemunharem do Evangelho de Cristo (At 1.8).

4) O mensageiro de Deus para esta época são todos os crentes conscientes e responsáveis (At 1.8).

5) Moisés anunciou a vinda de Cristo, como um profeta semelhante a ele (Dt 18.15), porém, Cristo não anunciou a vinda de nenhum mensageiro humano, pelo contrário, anunciou a vinda do Espírito Santo (Jo 16.7).

6) Só Cristo é a porta (Jo 10.7,9).

7) Não obstante todos os crentes serem servos, só Cristo é tido como "O Servo de Deus" por excelência (Mt 20.28).

8) Cristo destinou o Espírito Santo como intérprete da sua Palavra (Jo 16.13,14).

9) A conservação da fé é batalha não de uns poucos privilegiados, mas de todos os santos (Jd v.3).

1.6. O BAHAÍSMO NEGA A DOUTRINA CRISTÃ

Segundo ensina a doutrina bahai,

• O pecado não existe. A única diferença entre os homens está no grau. Alguns são como crianças ignorantes que precisam ser educadas.

• A revelação de Jesus Cristo foi exclusiva para a sua própria época. Atualmente já não é o ponto de orientação para o mundo.

• Cristo aceitou todos os seus sofrimentos sobre si para provar a imortalidade do seu espírito.

Os aspectos louváveis do bahaísmo tornam-se nulos diante da falsidade dessa religião. Quem não louvaria o bahaísmo quando oferece os seus princípios básicos para uma nova era e postula uma nova ordem mundial? Mas, nem com toda essa nobreza de caráter o bahaísmo consegue esconder os malefícios das suas crenças.

O bahaísmo é mau e herético à medida que rebela-se contra o senhorio de Jesus Cristo, e faz de Deus apenas uma idéia e não um ser pessoal e responsável.

1.7. CONCLUSÃO

Cremos que uma nova era há de raiar no mundo e que uma nova ordem há de se estabelecer na Terra. Mas isso não se dará como resultado de esforços humanos ou de um impossível aperfeiçoamento da humanidade. Cristo as estabelecerá na Terra durante o seu governo milenar, conforme é descrito em Isaías 2.2-4; 65.18-22.

Não obstante o revestimento de glória que o Milênio terá, a Bíblia jamais sugere que a humanidade alcançará a perfeição nesse tempo. O homem continuará o mesmo, e a prova disto está no que relata o livro de Apocalipse. No final do Milênio, a humanidade até aqui beneficiada com a prosperidade do reinado de Cristo, em atitude de hostilidade, levantar-se-á contra Jesus e os seus eleitos, o que causará a repentina destruição de todos os ímpios, e o lançamento de Satanás no Lago de

Fogo (Ap 20.7-10). A esperança do crente será a manifestação do novo céu e da nova Terra, onde habitará a justiça de Deus, onde todos habitarão por toda a eternidade (2 Pe 3.13).

II. A CIÊNCIA CRISTÃ

A Igreja da Ciência Cristã foi organizada e fundada no ano 1879. Mary Baker Eddy, sua fundadora, desde criança padecia de ataques de nervos. Ainda jovem, foi aceita como membro da Igreja Congregacional, sem no entanto haver experimentado conversão genuína.

A vida matrimonial da senhora Mary Baker foi uma verdadeira desilusão do princípio ao fim. Ficou viúva do primeiro marido não muito depois do casamento. Teve de divorciar-se do segundo marido, vindo a contrair um novo casamento com um dos seus primeiros discípulos, de nome Asa Eddy, que também veio a morrer, anos depois.

Em meio a todos os seus problemas matrimoniais, e acometida de uma grave enfermidade, Mary Baker Eddy deixou-se influenciar pelos ensinos de um curandeiro e hipnotizador popular chamado Fineas Quimby, que negava a existência da matéria, do sofrimento, da enfermidade, do pecado e de todo o mal.

2.1. ENSINOS DA CIÊNCIA CRISTÃ

No seu livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras,* Mary Baker foi além das teorias de Fineas Quimby, afirmando

que toda aparência da matéria ou da experiência mortal é somente uma ilusão, um sonho.

A senhora Mary Baker ensinou mais o seguinte:

1) "A Bíblia tem sido minha única autoridade". Contudo afirma que seus próprios escritos são divinamente inspirados, e que, sem o estudo deles, é impossível se compreender a Bíblia.

2) "Deus é um princípio divino, um Ser supremo e incorpóreo, que é Mente, Espírito, Alma, Vida, Verdade e Amor. Deus é toda substância, inteligência".

3) "Nas palavras de João: 'Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco', este Consolador eu entendo ser a Ciência Divina... A 'Ciência Cristã' é o Espírito Santo".

4) "Jesus não era o Filho de Deus num sentido diferente daquele em que todo homem é filho de Deus. Jesus é o Ser humano, e Cristo, a idéia divina. A virgem-mãe concebeu essa idéia de Deus e deu a seu ideal o nome de Jesus".

5) "A eficácia da crucificação reside no fato de que ela demonstrou afeto e bondade práticos para com a humanidade. O sangue material de Jesus não era mais útil quando foi derramado na cruz do que quando corria pelas veias do Senhor em sua vida diária. Veio a salvar os homens da crença de que eram pecadores. O homem já é perfeito".

6) "O que os evangélicos chamam de ressurreição de Cristo era a demonstração da Ciência Divina, o triunfo da Verdade e do Amor Imortal sobre o erro".

7) "A segunda vinda de Cristo é o despertar de um sono enganoso para dar-se conta dá verdade".

8) "O diabo é o mal irreal da mente falsa e mortal".

9) "A oração não é petição, mas simples afirmação. A oração elevada a um Deus pessoal é um obstáculo e pode levar à tentação. Não se persuade a Deus a fazer mais do que já fez".

10) "O homem foi, é e será sempre perfeito... O homem é incapaz de pecar. Posto que o homem é a idéia da imagem de Deus, é perfeito. É completamente bom, fora do alcance do mal".

11) "Não existe inferno nem juízo. Não existe um céu literal; este simplesmente consiste em harmonia perfeita com a Mente Divina" (Walker, *Qual o Caminho?).*

2.2. REFUTAÇÃO

Os ensinos da senhora Mary Baker Eddy, hoje defendidos pelos seus discípulos, são anti-bíblicos e absurdos, como mostramos a seguir:

a. A Bíblia Sagrada é um livro perfeito como guia de vida, fé e prática, para aqueles que buscam a salvação e o verdadeiro conhecimento da vontade de Deus, enquanto os escritores e demais ensinos da chamada "Ciência Cristã" não passam de acréscimos à Palavra de Deus (Ap 22.18,19).

b. Deus não é um princípio divino". Ele é um Ser incorpóreo, mas pessoal. Nunca a Bíblia o chama de "Mente" ou "Alma". Esta noção panteísta que a "Ciência Cristã" tem de Deus é contrária às seguintes afirmações das Escrituras:

• Deus não é só Espírito" (Jo 4.24), mas também é o Criador do espírito humano (Ec 12.7).

• Deus não é só "Vida", Ele é o próprio autor da vida (Gn 2.7).

• Deus não é só "Verdade", Ele é o Deus verdadeiro (Jo 3.33).

• Deus não é só "Amor" (1 Jo 4.8), Ele também tem amado o mundo, dando prova disto quando enviou Jesus Cristo para morrer em benefício dos pecadores (Jo 3.16).

c. Jesus disse que o Espírito Santo daria testemunho dEle (Jo 16.14,15; 1 Jo 5.6), pelo que o Espírito Santo não deve ser confundido com a falsa "Ciência Cristã", que em nada demonstra o mínimo de respeito pela Pessoa de Jesus Cristo.

d. A relação filial de Jesus Cristo com Deus, o Pai, distingue-se

da relação que os demais seres têm com Deus. Veja, por exemplo:

• Todas as criaturas são filhos de Deus por criação (Ml 2.10).

• Israel é filho de Deus por eleição (Dt 32.6; Is 63.16).

• Jesus é Filho de Deus por geração (Hb 1.5; SI 2.7; Jo 1.14).

• Os crentes são filhos de Deus por adoção (Rm 8.15,23; Gl 4.5,6; Ef 1.5).

e. A morte de Cristo na cruz não tinha como objetivo salvar o homem da crença de que era pecador, mas salvá-lo do pecado mesmo (Mt 1.21; Rm 6.6).

f. A ressurreição de Cristo foi um fato real, demonstrando que Jesus Cristo, como Deus, tem poder sobre a morte (At 2.24).

g. A segunda vinda de Cristo é o centro da bem-aventurada esperança futura do crente:

• Ele mesmo prometeu que virá outra vez (Jo 14.3).

• Ele virá do modo como subiu (At 1.11).

• Ele virá num momento em que ninguém espera (Mt 24.44).

• Ele virá de surpresa, como ladrão (1 Ts 5.2,4; 2 Pe 3.10; Ap 3.3; 16.15).

• O Espírito e a Igreja anelam pela sua vinda (Ap 22.17).

h. O diabo é um ser real. Na Bíblia ele é chamado:

• Abadom e Apoliom (Ap 9.11).

• Belzebu (Mt 12.24).

• Belial (2 Co 6.15).

• Enganador (2 Co 11.3,14). •Maligno (2 Co 6.15).

• Homicida (Jo 8.44). •Satanás(Lc 10.18).

• Pai da mentira (Jo 8.44).

• Antiga serpente (Ap 12.9).

• Tentador (1 Ts 3.5).

• Acusador (Ap 12.10).

i. Não obstante crermos na sabedoria divina sobre os mínimos detalhes da nossa vida, cremos que através das nossas orações podemos mover o coração daquEle cuja mão move o mundo e anula os obstáculos. Atente, pois, para o seguinte:

• Orar é pedir, buscar, bater (Mt 7.7).

• O que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á (Mt 7.8).

• Josué orou e o Sol se deteve (Js 10.12,13).

• Ana orou pedindo a Deus um filho, e o obteve (1 Sm 1.26-28).

• Eliseu orou e os olhos de Geazi foram abertos (2 Rs 6.20).

• Ezequias orou e o Senhor lhe deu mais quinze anos de vida (2

Rs 20.1-6).

• Grande efeito tem a oração do justo (Tg 5.16).

j. Quanto ao homem e ao pecado, contrariando o erro ensinado pela Ciência Cristã, a Bíblia diz que:

• O homem foi feito em retidão (Ec 7.29).

• O homem foi advertido a não pecar (Gn 2.16,17).

• O homem pecou por escolha própria (Gn 3.6,7).

• Todos pecaram (Rm 3.23).

• Só aquele que confessa o seu pecado e deixa alcança do Senhor misericórdia, perdão e justificação (Pv 28.13; 1 Jo 1.9; Rm5.1).

Finalmente, a Bíblia diz que:

• O inferno existe (Ap 20.11-15; 21.1-27; 22.1-5).

• Haverá o juízo final (Hb 9.27).

• O céu existe com um lugar real (Fp 3.20).

III. SEICHO-NO-IÊ

O Movimento Seicho-no-iê é uma mistura de xintoísmo, budismo e Cristianismo. Foi fundado pelos idos de 1930, por Masaharu Tanigushi, nascido em Kobe, no Japão.

3.1. Aspectos Gerais do Movimento

Esse movimento afirma ser a harmonia de todas as coisas do Universo e a reunião de todas as religiões. Ensina, inclusive, que Cristo, na Judéia, Buda, na índia, e o Xintoísmo, no Japão, são manifestações de Amenominakanushi, o Deus absoluto, e que todas as religiões têm como fundamento a verdade de que todos são irmãos, filhos do mesmo Deus.

O movimento Seicho-no-iê proclama que a sua missão é transmitir ao mundo parte dos ensinamentos de Cristo e de Buda, que não haviam sido ainda suficientemente revelados.

Em 1932, Tanigushi, o fundador do movimento, publicou o livro A *Verdade da Vida,* obra que contém a filosofia Seicho-no-iê. Em 1963 começou o movimento em vários países, inclusive no Brasil. Tendo a cidade de São Paulo como o seu principal centro, no nosso país, esta falsa igreja já alcançou quase todos os Estados da Federação, tendo adeptos principalmente entre aqueles que buscam cura física.

3.2. Principais Ensinos

Além de possuir uma crença baseada na compensação material, como saúde, dinheiro e bem-estar, o movimento Seicho-no-iê possui um sistema doutrinário que o identifica como uma seita herética. Veja, por exemplo, a crença Seicho-no-iê sobre os seguintes assuntos:

1) Amenominakanushi é o Deus absoluto. Não importa os nomes que tenha nas diversas religiões, já que todas as crenças e todos os

deuses levam o homem a ele.

2) Ser verdadeiramente salvo é compreender por que a doença se cura; por que é possível ter uma vida financeira confortável e por que se pode estabelecer harmonia no lar.

3) O homem pode viver um "reino do céu" desde que compreenda que não existem doenças, males, dores, etc.

4) O pecado é como uma doença, os males e a morte, que não passam de meras ilusões. O pecado não existe, pois Deus não o criou.

5) O homem é perfeito.

3.3. REFUTAÇÃO

O ensino do movimento Seicho-no-iê é de origem satânica, e mostramos por que:

a. Se Amenominakanushi é o Deus absoluto, Deus estaria mentindo quando disse: "Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça" (Is 44.8).

b. Se a verdadeira salvação consiste em compreender por que a doença se cura, em ter uma vida financeira confortável e um lar harmonioso, é de se supor que aquele anjo do Senhor estaria mentindo quando disse que Jesus haveria de salvar os pecadores dos seus pecados, e não de uma vida de privações materiais (Mt 1.21).

c. Se o homem pode viver o reino do céu desde que compreenda que não existem doenças, males e dores, deduz-se que João estaria mentindo quando registrou no Apocalipse que só no céu não haverá mais lágrimas, morte, luto, pranto ou dor (Ap 21.4).

d. Se o pecado inexiste, então Deus não estaria falando a verdade, quando disse: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18.20).

e. Se o homem é perfeito, Paulo não falou a verdade, quando disse: "Não que eu já tenha recebido, ou tenha obtido a perfeição, mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Fp 3.12).

Pelo contrário, seja Deus verdadeiro, e todo o movimento Seicho-no-iê e suas filosofias mentirosas (Rm 3.4).

IV. O MOONISMO

O moonismo, ou "Associação do Espírito Santo Para a Unificação da Cristandade Mundial", foi fundado na Coréia, em 1954, e, em 1973, nos Estados Unidos. Em 1976, proclamava ter entre 500 mil a 2 milhões de adeptos, radicados principalmente na Coréia e no Japão, com modestas ramificações também na Europa.

4.1. RESUMO HISTÓRICO DO MOONISMO

Sun Myung Moon, fundador da "Associação do Espírito Santo Para a Unificação da Cristandade Mundial", nasceu na Coréia, em 1920. A exemplo de Joseph Smith, fundador do mormonismo, Moon

fundamenta as suas crenças e ensinos em alegadas revelações que teria recebido de Deus ainda quando criança.

No seu livro *O Divino Princípio,* Moon conta que, desde a infância, foi clarividente, isto é, podia ver através do espírito das pessoas. Conta que quando tinha apenas doze anos, começou a orar para que coisas extraordinárias começassem a acontecer. Conta o próprio Moon que, num domingo de Páscoa, quando tinha apenas dezesseis anos, teve uma visão na qual Jesus lhe teria aparecido, dizendo: "Termina a missão que eu comecei".

Moon procurou se preparar para o cumprimento dessa missão, através do estudo das seitas e dos cultos populares do Japão e da Coréia. Foi assim que, em 1946, começou a pregar a sua própria versão do Cristianismo messiânico. A medida que a seita crescia, Moon enfrentava problemas com as autoridades coreanas, o que culminou com a sua excomunhão pela Igreja Presbiteriana, em 1948, à qual pertencera até então.

4.2. ENSINAMENTOS DE MOON

De acordo com *O Divino Princípio,* o livro "sagrado" que contém as revelações do reverendo Moon, Deus queria que Adão e Eva se casassem e tivessem filhos perfeitos, estabelecendo assim o Reino de Deus na Terra. Mas Satanás, encarnado na serpente, seduziu Eva, que, por sua vez, transmitiu sua impureza a Adão, causando, então, a queda do homem. Por isso Deus mandou Jesus Cristo ao mundo, para redimir a humanidade do pecado. Mas Jesus morreu na cruz, antes de ter podido casar-se e tornar-se pai de uma nova raça de filhos perfeitos. Agora chegou o tempo para um novo Cristo, que finalmente cumprirá os desejos de Deus.

Como você pode ver, o ensino de Moon tem o propósito de desvirtuar a obra de Cristo e anular o testemunho do Evangelho, segundo o qual o propósito de Deus não é constituir uma família perfeita aqui na Terra, através de Moon, mas salvar os pecadores perdidos, através de Jesus Cristo. O ensino moonita é anti-bíblico e satânico, digno do repúdio de todo cristão verdadeiro.

4.3. MOON, UM FALSO MESSIAS

Moon não identifica a si mesmo como o novo Messias, mas diz que este, tal como ele próprio, nasceria na Coréia em 1920. Não obstante, muitos dos seus pensamentos o identificam ora como sendo Deus, ora como Satanás, ora como o Anticristo. Evidentemente, os seus pensamentos contradizem as Escrituras, como você mesmo pode ver e comparar:

Moon

a. "Eu sou o vosso cérebro".

b. "O que eu desejar, deve ser o que vós haveis de desejar".

c. "Minha missão é dar novos corações a novas pessoas".

d. "De todos os santos enviados à Terra por Deus, creio ter sido eu o que até hoje obteve maiores sucessos".

e. "Tempo virá em que minhas palavras terão quase o mesmo valor que as leis. E tudo aquilo que eu pedir terá de ser feito".

f. "O mundo está nas minhas mãos. E eu conquistarei e subjugarei todo o mundo".

g. "Estou pondo as coisas em ordem, para que possamos cumprir os desejos de Deus. Todos os obstáculos que nos venham a ser opostos devem ser aniquilados".

h. "Nossa estratégia é nos unirmos como se fossemos uma só pessoa. Só assim poderemos vencer o mundo inteiro".

A Bíblia

a. "Eu sou o Senhor teu Deus" (Êx 20.2).

b. "... o Filho do homem... não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28).

c. "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19.10).

d. "Porque não ousamos classificar-nos, ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos, e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez" (2 Co 10.12).

e. "Humilhai-vos, portanto, sob a potente mão de Deus, para que ele em tempo oportuno, vos exalte" (1 Pe 5.6).

f. "Ao Senhor pertence a terra, e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam" (SI 24.1).

g. "Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos" (Lc 10.3; cf Is 42.1-3).

h. "Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé. Quem é que vence o mundo senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus? (1 Jo 5.4,5).

Quando se mudou para os Estados Unidos, em 1973, Sun Myung Moon proclamou a "Nova Idade do Cristianismo", em

conferências, banquetes e comícios, culminando com uma concentração no Madison Square Garden, em Nova Iorque, em 1974. No seu discurso, ele deu a sua própria versão da queda do homem e da vinda do Messias esperado: "Esta é a vossa esperança... A única esperança dos Estados Unidos e do resto do mundo."

4.4. LAVAGEM CEREBRAL E FANATISMO

Em geral, os moonitas, ou seguidores de Moon, cedo assumem a responsabilidade de fazer proselitismo nas esquinas das grandes cidades. As pessoas mais visadas, tidas como moonitas em potencial,

são as que se mostram estar sendo vencidas pela solidão. Quando estas pessoas se sentem atraídas, são convidadas para uma conferência da seita, para jantares, para passar um fim de semana num dos centros da comunidade, para estudo.

Esses fins de semana obedecem a um programa rigidamente estruturado, exaustivo, com pouco tempo para dormir e nenhum para refletir. Os neoconvertidos passam por uma verdadeira lavagem cerebral, que envolve uma média de seis a oito horas de preleções baseadas no livro "Divino Princípio", livro que contém as visões de Moon. Na preleção final, aprendem que Deus mandou Moon para salvar o mundo, em geral, e a eles próprios em particular.

Dentre os adeptos da seita, alguns continuam a fazer seus cursos ou a exercer seus empregos, mas, à noite ou durante os fins de semana, trabalham para a seita, vários deles dando a esta uma parte de seus salários. Os que trabalham com tempo integral, geralmente freqüentam seminários que duram de seis a dezesseis semanas.

Durante os primeiros meses de experiência religiosa, os novos membros da seita freqüentemente recebem telefonemas de pais, parentes e amigos, pedindo que voltem ao seu convívio. Quando alguns deles vacilam, os seus discipuladores lhes dizem que seus pais, parentes e amigos são agora inimigos a serviço de Satanás.

No Brasil, muitas famílias têm tido seríssimos problemas com seus filhos que se têm deixado envolver pelo moonismo. Tem havido casos em que pais, acompanhados de policiais, têm invadido templos da seita (no Rio de janeiro e São Paulo, por exemplo) para arrebatar à força os filhos, que estão sendo programados por manipuladores da seita.

4.5. Duas Particularidades Doutrinárias

Dentro do complexo quadro doutrinário do moonismo, podemos destacar as duas particularidades a seguir:

1) Uma das principais exigências do reverendo Moon àqueles que se convertem ao moonismo é que o neoconverso passe a adotar a Coréia como sua nova pátria-mãe, à qual deve jurar lealdade e amor. Assim, um brasileiro, por exemplo, que se converte ao moonismo, já não tem nenhum dever cívico e patriótico para com o Brasil.

Evidentemente, esta tem sido a principal razão do repúdio das autoridades de muitas nações ao moonismo.

2) Outro princípio inviolável do moonismo é que quando um moonita for considerado apto para o casamento, deve ter dado pelo menos sete anos de leais serviços para a promoção da seita. Ainda assim precisa de permissão do reverendo Moon para poder contrair matrimônio.

Os moonitas em idade de se casar podem propor parceiros ou parceiras de sua própria escolha, mas a decisão final é do reverendo

Moon, que pode até escolher noivos ou noivas inteiramente desconhecidos um do outro. Os moonitas recém-casados devem viver inteiramente separados durante os primeiros quarenta dias.

4.6. CONCLUSÃO

A história de Moon tem muita semelhança com a história de diversos fundadores de seitas falsas. Envolve sempre os mesmos princípios:

- Foram "iluminados desde criança".
- Tiveram algum tipo de visão, iluminação, aparição, etc.
- Foram escolhidos para desempenho de uma "nova missão".
- Foram dotados de "dons" extraordinários.
- Alegam que Buda, Jesus, Maomé ou qualquer outra divindade paga é a base da sua mensagem.
- Têm uma mensagem diferente das demais ouvidas até então.
- Vão revolucionar o mundo.
- Pretendem agrupar todas as religiões, fazendo-as um só rebanho.

Foi sobre homens como Sun Myung Moon que escreveu Judas nos versículos 12 e 13 da sua epístola:

"Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação de frutos, mas de frutos desprovidas; duplamente mortas, desarraigadas; ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre".

Durante esses anos, Moon construiu um verdadeiro império industrial nos Estados Unidos, graças aos donativos arrecadados pelos seus seguidores. Porém, como o governo americano resolveu processá-lo por sonegação de impostos, Moon fugiu dos Estados Unidos durante o mês de outubro de 1981. Ao voltar, foi julgado e preso, sendo finalmente solto no final do ano de 1985.

V. O ECUMENISMO

O movimento ecumênico é um dos movimentos mais comentados da atual fase da história eclesiástica. Por isso, faz-se necessário estudá-lo, para podermos confiadamente tomar posição.

5«i. ASPECTOS TEOLÓGICOS DO ECUMENISMO

A palavra "ecumenismo" é de origem grega *(oikoumene)* e significa: "a terra habitada", isto é, a parte da terra habitada pelo homem e organizada em comunidades sistemáticas, a saber: vilas, fazendas, cidades, escolas, instituições, etc. Com este significado, a palavra "ecumenismo" aparece nas seguintes passagens do Novo

Testamento:

• "... levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo *[=oikoumene].* E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero" (Lc 4.5,6).

• "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo *[=oikoumene],* para testemunho de todas as nações. Então virá o fim" (Mt 24.14).

No decorrer dos séculos, três diferentes segmentos do Cristianismo têm se apropriado desta palavra, reivindicando ecumenicidade:

1) A Igreja Católica Romana afirma ser ecumênica por abranger todo o mundo.

2) As igrejas ortodoxas do Oriente alegam sua ecumenicidade, apontando sua ligação com a igreja primitiva.

3) Certas igrejas protestantes, estimuladas pelo "Ecumenismo de Genebra", desenvolvem atividades no sentido de unir as igrejas de todo o mundo para com isso fazer visível a união da cristandade.

5.2. PROPÓSITO DO ECUMENISMO

Não obstante possuírem elementos distintos, as igrejas Católica Romana, Ortodoxa e protestantes vêm-se esforçando no afã de alcançar um ecumenismo amplo e sem fronteiras, e que culmine com a união de toda a cristandade. E com o propósito de tornar isso possível, duas medidas foram tomadas:

1) Por iniciativa de algumas igrejas protestantes, em 1938 foi fundado o Concilio Mundial de Igrejas (CMI), visando colocar sob uma mesma bandeira todos os segmentos do Protestantismo.

2) A realização do Concilio Vaticano II, no período 1962/65, em que foi largamente tratada a questão dos "irmãos separados" (uma referência aos protestantes) e sugeridos métodos para reuni-los num só rebanho.

Devemos reconhecer que a proposta ecumenista da Igreja Católica Romana, feita pelo Concilio Vaticano II, tem um alcance bem maior do que as medidas ecumenistas propostas pelo Concilio Mundial de Igrejas, pois visa congregar num só rebanho toda a cristandade. O ponto mais alto da questão ecumenista, proposta pela Igreja Romana, consiste num problema de duplo aspecto: 1) as igrejas protestantes e ortodoxas devem lembrar-se de ter deixado o catolicismo, decidindo-se voltar ao seio da "Igreja-Mãe"; 2) devem submeter-se à orientação do papa de Roma como o "único pastor".

Evidentemente, para os protestantes e para a Igreja Ortodoxa, aceitar a política ecumênica do Vaticano significa a perda de identidade e a renúncia de muitos séculos de luta contra o predomínio católico-romano, a adoração das imagens de escultura, a pretensa infalibilidade papal e demais hábitos e crenças pagas do catolicismo

romano.

5.3. ALCANCE DO ECUMENISMO

Após vários anos de relutância contra o ecumenismo proposto pelo Concilio Mundial de Igrejas, as igrejas ortodoxas da Rússia, Bulgária, Romênia e Polônia fizeram-se membros efetivos do Concilio, pelo qual a Igreja Católica Romana, até então indiferente e até mesmo suspeita, passou a demonstrar um profundo interesse.

Na assembléia do Concilio Mundial de Igrejas, reunida em Upsala, em 1968, os quinze observadores oficiais da Igreja Romana foram recebidos com uma calorosa salva de palmas. Inclusive

um deles chegou a dizer que esperava o dia em que sua igreja viesse a ser um dos membros efetivos do citado Concilio.

Por todo o mundo onde o Concilio Mundial de Igrejas tem as suas filiais, os católico-romanos e protestantes estão se aproximando cada vez mais, unindo-se em muitos dos seus projetos e atividades da igreja. Hoje é muito comum ouvir de cultos e outros eventos religiosos, celebrados por pastores protestantes e sacerdotes católicos, ou vice-versa.

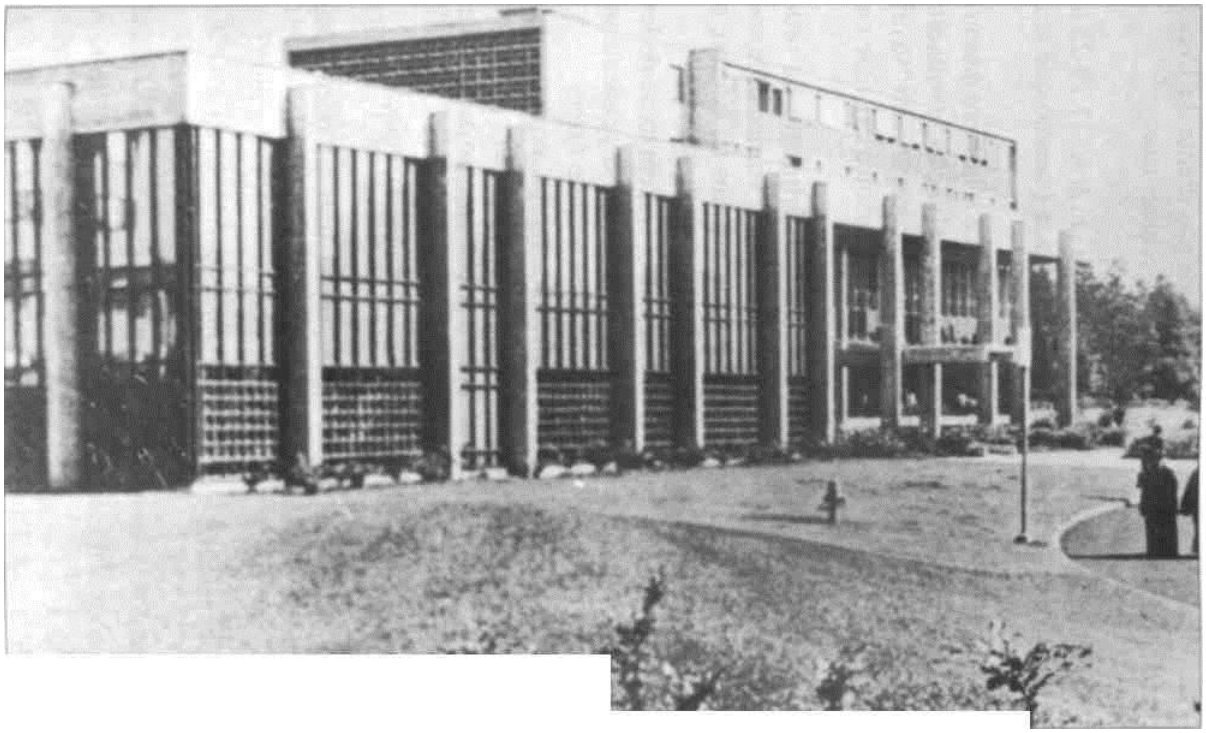
No Brasil, o ecumenismo tem lançado suas bases através do Concilio Nacional de Igrejas, e dele já fazem parte a Igreja Luterana, a Episcopal do Brasil, a Cristã Reformada e a Católica Romana.

5.4. NOSSAS OBJEÇÕES AO CMI E AO ECUMENISMO

O reverendo Alexander Davi, da Igreja Reformada, e professor do Seminário Teológico da Fé, de Gujranwala, Paquistão, abandonou o Concilio Mundial de Igrejas, e justificou a sua decisão com as seguintes palavras:

"O Concilio Mundial de Igrejas está nos levando para a Igreja Católica Romana. O seu programa expresso é conseguir a união de todas as denominações protestantes em primeiro lugar; depois a união com a Igreja Ortodoxa Grega, e finalmente a Igreja Católica Romana.

"Essa união com a Igreja Católica Romana será uma grande tragédia para as igrejas protestantes, porque, em conseqüência, destruirá o testemunho distintivo do protestantismo. A Igreja Católica Romana não modificou a sua doutrina desde os dias da Reforma do século XVI, pelo contrário, tem acrescentado muitas tradições e superstições ao seu credo. Portanto, no caso de uma união, as igrejas protestantes serão, em última instância, absorvidas em uma igreja católica monolítica" (O Presbiteriano Bíblico, dezembro de 69 e maio de 70).



Sede do Conselho Mundial de Igrejas (Genebra, Suíça)

Isto posto, é a seguinte a nossa posição diante do Concilio Mundial de Igrejas e de suas pretensões ecumenistas:

1) A unidade sobre a qual Cristo falou em João 17.19-23 tem o próprio Cristo, e não qualquer outra pessoa (mesmo que seja o papa), como centro de convergência.

2) Insistimos na absoluta necessidade de o homem nascer de novo (Jo 3.3), condição única para a salvação, enquanto o ecumenismo proposto pelo CMI procura congregar num "só rebanho", salvos e ímpios, como se nenhuma diferença existisse entre ambos.

3) Insistimos na necessidade do cumprimento da ordem missionária de Jesus, o que só será possível se virmos os homens como Cristo os viu, pecadores perdidos, sujeitos ao inferno, não importando a que religião pertençam (Lc 19.10).

4) Insistimos na unidade da Igreja invisível em torno de Jesus Cristo, mas sob a orientação do Espírito Santo, independentemente do que os esforços e a política humana possam fazer.

5) Cremos que o Concilio Mundial de Igrejas, com a sua política ecumenista, está sendo instrumento de Satanás para levantar na Terra uma superigreja que, após o arrebatamento da verdadeira e triunfante Igreja, dará suporte espiritual ao governo do Anticristo, da Besta e do Falso Profeta, durante a Grande Tubulação.

Por estas e tantas outras razões, repudiamos o Concilio Mundial de Igrejas e a sua política ecumenista.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, A.T. *O que É a Maçonaria.* Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

ALMEIDA, A. *O Sábado, a Lei a Graça.* Rio de Janeiro: CPAD, 1980.

CABRAL, J. *Religiões, Seitas* e *Heresias.* Rio de Janeiro: Universal Produções, 1980.

CAMPOS, H. O. *Roma, Sempre a Mesma.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1957.

CARSON, H. M. *O Novo Catolicismo.* São Paulo: Editora Leitor Cristão, s/d.

CHEETAN, E. *Novas Profecias de Nostradamus -1985 em Diante.*

COLOMBO, C. *Estudo Sobre o Espiritismo.* Indianópolis, São Paulo: s/d.

DECKER, J. E. *Ao Moroni, Com Amor.* Miami: Editora Vida, 1981.

DREYER, F.C.H. *A Bíblia e o Catolicismo Romano.* Teresópolis, RJ: Casa Editora Evangélica, 1961.

ERNEST, V. H. *Eu Falei com Espíritos.* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1975.

FERREIRA, J. A. *O Espiritismo, uma Avaliação.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1969.

FRASER, G. H. *Seria Cristão o Mormonismo?* São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1965.

FRESTON, P. *Cuba e Nicarágua, uma Análise dos Processos Revolucionários.* São Paulo: ABU Editora, 1985.

GARDNER, E. C. *Fé Bíblica e Ética Social.* São Paulo: Juerp/ Aste, 1982.

GASSON, R. *Espiritismo: Fraude Cativante.* Rio de Janeiro: Emprevan Editora, 1969.

GIAMBELLI, M. M. *A Igreja Católica e os Protestantes.* Bragança,

PA: Edição do autor, 1976.

LIRA, J. B. *A Maçonaria e o Cristianismo.* Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.

LIMA, D. S. *Analisando Crenças Espíritas e Umbandistas.* Rio de Janeiro: Juerp, 1979.

KELLER, W. *E a Bíblia Tinha Razão.* São Paulo: Melhoramentos,

1986. MAXWELL, C. M. *Histórias do Adventismo.* São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MCELVEEN, F. C. *A Ilusão Mórmon.* Miami: Editora Vida, 1981.

MENNEY, P. *Kleptocracia, a Corrupção na União Soviética.* Rio de Janeiro, Editora Record, 1982.

Mensageiro da Paz, Nº 1133, Setembro de 1981, Rio de Janeiro: CPAD.

NOVAIS, M. A. Trad.: *Testemunhos sobre a Maçonaria.* São Paulo: Livraria Independente Editora, s/d.

OLIVEIRA, R. F. *A Verdade sobre a Trindade.* Teresina, PI: Edição do autor, 1978.

----------*Espiritismo, Que Diz a Bíblia?* Altos, PI: Edição do autor, 1976.

---------- *Revista da ED: "Maturidade Cristã.",*
Rio de Janeiro: CPAD, IºTrimestre de 1986.

----------*Heresiologia.* Campinas SP: EETAD, s/d.

OLCOTT, H.S. *Raízes do Ocultismo, A verdadeira História de Madame H.P. Blavatsky.* São Paulo: Edições Ibrasa, 1983.

PENNA, J. O. M. *O Evangelho Segundo Marx.* São Paulo: Editora Convívio, 1982.

PEREIRA, E. C. *Maçonaria e Igreja Cristã.* São Paulo: Livraria e Editora Pendão Real e Ltda, s/d.

POLMAN. *Barth.* Recife, PE: Cruzada de Literatura Evangélica do Brasil, 1969.

RANSON, I. T. *O Mormonismo.* São Paulo: Imprensa Batista Regular, s/d.

REIS, A.P. *A Guarda do Sábado.* São Paulo: Edições "Caminho de Damasco", s/d.

---------- • *Missa.* São Paulo: Edições "Caminho de Damasco", 1976.

---------- • *Pedro Nunca Foi Papa.* São Paulo: Edições "Caminho de Damasco", 1975.

Revista ELO, Nº 5, Ano 2, São Paulo, 1980.

Revista Manchete, 09.09.1981, Bloch Editora, Rio de Janeiro.

Revista Planeta, 4ª ed., julho de 1988

Revista Planeta, edição especial, dezembro de 1984.

SCHAEFFER, F. A. *Neomodernismo ou Cristianismo?* São Luís, MA: Livraria Editora Evangélica s/d.

TRUJILLO, A. L. *Liberação Marxista e Liberação Cristã.* Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1977.

VAN BAALEN, J. K. *O Caos das Seitas.* São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1970.

VIER, F. *Compêndio do Vaticano II.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1968.

WALKER, L. J. *Qual o Caminho?* Miami: Editora Vida, 1981.

WASSERZUG, G. *O Caminho Fatal do Movimento Ecumênico.*
Porto Alegre, RS: Obra Missionária Chamada da Meia
Noite, s/d.

SEITAS HERESIAS

Um sinal do fim dos tempos

A multiplicação das seitas e a disseminação das heresias dão inconteste prova de que estamos vivendo os últimos dias da Igreja na terra.

Ainda que o engano seja algo inerente à condição do homem caído, é evidente que nunca a verdade foi rejeitada tão veemente e as Escrituras combatidas tão ferozmente quanto nos dias hodiernos.

O questionamento das verdades divinas, por parte dos heresiarcas deste século, tem minado a fé e destruído a convicção espiritual de milhares de cristãos, hoje.

Com o propósito de ajudar o povo de Deus a discernir entre a verdade bíblica e o erro ensinado pelas seitas falsas nos dias atuais, é que este livro foi escrito. Deus espera que estejamos preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós (1 Pe 3.1 5), e que nos apiedemos daqueles que estão sendo vencidos pela dúvida, salvando-os e "arrebatando-os do fogo; tendo deles misericórdia" (Jd v.23).

O Autor

Raimundo de Oliveira é ministro do Evangelho, autor dos livros Como Estudar e Interpretar a Bíblia, As Grandes Doutrinas da Bíblia e Esboços de Sermões e Estudos Bíblicos, editados pela CPAD.